

Resgate
coleção

Terra de Ninguém

Francisco Galvão



Valer
EDITORA

CULTURA

Edições
Governo do Estado



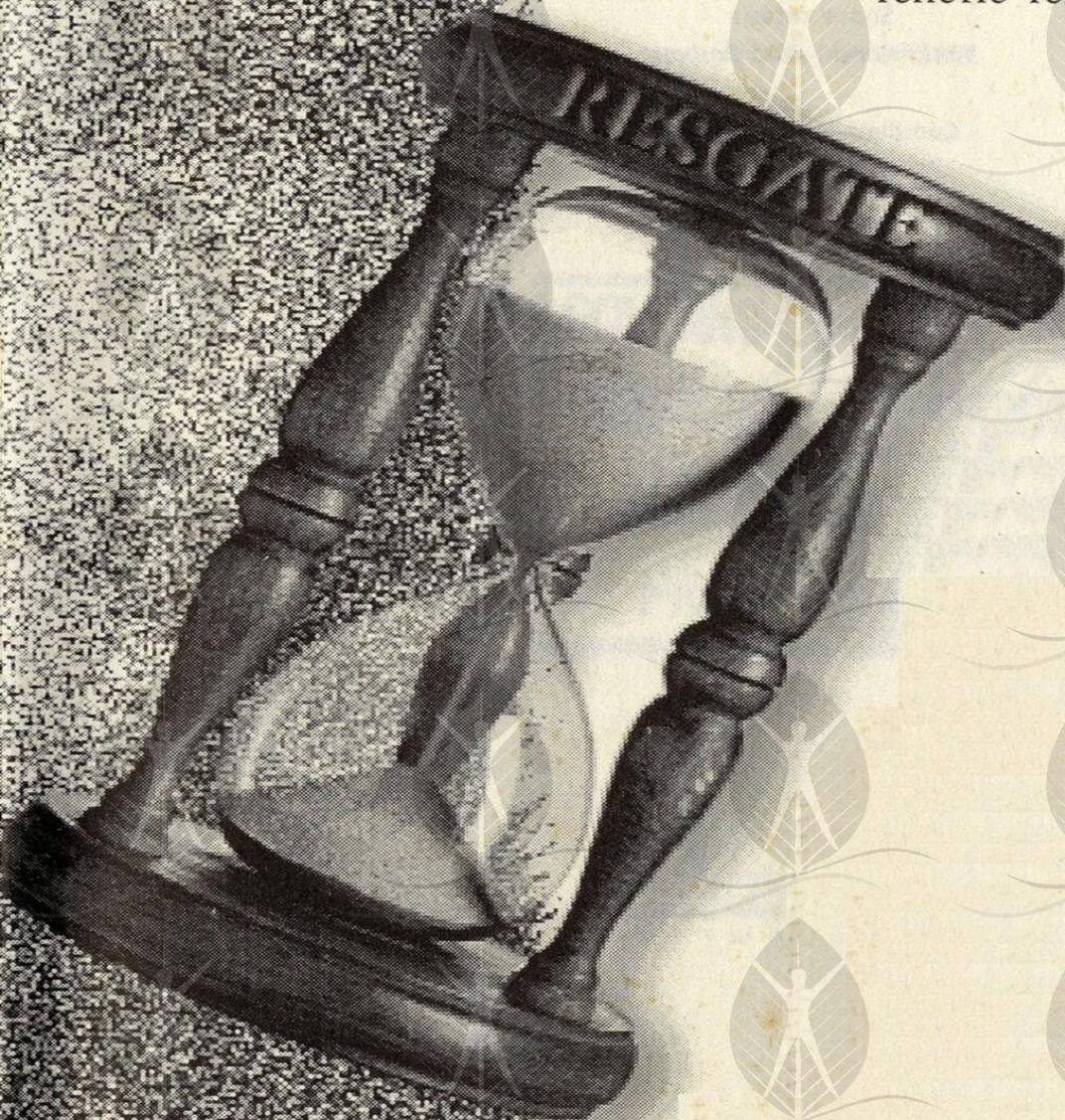
Terra de Ninguém

Romance Social do Amazonas

Coleção Resgate II

Coordenação

Tenório Telles



GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

 **AMAZONAS**
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editora Valer

Francisco Galvão

Terra de Ninguém

Romance Social do Amazonas

Estudo crítico

J. Almerindo Rosa

2.^a edição revista

Valer
EDITORA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Editora Valer, 2002

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

Marcicley Rego

(Capa – Composição com detalhe
da obra *Pelo Rio*, de Sergio Cardoso)

DIAGRAMAÇÃO

Horácio Martins

Revisão

Alcides Werk

Cynthia Texeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

Pesquisa

Regina Páscoa

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

G331f Galvão, Francisco.

Terra de Ninguém. / Francisco Galvão. Organização Tenório Telles e estudo crítico por J. Almerindo Rosa. 2.^a ed. revista – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

176p. (Série Coleção Resgate II, 6)

ISBN 85-7512-034-4

1. Literatura brasileira – Romance I. Título. II. Série.

CDU 82-31(811.3)

2002

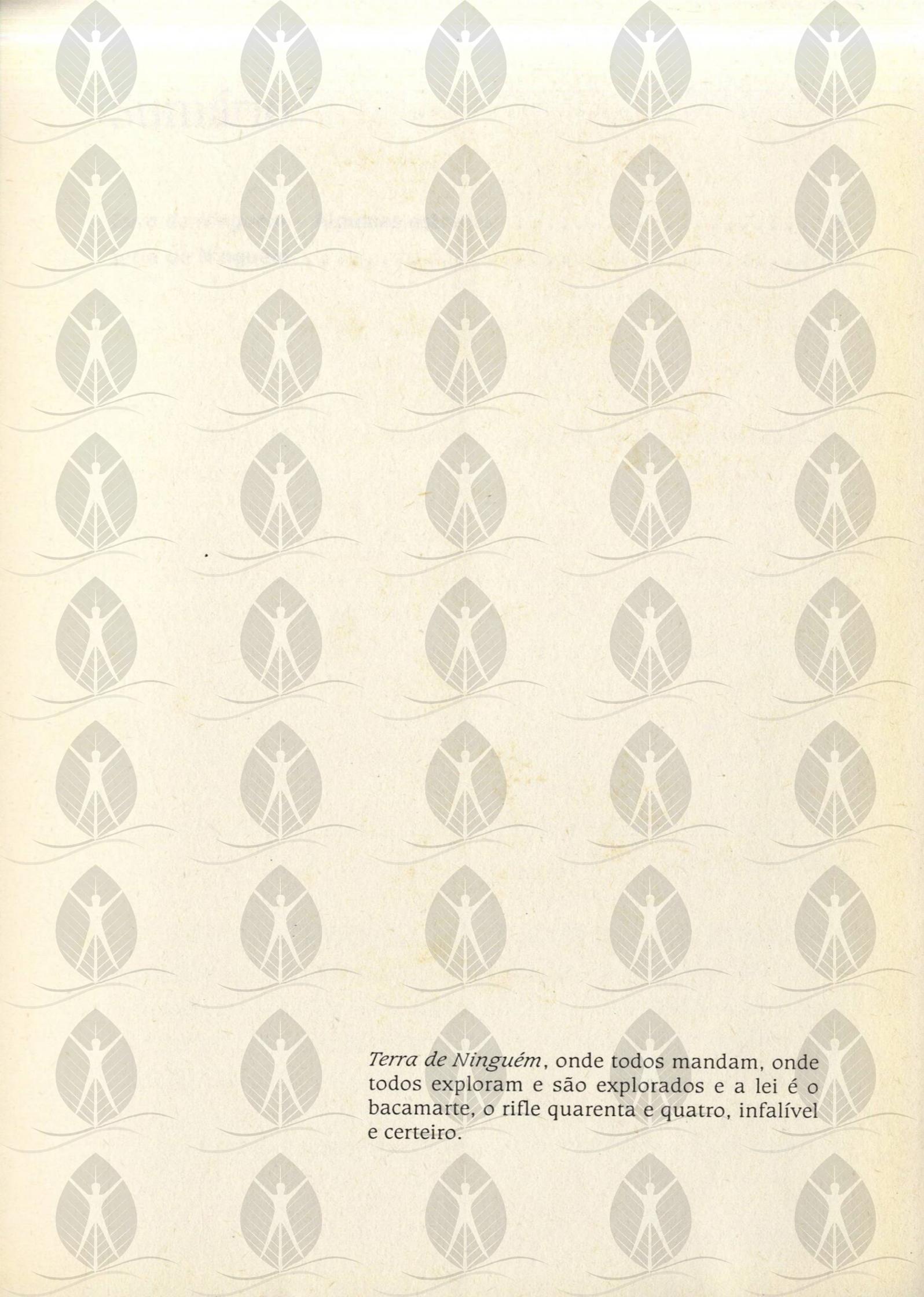
Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

E-mail: editora@valer.com.br



Terra de Ninguém, onde todos mandam, onde todos exploram e são explorados e a lei é o bacamarte, o rifle quarenta e quatro, infalível e certo.

Sumário

<i>Terra de Ninguém</i> – Algumas estradas	9
<i>Terra de Ninguém</i>	53

Terra de Ninguém – Algumas Estradas...

J. Almerindo Rosa*

Assim, Terra de Ninguém. Justamente porque é terra de ninguém, é também terra de todos, e movimentam-se ali, com absoluto desembaraço, as duas personalidades em que a de Galvão se desdobra.

Benjamin Lima

De nítido ficava apenas o drama obscuro do seringueiro, na selva cúmplice e silente.

Ferreira de Castro

A Amazônia, em verdade, forma-se à imagem do cearense e da seringa, chaves da nossa formação social e econômica.

Samuel Benchimol

O ciclo...

O “manso” de volta ao Ceará será “paroara” para o resto da vida.

Samuel Benchimol

Terra de Ninguém segue a trilha de outras obras literárias que exploraram e exploram o período do extrativismo do látex na Amazônia. Um dos primeiros romances ligados a este ciclo é “O Paroara” (1899), de Rodolfo Teófilo. Outras obras seguiram-lhe a temática:

* José Almerindo Rosa é professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Militar de Manaus.

Inferno Verde (1908), contos de Alberto Rangel; *Deserdados* (1921), de Carlos de Vasconcelos; *A Selva* (1930), de J. M. Ferreira de Castro; *Amazônia que ninguém sabe* (1932), rebatizada na edição de 1934 de *Terra de Icamiba*, de Abguar Bastos; *Marupiara* (1935), de Lauro Palhano; *Beiradão* (1958) e *Banco de Canoa* (1963), obras de Álvaro Maia; *Arapixi* (1963), de Adauto de Alencar Fernandes; *Coronel de Barranco* (1970), de Cláudio de Araújo Lima; *Dos ditos passados nos acerdados do Cassianã* (1969), de Paulo Jacob. Também não podemos esquecer as estórias que encerram os volumes de Contos de Erasmo Linhares: “Três estórias da terra” e “Três estórias de Zeca Dama”, que pertencem respectivamente aos livros *Tocador de Charamela* (1979) e *O navio e outras histórias* (1999).

Dentre estas obras sobressai-se *A Selva*, obra provavelmente lida por Francisco Galvão. Confrontarmos alguns aspectos dos dois romances parece oportuno.

Assim como o personagem Alberto, de *A Selva*, parte de Belém para o seringal “Paraíso” no rio Madeira, Anatólio, personagem-narrador de *Terra de Ninguém*, parte de Manaus, tendo embarcado no “roadway” para o “Remanso”, também às margens do Madeira.

A grande diferença entre os romances está na narrativa. A de Ferreira de Castro contém mais aspectos descritivos. Além disso, as imagens que se nos apresentam e a linguagem são superiores às da obra de Galvão, cuja narrativa é bastante contida.

O personagem Alberto, no decorrer do romance e em contato com os seringueiros, humaniza-se e amadurece. Ele que, inicialmente, sentia-se superior aos homens a

caminho do seringal e que também para lá foi mais por imposição da vida, que por desejo, ao final da narrativa, sente-se outra pessoa.

Já o personagem Anatólio procura, propositadamente, o caminho do seringal, conforme narra: “Somente me serviria a selva enorme, erizada de mistérios, grávidas de perigos, onde melhor aprenderia a conhecer os segredos da vida”.

Ao longo de 42 capítulos, temos um pouco da vivência de Anatólio, da labuta de vários seringueiros, do serviço do pessoal do barracão e do dia-a-dia da família de Manuel Lobo, proprietário do seringal “Remanso”.

O seringueiro nordestino, em especial o cearense, predomina no romance e, ao lado destes companheiros, Anatólio penetra na vida do seringal como *brabo*. Segundo depoimento recolhido por S. Benchimol, em *Romanceiro da Batalha da Borracha* (1992): “No primeiro ano a gente é brabo, no segundo é barrigudo, no terceiro é que chamam de manso” (p. 147).

O jovem vindo de Manaus, mesmo sendo recomendado por Isidro, o contratador, vai, primeiramente, para a *estrada* São João, com promessa de vir para o escritório do armazém quando necessário.

Anatólio, ao deparar-se com “uma barraca em ruínas”, reflete ironicamente sobre as diferenças sociais: “Ali seria o nosso lar. Naquela miséria é que haveríamos de aguardar a visita da Fortuna, quando esta, cansada de atender os desejos dos ricos, se acertasse o caminho, e não temesse a distância, quisesse se perder no labirinto intrincado da selva misteriosa”.

Os filhos...

Os filhos estudando nos melhores colégios.

F. Galvão

Ao acontecer o desembarque dos filhos de Manuel Lobo, Nadesca e Wagner, outras idéias são acrescentadas à narrativa romanesca: feminismo e socialismo.

Nadesca, segundo a própria, amava “os livros modernos, sobre as novas doutrinas sociais da Rússia”. Acreditava que lá não havia “o preconceito egoísta de classes”.

À proporção que, para Anatólio, cresce a simpatia pela pessoa e pelos ideais de Nadesca, aumenta a antipatia por Wagner que “só pensa no Rio” e gosta de contar “suas conquistas na Faculdade, os desportos, a sua inclinação pelos clubes náuticos”.

Nadesca, assim como o jovem Lúcio Marçau de *A Bagaceira* (1928), percebe os males sociais do seringal “Remanso” e, por perceber, dirige-se ao pai e reclama contra os maus-tratos infligidos ao homem que “estava estendido no chão, os membros presos a pesadas argolas”, isto é, no tronco, “instrumento de martírio usado no “Remanso”, aos que caíam no desagrado do patrão:

“– Não se meta mais com a vida do seringal. Isso compete a mim e ao Wagner, que somos homens”.
Responde-lhe o pai.

Unidos pelas idéias, Anatólio e Nadesca acompanham-se em passeios e pescarias pelo seringal.

É interessante notar-se a semelhança de alguns aspectos da pesca, narrada mais detalhadamente por Fer-

reira de Castro, na cena entre o seringueiro Firmino e o *brabo* Alberto e a narrativa sintética vivida por Anatólio e Nadesca.

Firmino, remando, avisa: “se baixe, seu Alberto, olhe os ramos que lhe tira os olhos”, e Anatólio avisa Nadesca: “– Tenha cuidado com os olhos, desvie-se sempre dos galhos...”

Anatólio, em seguida, coloca o espinhel, “uma corda fina reunindo várias outras, em cujos pontos dançavam anzóis”.

Em *A Selva*, assim é narrada a mesma ação praticada por Firmino: “Era branca e delgada a corda onde se prendiam outras mais curtas, providas de anzóis e sementes de catauari. Amarradas as extremidades a dois troncos, a maioral ficou estendida, em ligeira curva, à flor da água, enquanto para o fundo desciam as suas tentações”.

Mais uma vez prevalece o poder de observação do luso sobre o amazônida.

Prosseguindo a mesma pescaria, Nadesca, enquanto “esperava que os peixes beliscassem o espinhel, o que seria anunciada pela bóia de caroço de catauari”, admirava “maguaris melancólicos, garças pensativas, jaburus esquivos...” Em *A Selva*, “Alberto reconhece logo a garça nívea e delicada, o jaburu tristonho e o maguari pensativo...”

Já ao fim da pescaria, os dois recém-chegados encontram o poraquê. Alberto, orientado pelo companheiro, “logo se sentiu percorrido por um forte choque elétrico”. Nadesca interroga Anatólio sobre o *Gyunotos*

electricus e afirma preferir o nome amazônico por ser “mais bonito, mais onomatopaico”.

Os encontros e as conversas de Nadesca e Anatólio continuam, surgindo daí os fatos que aceleram a revolta final de *Terra de Ninguém*.

Os personagens...

Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena... Nem ao menos barracha está dando dinheiro...

Rachel de Queiroz, *O Quinze*

Dentre os personagens secundários do romance de F. Galvão, dois merecem destaque: Zé Vicente e Epifânio. Zé Vicente, o seringueiro cearense, o contador de façanhas e cantador de trovas. Era também ele que proporcionava a alegria nas barracas dos seringueiros com anedotas. Porém a cabeça estava sempre no Ceará, mais exatamente com “a noiva, a do Rosário”. Depois de saber da morte da noiva, Zé Vicente faz galanteios, ao som da viola, para Felica, com quem futuramente se amiga. Por causa dela, Zé Vicente, assassina Wagner e é condenado a trinta anos de prisão.

O outro personagem que se sobressai na trama é o ex-escravo Epifânio, tido como “fazedor de feitiço”, no seringal. Na realidade é o observador das mazelas acontecidas no ambiente em que vive. De acordo com ele “— Deus tá lá em riba e não drome”. Enquanto o negro reza “com boa vontade a bicheira de uma rês ou um engasgo

de osso de galinha”, vai vivendo sua vida dizendo-se seguidor da linha branca da Umbanda. Porém, certo dia encontraram, na porta do barracão, uma receita dedicada a Exu-Tiriri.

A figura de Epifânio, carregada de idéias de sobrenatural, percorre o desenrolar dos fatos. Manuel Lobo parece pressentir o próprio final trágico. Epifânio nos conduz a mais um paralelo com *A Selva*: o ex-escravo Tiago, alcunhado “o estica”. Este admira e respeita Juca Tristão (seringalista todo-poderoso do “Paraíso”), porém não o perdoa quando vê os seringueiros que haviam fugido, presos ao tronco. Este fato o faz reviver a época do cativo e, embora lamentando, pratica o incêndio criminoso causador da morte do patrão.

Os dois personagens que vieram da escravidão não admitem o castigo do tronco. Castigo, que em ambas as obras, é um dos determinantes das mortes dos seringalistas.

As idéias...

Eu creio na renovação do Brasil. A Revolução vem aplainando o terreno. Já existem leis sociais interessantes...

F. Galvão

Algumas idéias são sugeridas na obra. O feminismo aparece de maneira latente, apenas em diálogos entre Nadesca e Anatólio.

O socialismo é uma das idéias matrizes da obra. Rússia, Revolução Russa, Capitalismo, operário, burgue-

ses e outras palavras do mesmo teor político percorrem *Terra de Ninguém* depois da chegada de Nadesca ao seringal “Remanso”.

Para Afrânio Coutinho, o regional “alia-se à questão social e ao drama proletário. O romance social e revolucionário é um natural desdobramento do documentário regional e vai caracterizar a produção da “geração revoltada” da década de 30.

Capitulino, personagem vindo do Sul, com noções de sindicato e direitos trabalhistas, encara os ideais da “geração revoltada”. O mesmo informa aos companheiros: “– Sabe, negrada? Recebi cartas do Rio. A coisa vai mesmo. Movimento social toma corpo. O meu sindicato manda-me alertar. O brado de milhões de bocas famintas, o gesto de milhões de braços erguidos, tem encontrado apoio do governo”.

Nadesca, paulatinamente, vai catequizando o personagem narrador: “Dava-me para ler os livros russos, com traduções berrantemente vermelhas. Povoara-me o cérebro das novas idéias. Tinha-me ao par da luta de Trotski contra Stalin”.

Capitulino continua a semear idéias entre os seringueiros: “... quando sentissem que o patrão não tinha o direito de os acorrentar eternamente ao trabalho; aí então é que o Amazonas progrediria”.

No último capítulo deflagra-se a revolta. Capitulino comanda e a capitulação do “Remanso” é rápida. “Uma bala certa” prostra ao chão o Manuel Lobo. Epifânio, ajoelhado, dirige-se ao céu: “Custou mas veio. Deus não deixava de vi castigá este miserave...”

A linguagem...

Lê-se o romance com certo aprazimento, pois todo ele está escrito numa linguagem singela, desataviada, mas viva e bastante sugestiva.

Roberto Seidl

Não é das mais ricas e criativas a linguagem da obra. Vale-se a mesma da simplicidade e da facilidade. Sente-se que Galvão é mais um cronista, em favor de uma idéia – o socialismo –, que um escritor inventivo, tendo como finalidade a literatura.

Comparando-se *Terra de Ninguém* com outros romances da linha social de 30, observa-se justamente a riqueza da linguagem em romances como *A Bagaceira* (J. A. de Almeida), *O Quinze* (R. de Queiroz), *Terra de Icamiba* (A. Bastos) e outras mais, quer sejam de Lins do Rego, Graciliano ou J. Amado.

Das frases curtas de J. A. de Almeida, algumas são carregadas de poesia: “O amor é uma gradação de sentidos: começa pela necessidade de ver”. Já, em *O Quinze*, a Conceição de Rachel de Queiroz, ironicamente, conclui depois de referir-se ao fervor religioso do povo maltrapilho: “E novembro entrou, mais seco e mais miserável, afiando mais fina, talvez por ser o mês de finados, a imensa foice da morte”.

Sobressaem-se, contudo, alguns trechos do romance social do Amazonas pelo lirismo: “Aqui e acolá um paraná estreito que o navio singrava, e o pisca-pisca, de um farol indicando o refúgio modesto de um lar. Casa de palha de ubi, sem móveis, sem luxo, e a Felicidade lá dentro, sem vontade de sair”.

Outro parágrafo nos chama atenção pela criativa denúncia social: “Fora do tapiri, um curumim sujava displicentemente à sombra da ingazeira, com barriga inchada, cheio de verminose, comendo um pedaço de barro”.

Em outras passagens do romance, Nadesca, enquanto conversa com Anatólio, observa o homem rude: “Criaturas crucificadas pelo Destino, curvas como canivetes, ...” e lamenta que o civilizado os explore sem os educar.

A mesma comparação aparece no próximo romance do autor – *Trópico* (1938) – em uma reflexão do personagem Fernando: “A verdade estava com aqueles homens, seus semelhantes, que começavam a se fazer respeitar pela força consciente de seus sindicatos. Criaturas crucificadas pelo destino, curvas como canivetes que sentiam surgir a sua consciência coletiva”.

O estilo conciso de Galvão, em um parágrafo, coloca-nos diante da cheia amazônica: “A cheia talava tudo, escondendo as praias, desvirginando terras, engolindo, tragando raízes. A água dominava a paisagem. Entrava pelos varadouros, desventrava os igarapés, invadindo as restingas. As águas paradas dos igapós recebiam a seiva da vida com a visita inoportuna, do rio. Cipós e lianas, apareciam e desapareciam”.

O quadro é vivo, é real, os verbos são exatos e os vocábulos regionais dizem mais da cor local.

A grande vantagem do estilo de F. Galvão está na economia. A pretensão do autor, provavelmente, não era criar apenas literariamente uma obra, e sim despertar em seus leitores a consciência da luta social. Não pretendia,

talvez, uma obra para letrados, mas para o operário, o homem simples.

Os índios...

Ainda no rio Madeira, no centro do vale do rio Ji-Paraná, já para os lados da extrema de Mato Grosso, habitam os terríveis índios Parintintins, que incontestavelmente, são os mais ferozes, os mais indomáveis, os mais antropófagos, os mais valentes e, indiscutivelmente, os mais numerosos.

Adauto de A. Fernandes

O temor dos Parintintins é uma das preocupações constantes dos trabalhadores das estradas do “Paraíso” em *A Selva*. No capítulo XIII do romance neo-realista português, acontece o que tanto temia Alberto: o ataque dos índios.

Em *Terra de Ninguém*, os brabos pensam em escapar “à fúria dos Parintintins”, mas a localidade “Purupuru” é atacada pelos índios e três pessoas são mortas.

Adauto Fernandes, em *Terra Verde* (1925), assim descreve a ação dos Parintintins: “Em bandos consideráveis, ébrios pela volúpia de sangue que os domina, matam, esquartejam e degolam todas as suas vítimas, carregando-lhes apenas as cabeças que servem à fúria canibalesca de suas festas de vitória”.

Consoante, podemos confirmar nos trechos que se seguem, há verossimilhança nas narrativas de Castro e Galvão: “Os índios já tinham a cabeça do Procópio enfiada numa vara e iam aos pulos para a barraca” (*A Selva*).

“Malvados e desumanos, àquelas horas estariam certamente fazendo festas, em honra das cabeças levadas como troféus”. Assim pensa dona Rosa, esposa, de Manuel Lobo, lamentando e recriminando a horrenda ação dos nativos das matas.

Em seqüência a esta ação, Anatólio, o narrador, está em Humaitá, portanto ausente do seringal. Apesar disto, relata o idílico fato vivido por Nadesca, que “recostada ao tronco de uma ingazeira, vendo o perfil da lua, em minguante, surgido entre as primeiras estrelas, recitava baixinho estes versos de uma índia”.

Os versos recitados por Nadesca são os mesmos recolhidos por Couto de Magalhães (1837/1898) em *O Selvagem* (1876) com pequenas alterações, conforme veremos. A índia, em *O Selvagem*, invoca Rudá na 2.^a pessoa do singular e Nadesca, mais respeitosa, o invoca na 2.^a do plural.

Rudá, o deus do amor, é-nos apresentado assim por Couto de Magalhães: “As tradições figuram-no como um guerreiro que reside nas nuvens. Sua missão é criar amor no coração dos homens, despertar-lhe saudades e fazê-los voltar para a tribo, de suas longas e repetidas peregrinações”.

A índia saudosa devia, ao pôr-do-sol ou ao nascer da lua, estirando o braço direito na direção onde devia estar a pessoa amada e cantar:

*Rudá, Rudá
Iuaka pinaie,
Amãna reçaicú...*

*O Rudá
Tu que estás nos céus
E que amas as chuvas...*

Iuaka pinaie

Aiuté cunhã

Puxiuéra oikó

Ne mumanuára cé recé

Quahá caarúca pupé.

Tu que estás nos céus

por mais mulheres que tenha

as ache todas feias;

faze com que ele

se lembre de mim esta

tarde quando o sol se ausen-

tar no Ocidente.

Soube-o muito bem, o narrador, aproveitar o clima saudoso para inserir o poema de amor indígena e assim reforçar a união dos amantes.

Os muras, os terríveis muras, conforme conta *A Muraida* (1818) de Wilkens, que foram tragicamente reduzidos, no verdadeiro sentido da palavra, surgem em *Terra de Ninguém* como “meio civilizados” e “prestando grandes serviços na lavoura”. No romance eles aparecem fazendo uma farinhada, acompanhando tudo com a “música bárbara de cantos melancólicos...”

O cenário...

Essa obra fixa o drama angustioso que se desenrola no cenário amazônico e reflete a época que passa, com barulho das polias das máquinas, a opressão e a luxúria do ouro.

Do *Commercio*, R. G. do Sul

Aguiar e Silva, em *Teoria de Literatura*, classifica os tipos de romance em: romance de ação, de personagem e de espaço. O romance de espaço caracteriza-se “pela pri-

mazia que concede à pintura do meio histórico e dos ambientes sociais nos quais decorre a intriga”. Cita, dentre outros, como exemplo, *A Selva*, de Ferreira de Castro e encerra o parágrafo afirmando: “o romance brasileiro, por exemplo, tende poderosamente para este tipo de romance”.

O cenário predominante em *Terra de Ninguém* é a selva amazônica na região do rio Madeira. Nele, os seringueiros, além da rotina, enfrentavam a floresta. Segundo o narrador, com os pés “calçados em sapatos de sernambi” penetravam “na floresta para o trabalho do corte,...” e “saíamos rasgando a roupa grossa de azulão nas tiriricas, enquanto os cipós malvados se enlaçavam na gente dando trabalho”.

Fugindo um pouco do cenário natural e penetrando no estilo, o adjetivo “malvado” não é dos mais aplicáveis aos cipós. Se não foi feliz nesta escolha do qualificativo, foi bastante criativo ao aplicar o atributo *macia* às superstições caboclas conforme veremos a seguir.

Ao penetrarem em “a ilusão permanente, eterna do verde” e depois de ouvirem “a superstição macia dos caboclos” deparam-se “com uma árvore imensa em cujas raízes elevadas do solo, podiam abrigar-se vinte homens. Era a sapopema”.

Alberto, o monarquista português, depara-se com uma “alta gruta de raízes, que uma só árvore lançava” e, enquanto observa “o raizado enorme, que se espalmava em lâminas, grossas como paredes, e se retorcia também, decorativamente, em cordame manuelino”, Firmino explica-lhe: “É uma sapopema”.

Ferreira de Castro é mais claro ao retratar as imensas raízes e também pelo emprego do “cordame manuelino”.

Alberto e Anatólio ouvem o mesmo conselho: ao se perderem na densa mata, batam nestas raízes e alguém os ouvirá.

Adauto Fernandes, em nota de pé de página, no romance *Arapixi*, nos apresenta a etimologia desta palavra: “Sapopema, s.t. Tupi – origem aruaque. Compõe-se de SAPU = raiz chata, larga + PEMA = quantidade, porção, abundância. Significa raiz em forma de tábua, muito comum nas grandes árvores da floresta amazônica. Essas raízes se erguem do solo, alcançando algumas mais de dois metros. Vocábulo nheengatu ou neo-tupi”.

A cheia, a terra caída e a maleita compõem o cenário. A maleita é narrada pelo próprio Anatólio que a sofreu e constitui-se num dos pontos positivos da obra. O delírio da febre palustre une-se às lendas amazônicas.

Após o ataque da sezão, há a busca da cura através da sabedoria do pajé, que inicialmente aparece como Chico Breve e depois como Chico Bento.

O tempo...

...na década dos anos 10, a abundância e a improvidência; na década dos anos 20 e 30, a penúria e a depressão...

Samuel Benchimol

Quanto ao período histórico, além das referências à Revolução Russa, existem referências aos “sacrifícios dos

dezoito do Forte de Copacabana” e ao tenentismo de 1924. Segundo o narrador, através de informações dadas pelos jornais recebidos de Manaus, “os tenentes continuavam a mandar. Falava-se mesmo, em Manaus, sem reserva, que os decaídos não teriam água do pote. Havia de se fazer justiça contra a corja que tanto engordava na Velha República”.

Em outra passagem, fica-se sabendo que o coronel seringalista “tornava-se num boneco, sem vontade, sem ânimo, acionado pelos desejos mais absurdos dos Monteiro, que dominavam a política”.

De acordo com Souto Loureiro, em *Síntese da História do Amazonas*, César do Rego Monteiro “governou no período de 1.º de janeiro de 1921 a 10 de junho de 1924”, quando, por doença, licenciou-se “e viajou para a Europa, deixando o governo entregue a seu genro Turiano Chaves Meira, presidente da Assembléia Legislativa”.

A situação do governo Rego Monteiro facilitou o desenvolvimento a 23 de julho, da Revolução de 1924, chefiada pelo 1.º tenente Ribeiro Júnior.

A narrativa de F. Galvão, conforme percebemos, mistura fatos da década de 20 a fatos do início da década de 30, quando os tenentes comandaram, realmente, a política amazonense.

Neste período, conhecido como depressão, ocorrido entre as duas batalhas da borracha, conforme explicação de S. Benchimol, a exportação da borracha atinge os pontos mais críticos.

Para Benchimol, “a I Batalha da Borracha ocorreu no período de 1850 a 1915”, sendo a II Batalha da Bor-

racha travada durante os anos de 1942 a 1945". As *batalhas* significam os anos de grande produção e de grande importação de mão-de-obra nordestina.

Durante estes 27 anos, vamos nos deter nos anos vinte e início dos trinta, em que acontece a ação do romance. O ano de 1921 foi o pior para a produção do látex na Amazônia.

Para quem, antes da produção do Oriente, já havia produzido em 1911, consoante dados de Souto Loureiro (p. 243), 44.296 toneladas, ou conforme Benchimol (p. 118), em 1912, 42.286 toneladas, o ano de 1921 foi o mais negro do período extrativista. Apenas 17.493, segundo Benchimol, e 19.837 toneladas de acordo com Souto Loureiro.

Neste clima político-econômico-social desenvolve-se a trama do romance que culminará na revolta socialista. Contudo, o pior ainda estava por vir: 1932. Este ano da depressão chega à baixíssima produção de 6.224 e 6.550 toneladas de acordo com os dados, respectivamente, de Benchimol e Loureiro.

A maioria das obras que exploram o período da borracha apontam justamente para a desvalorização do produto no mercado internacional. Meio pelo qual mais os seringalistas prendiam, através das contas, os seringueiros.

Mudando do aspecto político-econômico para o político-econômico-jurídico, temos uma conversa em que o advogado da família promete apelar, amigavelmente, para os poderes da maçonaria e da firma J. G., que estão acima da cega justiça.

Nesta conversa do advogado com a família de Manuel Lobo, relativa ao julgamento do seringueiro Zé

Vicente, é dito pelo personagem Dr. Frederico Monteiro que o Tribunal não dará “provimento à apelação feita pelo imbecil do Alberto Maia, um poeta de melenas enormes, e idéias curtas”.

Temos aí clara referência ao escritor e político amazonense Álvaro Maia (1893/1969). Esta animosidade, provavelmente, foi causada por motivos políticos. F. Galvão abandona a política em 1930 e neste mesmo ano Álvaro Maia assume como interventor Federal e governa de 20 de novembro do mesmo ano a 10.7.1931.

É bom lembrarmos que Álvaro Maia, em 1923, quando do centenário da adesão do Amazonas à Independência do Brasil, em 9 de novembro, pronunciou no Teatro Amazonas a “Canção de Fé e Esperança” na qual pedia: “Todas as bênçãos devem cair sobre os homens destemerosos que desbravam o Amazonas – os nativos caluniados, que morrem em sua trincheira de honra, e os sertanejos do nordeste calcinados, os cearense que, talvez, pela seleção em que vivem, constituem o expoente rácico mais definido e característico do Brasil”.

Se compararmos as idéias contidas no longo discurso-canção de A. Maia com os ideais de beleza e renovação expressas no “Manifesto da Beleza” de F. Galvão, ambos produzidos em 1923, constatamos que os dois amazônidas queriam o melhor para este chão quer no campo político-social, quer no âmbito artístico. Portanto, analisando-se os fatos, é de notar-se que o adjetivo aplicado ao personagem Alberto Maia não serve para o homem Álvaro Maia.

Este é o personagem ofendido por F. Galvão ou, como escreveu o professor Mário Ypiranga, em nota

manuscrita no volume que se encontra na Biblioteca do INPA, “para esculhambar o Dr. Álvaro Maia”. Francisco Galvão e Álvaro Maia nasceram às margens do Madeira e lutaram pela terra. Não podemos concordar que o poeta de “Buzina dos Paranás” fosse de idéias curtas, embora possuísse melenas longas.

O romance de 30...

A verdadeira explosão de criação ficcional nos anos trinta marca uma fase nova e particularmente fecunda no desenvolvimento da moderna literatura brasileira.

José Maurício Gomes de Almeida

No período de 1928 a 1935, para melhor situarmos *Terra de Ninguém*, surge no Brasil e ganha corpo o melhor da produção romanesca brasileira. J. M. Gomes de Almeida, em *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro* (1981), escreve: “Os escritores agora parecem mais preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa”. Isto pode ser demonstrado através da leitura de *Terra de Ninguém*. Sente-se que o autor prefere lançar o grito da luta social dos proletários a criar uma obra carregada de significados.

Já Fábio Lucas afirma que, rigorosamente, “toda obra literária que fixasse uma personagem (imitação do homem real) poderia, em sentido amplo, ser considerada de caráter social...”

“Romance Social do Amazonas” é o substituto de *Terra de Ninguém*. Anatólio costuma dizer que prefere a companhia dos humildes, e a burguesa Nadesca oferece-lhe a bagagem teórica sobre os ideais socialistas. Idéias estas que estão acima dos desejos amorosos da dupla de personagens.

Jorge Amado, ao lançar em 1933 *Cacau*, escreve pretender com o livro “um mínimo de literatura para um máximo de honestidade” e interroga-se: “Será este um romance proletário?” No último capítulo de *Cacau* – “Amor” –, segundo citação de Gomes de Almeida, a consciência da luta social em favor do proletariado sobrepõe-se ao amor da rica fazendeira e o personagem socializado “partia para a luta de coração limpo e feliz”.

Informa-nos ainda Fábio Lucas: “Quanto ao romance proletário propriamente dito, pouca expressão tem, pois os trabalhadores no Brasil ainda não conquistaram tempo suficiente para se dedicarem ao cultivo da inteligência e à manifestação artística”.

Nota-se que os críticos apontam o caminho que F. Galvão pretende trilhar, isto é, lançar uma obra que despertasse a consciência crítica do trabalhador das “estradas” na selva amazônica.

Sabemos hoje, final do século XX, o quanto isto ainda está distante de acontecer, tendo-se em vista o grau de instrução do homem que habita a margem dos rios e os tapiris isolados no interior da floresta.

O autor...

O Modernismo encarado como esforço apenas de atualizar a forma de ficção tem no Amazonas o seu pioneiro pouco ortodoxo em Francisco Galvão...

Mário Ypiranga Monteiro

Francisco Xavier Galvão, assim como o personagem Anatólio, veio ao mundo em 1906, numa “manhã de ano-novo”, no município amazonense de Manicoré. Ao que tudo indica o futuro romancista nasceu no lar “do homem mais probo da aldeia banhada pelas águas do rio Madeira”.

Como o seu futuro personagem, após o primeiro choro, houve um alegrão na casa, pois: “Era o Homem a cumprir o seu destino, iniciando a luta com a sinfonia do sofrimento”.

Segundo os dados biográficos oferecidos pela *Seleção Literária do Amazonas* (1966) de J. dos S. Lins, o filho do Cel. Domingos Hermilo Galvão e Maria Cabral de Vasconcelos Galvão “Fez seus estudos em Manaus, no Colégio Pedro II”. Este caminho foi seguido também por Anatólio, pois este educara-se “no Ginásio, com boas notas e mesada volumosa”.

Apesar da pouca informação conseguida, percebemos que existem traços autobiográficos na criação do personagem Anatólio. No segundo capítulo de *Terra de Ninguém*, este rememora: “O quintal enorme da casa onde nasci, com goiabeiras verdes e os sapatizeiros cheirosos, carregados de frutos. Era, ali, que eu brincava

de batalhão com os curumins, e fazia os meus primeiros exercícios poéticos”.

Em 1922, ano divisor na cultura e na política brasileira, o jovem Galvão publica, pela Livraria Schettino, o livro de poemas *Vitória-Régia*. Pelo único soneto que nos foi dado conhecer através da *Seleta* do prof. Lins, os poemas devem carregar emoções românticas vestidas pela forma parnasiana com todos os direitos que a mesma ditava: Métrica perfeita e rimas ricas e preciosas.

*Brilham, nos céus, as últimas estrelas,
E, como eu sinto e ao meu olhar parece
Que as árvores se esforçam para tê-los!*

Assim se expressava o jovem adolescente no ano da Semana de Arte Moderna.

O prof. Krüger Aleixo, em *Introdução à Poesia no Amazonas*, reproduz o mesmo soneto e nos informa que, enquanto o jovem de Manicoré fazia o curso secundário em Manaus, dedicava-se à poesia e aos “16 anos publicou seu único livro de versos. É de crer que Francisco Galvão tenha procedido como muitos poetas do Romantismo, que abandonavam a poesia com a chegada da idade adulta”.

Wilson Martins, apesar de não trazer nenhuma linha sobre o cronista e o ficcionista F. Galvão, relaciona-o em sua *História da Inteligência Brasileira* (1978) como poeta, porém no ano de 1923: “Curiosamente, depois dos fogos de artifícios do ano anterior, a poesia de 1923... não

manifesta nenhuma impaciência em livrar-se dos ‘preconceitos’..., preferir exprimir-se pelas formas tradicionais e consagradas.

Entre os arrolados encontramos “*Vitória-Régia*, de Francisco Galvão”. Raimundo de Menezes em seu *Dicionário Literário Brasileiro* (1978) também traça o perfil biográfico do romancista de Manicoré. A fonte utilizada pelo dicionarista é a *Seleta* de J. S. Lins, com um senão, porém. O subtítulo de *Terra de Ninguém* (Romance Social do Amazonas) está grafado: romance social da Amazônia.

Peregrino Júnior, quando escreve sobre o Ciclo Nortista (*A Literatura do Brasil* – vol. 4), nos dá um dos mais amplos painéis das nossas letras em âmbito nacional. Apesar de algumas falhas, tais como classificar o livro de contos de Aurélio Pinheiro, *Gleba Tumulturária* (1927), como romance, temos um bom roteiro da literatura na Amazônia. Parece que o autor de *Matupá* (1933) leu apenas a epígrafe de *Terra de Ninguém* de acordo com as três linhas consagradas ao romance. Depois de citar o *No circo sem teto da Amazônia* (1935) de Chevalier, escreve: “Outro romance perseguindo o mesmo tema foi o de Francisco Galvão – *Terra de Ninguém* – onde todos mandam, onde todos exploram e são explorados, onde a lei é o bacamarte”.

A expressão que batiza a obra aparece duas vezes no capítulo 33, justamente o que trata da terra caída. O título, além do sentido de falta de lei e de justiça, refere-se também à terra que nem “ao menos é fixa! Foge, escorrega e lá se vai...”. Um pouco mais adiante, exclama,

pragueja e conclui: “Tudo é falso e mente a nossos olhos”. Portanto o título carrega o duplo sentido: Terra sem lei e terra que se muda.

O verbete sobre F. Galvão contido na *Enciclopédia Brasileira de Literatura* (1990) organizada por Afrânio Coutinho, além dos dados biográficos, nos informa que Fábio Cruz em *Estudos Literários* (1926) e Rosário Fusco em *Vida Literária* (1940) escreveram sobre o escritor amazonense. O único dado do verbete que não confere com os outros biógrafos é o ano da morte de Galvão, que está 1948. Todos os demais confirmam 1956.

Estas são as referências encontradas sobre o autor em estudo em *Histórias e Dicionários de Literatura Brasileira*, além do contexto cultural amazônico.

O manifesto, a crônica, o romance...

Um dos textos de maior expressividade, quanto ao Modernismo, publicados na Belém Nova, é o Manifesto da Beleza, de Francisco Galvão. Ele dá a dimensão exata do desejo de renovação da literatura no Brasil.

José Ildone

Em 1923, o jovem escritor amazonense aparece entre os colaboradores de outros estados da revista paraense *Belém Nova* que circulou em Belém (PA) entre 15.9.1923 a 15.4.1929, conforme informação de José Ildone em *Introdução à Literatura no Pará* (1990).

A *Belém Nova* n.º 2, de 30.9.1923, traz o grito do jovem Galvão combatendo, a Manuel Bandeira, “os muros estreitos da Forma”.

O articulista da revista paraense assim o apresenta:

O manifesto da beleza

Francisco Galvão, o festejado autor de Vitória-Régia, vibrando num entusiasmo de renovação da beleza estética, escreveu o brilhante manifesto que estampamos nestas colunas.

Nós estamos no instante da Beleza.

Botaram por terra os falsos ídolos.

Nós não consentimos mais no assalto vandálico dos bárbaros – os que procuravam mentir à Arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Forma.

A Arte venceu o Artifício.

Todo aquele que atraioçar a Beleza será castigado pela sua infâmia criminosa.

Porque nós sabemos afastar o joio do trigo, o ouro da prata, o alumínio do cobre, a platina do estanho.

Os “ourives” do verbo passaram.

Foram-se os realistas sanguinolentos.

A Arte não admite cerceamento.

Anseia e quer Liberdade.

Uma idéia não pode estar presa nos catorze versos de um soneto parnasiano.

Não.

Nem na simetria paralela de rimas raras e ricas,
como apregoam os bufarinheiros do artifício.

Não e não.

Nós compreendemos a grandeza da nossa missão.

O Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a
democracia como forma de governo.

Mas a Literatura estava entregue ao contrabando
criminoso dos “pivetes” nacionais.

Copiava-se Bourget. Imitava-se Zola. Plagiava-se
Alexandre Dumas.

Todo mundo plagiava.

Todo.

A poesia é a mesma da França!

Vinha-nos de Paris, diretamente.

De Castro Alves a Alberto de Oliveira.

Do condoreirismo inquieto das “espumas flutu-
antes” ao parnasianismo régio, engomado das “meri-
dionais”.

Estamos no instante luminoso da Beleza.

Chegou o momento da Liberdade!

Nós estamos fazendo a Arte verdadeira, a Arte-Arte.

Não copiamos e não plagiamos.

Guerra de morte aos pastranos, aos nulos de toda a
espécie.

Nós estamos realizando a Arte Legítima.

São Paulo está com as nossas idéias.

“Klaxon” é um grito de revolta na amplidão.

Graça Aranha, na Academia, como Augusto de Lima,
estão vibrando com a Mocidade.

Renovação!

Nós temos ao nosso lado a inteligência luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almachio Dinis, a encantadora erudição de Renato de Almeida.

Renovação!

Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Afonso Schmidt e outros vibram ao nosso lado.

Renovação!

Ângelus, Di Cavalcanti, Correia Dias, Cunha Barros, Paim, Brecheret, na Pintura e na Escultura, estão sob a nossa bandeira.

Renovação!

Na Música, possuímos Villa-Lobos.

Renovação!

Paulo Torres, Carlos Fontes, Oswaldo Orico, Onestaldo Penafort, Jarbas Andrea, Olegário Mariano, Zoláquio Dinis, Carlos Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da Arte Nova!

Renovação!

Guerra sem tréguas aos imitadores!

A Arte venceu o Artifício.

Renovação!

A Beleza, para o sempre a Beleza, a embriaguez deliciosa da Beleza.

Nós vencemos em nome da Beleza.

Nós somos a força e a renovação do Brasil, do Brasil que aspira e quer a vitória da Beleza.

Meus irmãos de Arte, ovelhas pacientes que vos apascentais ainda nos rebanhos, pelas planuras áridas do Parnasianismo, desgarrai-vos em nome da Beleza.

Vinde ter ao nosso chamado.

Porque nós estamos fazendo a grande obra da criação de uma Arte puramente nossa, verdadeiramente nacional, dentro dos limites da Beleza.

Renovação!

Renovação!

Renovação!

Numa tarde cheia de sol, em setembro de 1923.

(Da *Belém Nova*, n.º 2, de 30.9.23. In: *Introdução à Literatura Paraense*, de Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro).

O mesmo jovem que no ano anterior publicara um livro de poemas seguindo a “simetria paralela de rimas raras e ricas,...” agora com o espírito dos escritores de 22, “quer liberdade”, condena a cópia de formas, faz “Guerra de morte aos pastranos, aos nulos de toda a espécie” e já inclui, note-se em 23, o nome de Drummond.

As críticas feitas aos parnasianos são tão pertinentes e criativas quanto as escritas por Manuel Bandeira nos poemas “Os Sapos” (1919) e “Poética” (1930). Não me furto o prazer de destacar este delicioso achado:

Meus irmãos de Arte, ovelhas pacientes que vos apascentais ainda nos rebanhos, pelas planuras áridas do Parnasianismo, desgarrai-vos em nome da Beleza.

O “Manifesto da Beleza” é, talvez, o primeiro manifesto pró-22 brotado no Amazonas.

A *Belém Nova* também contava com a participação de outros amazonenses: Álvaro Maia, Péricles Moraes, João Lessa e Flávio Rubim (representante da revista no Amazonas).

Em 1925, Galvão lança o livro de crônicas *Cidade dos Loucos*, que, segundo J. dos Santos Lins, são “resultantes de entrevistas com os loucos do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro. Este livro,... causou sensação no Rio, quando foi publicado”.

No Rio, o autor bacharelou-se em Direito. Voltando a Manaus, trabalhava como jornalista.

De acordo com o artigo de Genesino Braga “Álvaro Maia, o jornalista”, incluído na *Revista da Academia Amazonense de Letras* n.º 14, de dez./1969, Álvaro Maia escreveu no “Estado do Amazonas”, com Raul de Azevedo, Leopoldo Péres e Francisco Galvão...”. No Rio de Janeiro trabalhou nos seguintes órgãos de imprensa: *Jornal do Comércio*, *O Radical*, *O País* e *A Nação*; além de colaborar com as revistas: *Vida Doméstica*, *Careta* e *Revista da Semana*.

Além da pena de jornalista e escritor foi, em duas legislaturas, deputado estadual pelo Amazonas. Infelizmente, os arquivos da Assembléia Legislativa do Amazonas nada possuem sobre o deputado. Quando da Revolução de 30, muda-se para o Rio de Janeiro onde foi membro do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa e procurador do Instituto dos Marítimos.

Estes dados são da *Seleta* de J. dos S. Lins, obra já clássica para quem pesquisa a literatura no Amazonas. Porém, não sabemos de onde partiram os dados, talvez de conversas com contemporâneos do autor. Ao fazermos pesquisa nesta área, temos que concordar com Djalma Batista, 62 anos depois, no seu *Letras da Amazônia* (1938): “Falar da Amazônia, em qualquer dos seus aspectos – fisiográficos, social, intelectual – é aventurar-se alguém a enfrentar senão o infinito, pelo menos o indefinido”.

Terra de Ninguém é publicado em 1934 e na opinião de Djalma Batista (*Letras da Amazônia*) é um “livro inverossímil”. Porém, para Mário Ypiranga (*Fatos da Literatura Amazonense*), o romance autobiográfico de Francisco Galvão se caracteriza como “engajado”, pelo conteúdo político da obra. Ainda tratando da mesma obra, no que tange ao estilo literário, considera-a uma novela “fronteiriça”, já que o pioneiro de ficção modernista no Amazonas é “pouco ortodoxo”.

Ao concluir sua exposição sobre o autor e obra, assim se expressa o crítico amazonense: “Francisco Galvão sempre nos pareceu um desesperado e a sua obra, mesmo jornalística e social, reflete a angústia de não poder reformar o mundo, contém a náusea de não poder definir melhormente a ordem das coisas, modificar a estrutura social rousseauniana”.

No mesmo ano de 1934, Anísio Jobim publica *A Intelectualidade no Extremo Norte* (contribuições para a *História da Literatura no Amazonas*), obra pioneira, em nosso Estado, na área da historiografia literária. Jobim,

sem referir-se ao poeta, opina sobre a produção do prosador: “É um jornalista sábio. Atilado na crônica, empresta uma graça especial às suas páginas, que se lêem com crescente interesse. Ultimamente publicou, no Rio de Janeiro, onde reside, *Terra de Ninguém*, magnífico romance sobre a vida do seringueiro no Amazonas”.

Carlos Roque, na *Antologia da Cultura Amazônica* (1970), apresenta os dados biográficos do autor e o inclui, apenas, com um capítulo de *Terra de Ninguém*, entre os prosadores, nas páginas 215 a 217 do volume III.

No capítulo “Na Vanguarda da Retaguarda”, da obra *A Expressão Amazonense* (1977), Márcio Souza situa o romance de Galvão nos “anos da depressão”, relacionando-o com as narrativas de *Banco de Canoa* (1958), de Álvaro Maia. Conclui ser este “Romance francamente libertário” e “uma verdadeira floração estranha no interior de uma ficção comportada”.

Prosseguindo, escreve Souza que *Terra de Ninguém*, apesar da rebelião “com muitas palavras marxistas”, não possui “profundidade ideológica”, que “a rebelião é inverossímil” e o autor implantou os ideais libertários do marxismo “em personagens da elite”. No parágrafo final sobre o romance, escreve Márcio: “*Terra de Ninguém*, que poderia ter sido uma renovação, perde-se nas palavras de ordem e não há nexos entre a literatura e o sentido ideológico. *Terra de Ninguém* é de uma grande penúria estilística e, por isso mesmo, ineficiente”.

Embora Márcio Souza termine demonstrando o ponto fraco do romance, no parágrafo seguinte reconhece que Álvaro Maia e F. Galvão, que talvez tenham se per-

dido “ou pela confusão histórica, ou pela alienação, são importantes exatamente por trazerem em suas experiências o sinal da libertação”.

Jorge Tufic (*Roteiro da Literatura Amazonense*, 1983), ao tratar do romance e da novela no Amazonas, escreve que F. X. Galvão foi “autor da primeira obra sem compromisso... em que mistura a reportagem e satiriza personalidades reais de sua antipatia pessoal”.

Em *A Invenção da Amazônia* (1994), Neide Gondim, em uma nota referente aos romances do ciclo da borracha, depois de citar *Coronel de Barranco*, *Deserdados* e *A Selva*, diz que “a revolta dos seringueiros” é “assunto pouco desenvolvido pelos prosadores”. Em seguida, enumera *Terra de Ninguém* e *Terra Encharcada* (1968), de Jarbas Passarinho.

Mesmo com o estilo falho reconhecido pelos críticos, ao final do romance *Trópico* (1938) do mesmo F. Galvão, encontramos 23 opiniões sobre *Terra de Ninguém*. 12 destas trazem como fonte o nome de periódicos de Norte a Sul do país. As restantes estão devidamente assinadas por prováveis leitores do livro. Dentre estes, Raul de Azevedo (1875/1957) e Benjamim Lima (1885/1948), que viveram em Manaus e foram membros da Academia Amazonense de Letras. Roberto Seidl (1895/1948), biógrafo e jornalista, e Elói Pontes (1888/1967), biógrafo de Raul Pompéia e Olavo Bilac, companheiros de jornal, também opinaram favoravelmente sobre o romance.

Ei-las, na íntegra, conforme foram estampadas nas páginas 189 a 192 do segundo romance de Galvão:

Terra de Ninguém, de Francisco Galvão e a Crítica Nacional

O livro encerra mais um grito de alerta, angustioso e sincero, com que os brasileiros do Extremo Norte procuram abrir os ouvidos do governo, na defesa nacional, cruelmente explorada pela ganância insaciável dos judeus que os esfolam impunemente.

Do Correio da Manhã

Não digo, nem quero dizer se Terra de Ninguém é um livro bom ou mau, justamente porque assustei-me com ele. O que afirmo, porém, com convicção, é que é um grande livro. Duvido que surja ainda este ano, no Brasil, uma obra mais vigorosa do que essa.

Magdala da Gama Oliveira

Em cada página do romance do sr. Francisco Galvão, abrem-se em nosso espírito os mistérios dessa Amazônia onde o índio constantemente ataca o civilizado numa fúria horrível, desprezando tudo e exterminando todos.

Alberto Martins

O escritor de Cidade dos Loucos e Vitória-Régia, mostra-se-nos com um estilo seguro absolutamente pessoal.

Da Folha do Norte (Belém)

Um romance que, a par da fantasia, enfeixa verdades cruéis e dolorosas...

Raul de Azevedo

Terra de Ninguém é o romance do Amazonas. É mais um capítulo impressionante a acrescentar à literatura que estuda a vida do homem na selva maravilhosa e devastadora.

Do *O Paiz*

Francisco Galvão dá-nos, legitimamente, em Terra de Ninguém, um dos mais interessantes livros do ano.

José Firpo

O livro tem muitos episódios fortes e retrata o horror das condições sociais criadas para esses heróicos desbravadores da selva amazônica.

Do *O Malho*

Terra de Ninguém é um livro que se lê em menos de duas horas, mas do qual se guarda uma impressão bem mais duradoura e mais forte.

Do *Diário da Noite*

É um romance social do Amazonas, onde as cenas do povoamento dos seringais, da colheita da seringa, com todas as suas tormentas, aparecem pintadas ao vivo, pela pena de quem já sentiu todas essas agruras.

Do *Imparcial*

Francisco Galvão acaba de publicar um livro, dos mais fortes, a respeito da vida trágica dos seringueiros no Amazonas.

Do Jornal do Brasil

Escritor moderno, escrevendo com independência, Francisco Galvão fez um trabalho interessante, não só do ponto de vista literário, como no que se refere propriamente ao ambiente amazônico, desconhecido geral do resto do Brasil, e onde se passa a ação do seu livro.

Heitor Muniz

Essa obra fixa o drama angustioso que se desenrola no cenário amazônico e reflete a época que passa, com o barulho das polias das máquinas, a opressão e a luxúria do ouro.

Do Commercio, Rio Grande do Sul

Francisco Galvão fugiu da rotina vermelha e foi buscar, na Amazônia, o seu romance social. O ambiente é traçado por mão de mestre, em pinceladas magistrais.

Do Correio do Brasil

...Conseguindo ser o primeiro que faz em volumes de 200 folhas espécimes femininos elaborados por um século de pacatez e hipocrisia.

M. Gama Oliveira

Ontem foi o livro vigoroso de Amando Fontes, Os Corumbas. Hoje, Terra de Ninguém, de Francisco Galvão, orna com brilho a nossa literatura moca.

Rubim Gill

Lê-se o romance com certo aprazimento, pois todo ele está escrito numa linguagem singela, desataviada, mas viva e bastante sugestiva.

Roberto Seidl

Livro de rebeldia e de combate, Terra de Ninguém é, antes de tudo, o livro de um escritor de excepcionais qualidades, já vitoriosamente afirmado, há quase dez anos, com Cidade dos Loucos.

Do Diário de Minas

Entre os livros que temos lido nos últimos tempos, Terra de Ninguém é dos que mais nítidas repercussões nos deixou na memória.

Eloy Pontes

Assim Terra de Ninguém. Justamente porque é terra de ninguém, é também terra de todos, e movimentase ali, com absoluto desembaraço, as duas personalidades em que a de Galvão se desdobra.

Benjamin Lima

O livro é todo assim – intenso e brutal, como a própria selva, na descrição do contato procriador.

Alfredo Guimarães

Dentro da ficção do sr. Francisco Galvão, que fez de Terra de Ninguém um romance de amor, existe, dolorosa, crudelíssima, a verdade da vida.

Da Revista da Semana

A sua novela é um grito contra a opressão dos preconceitos sociais.

Do Fon-fon

Ao publicar *Terra de Ninguém*, o autor prometia as seguintes obras: “Em *Palestras com os Imortais*, entrevistas com membros da Academia Brasileira de Letras”, e “*Cartazes na Intimidade*, entrevistas com os valores da nova geração”.

Porém, ao publicar o romance *Trópico*, quando enumera as obras do autor, além do livro de poemas, do livro de crônicas, do romance *Terra de Ninguém*, temos apenas: *A Academia de Letras na Intimidade*, inquérito literário, publicado em 1937.

Francisco Galvão faleceu no Rio de Janeiro em 26.8.1956. Para Mário Ypiranga, o “jornalista militante e ardoroso”, atualmente, “está praticamente esquecido como poeta que o foi e romancista como poderia ter sido”.

Os senões...

Não é mais segredo para ninguém que Literatura é uma dada linguagem preñe de significado, a configurar, por escrito, sinais diversos que articulam o sistema oral.

Acyr Castro

Provavelmente, *Terra de Ninguém* foi escrito na década de 30, quando o autor, desiludido com a política de sua terra, muda-se para o Rio de Janeiro. Por este tempo, a capital do Brasil fervia com as idéias socialistas que produziram a Intentona Comunista de 1935, como registra a História oficial do país.

Levado pelo fervor das idéias políticas e pelo caminho que seguia a literatura brasileira, na década mais produtiva do romance no Brasil, Galvão escreveu e publicou sua obra.

Não deu tempo para que a mesma dormisse alguns anos na gaveta a fim de que futuramente fosse enxugada.

José Américo de Almeida, em depoimento de 1944, diz de *A Bagaceira*: “Desbastei-o” e “guardei-o, novamente, para repetir a experiência duas, três vezes, até que ficou no que é”. Ferreira de Castro, na *Pequena História de A Selva*, nos conta que durante “15 anos volvidos tormentosamente sobre a noite em que abandonei o seringal “Paraíso”, pude sentar-me à mesa de trabalho para começar este livro”.

Pelos depoimentos dos dois romancistas, temos o modo como amadureceram suas obras antes ou depois de pô-las no papel. Justamente isto faltou ao nosso apressado romancista.

Além dos senões do estilo, encontramos várias incorreções gráficas e gramaticais que, talvez uma segunda edição em vida do autor, poderiam ter sido sanadas.

No capítulo 5, em uma fala de Zé Vicente, “Quando tem seca, tudo é verde”, percebe-se que falta à primeira oração do período uma negativa. No capítulo 16, há uma outra frase necessitando de uma preposição; “a rezar com boa vontade a bicheira de uma rês”. O pajé e a mulher de um seringueiro ora aparecem com o nome de Chico Breve ou Chico Bento (cap. 17) e Diva ou Dica (cap. 30), conforme a edição original.

Os escorregões gramaticais referem-se à regência de alguns verbos como *desobedecer* e *assistir* que, de certa maneira, a linguagem modernista liberou. Nos capítulos 18 e 29 temos, respectivamente, dois casos de concordância que fogem ao padrão da língua: “Sucessivos repiquetes intumescera-lhe as águas...” e “se estavam alertas”. Na última fala de Epifânio, com todos os defeitos da fala do personagem, encontra-se um advérbio no lugar de uma adversativa, que não é erro do falante, mas do narrador.

Se a obra tivesse passado por um período de “gaveta” ou uma outra edição, muito teria sido evitado.

Apesar dos senões apontados, relendo alguns trechos da narrativa, são bem escritos como este que indica o início de uma jornada, no começo do capítulo 10: “Naquelas paragens, preguiçoso, não se lembrara ainda o sol de despertar, quando saímos com o rifle a tiracolo, o terçado 128 na destra. Levávamos à testa a lamparina para iluminar a treva da mata fechada, onde piavam aves agoireiras”.

A dor do pensamento...

...porque deliberava tentar, por mim mesmo, a luta estupenda da existência.

Francisco Galvão

Após a leitura do romance *Terra de Ninguém* e o confronto com as opiniões sobre o mesmo, conclui-se que a obra literária, embora não possuindo toda a carga do estranhamento exigida pelo leitor crítico, cumpre a sua função, ao deixar o recado do escritor, de acordo com a época vivenciada por ele, para as gerações vindouras.

Existe alguma semelhança entre a vida “desesperada” de Francisco Galvão e o soneto 18 incluído no volume *Só* (1882) do simbolista português. Soneto este que o personagem Anatólio, no capítulo 4, lembra que o leu no livro de Antônio Nobre.

*E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inútil. Tudo é ilusão.
Quantos não cismam nisso mesmo a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!
Mas a Arte, o Lar, um filho, Antônio? Embora!
Quimeras, sonhos, bolas de sabão.
E a tortura do Além e quem lá mora!
Isso é, talvez, minha única aflição.*

*Toda a dor pode suportar-se, toda!
Mesmo a da noiva morta em plena boda.
Que por mortalha leva... essa que traz.*

*Mas uma não: é a dor do pensamento!
Ai quem me dera entrar nesse convento
Que há além da Morte e que se chama A Paz!*

(Paris, 1891).

Se, ao lermos o segundo quarteto, no lugar de *Antônio*, colocarmos *Francisco* e no lugar de “tortura do Além”, *preocupação social* temos um reflexo das pretensões do poeta de *Vitória-Régia* e do romancista de *Terra de Ninguém*. Terra esta que é terra de todos nós e que “o rio continua a drenar para o oceano, com a enchente...”

Enquanto o rio drena esta terra encharcada, as idéias sociais foram amadurecendo ao longo das décadas. Autores que em 30 acreditaram nelas, nos anos posteriores a criticaram. Todavia não se pode negar o pioneirismo de Galvão, de lançá-la entre nós nas páginas de *Terra de Ninguém*.

Se em *Terra de Ninguém* não encontramos o nível literário criativo dos romances de 30, conforme citamos, observamos, contudo, a preocupação do autor em criar o romance político. Projeto este carregado da mesma dúvida de Jorge Amado em *Cacau*: Caberia muita literatura em um romance proletário?

A questão do amor é outro ponto preocupante. Anatólio e Nadesca amam os humildes, isto é ponto pacífico. Contudo, não podemos afirmar que haja amor entre eles. Primeiramente o seringueiro aproxima-se da herdeira, admirando-lhe as idéias; posteriormente, quando acontece

o encontro amoroso, o narrador confessa: “... até hoje não sei explicar se era amor, se teria sido apenas instinto...”

Ao finalizar a narrativa, com a revolta já consumada, nasce, abortado, o fruto deste contato carnal que, segundo o narrador, é mais uma vida “vítima do preconceito social do Brasil” e “da falsa educação e do atraso em que vivemos”.

Estas idéias – socialismo, casamento, educação – são, provavelmente, as causadoras da “dor do pensamento” que fustiga o cérebro de Francisco Galvão.

Bibliografia

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8.^a ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.

ALEIXO, Marcos Frederico Krüger. *Introdução à Poesia no Amazonas*. Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado/UFRJ), 1982.

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 32.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BATISTA, Djalma. *Letras da Amazônia*. Manaus: Livraria Palácio Real, 1938.

BENCHIMOL, Samuel. *Romanceiro da Batalha da Borracha*. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

BRAGA, Genesino. Álvaro Maia, o jornalista. In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*. Manaus: dezembro de 1969.

CASTRO, José Maria Ferreira de. *A Selva*, 37.^a ed. Lisboa: Guimarães Editores.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 4.^a ed. São Paulo: Global, 1997.

_____. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: OLAC/FAE, 1990.

FERNANDES, Adauto de Alencar. *Arapixi*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1963.

_____. *Terra Verde*. Fortaleza: Central, 1925.

GALVÃO, Francisco. *Terra de Ninguém*. Rio de Janeiro: Adersen Editores, 1934.

_____. *Trópicos*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1938.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

ILDONE, José. A Literatura na primeira metade do século XX. In: *Introdução à Literatura no Pará*, de Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro. Belém: CEJUP, 1990.

JOBIM, Anísio. *A Intelectualidade no Extremo Norte*. Manaus: Livraria Clássica, 1934.

LINS, José dos Santos. *Seleção Literária do Amazonas*. Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas, 1966.

LOUREIRO, Antonio José Souto. *Síntese da História do Amazonas*. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MAGALHÃES, Couto de. *O Selvagem*. 4.^a ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940.

MAIA, Álvaro. Canção de Fé e Esperança. In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus: dezembro de 1969.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978. Vol. VII.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da Literatura Amazonense*. Manaus: Imprensa Oficial/UA, 1976.

NOBRE, Antônio. *Só*. 13.^a ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1966.

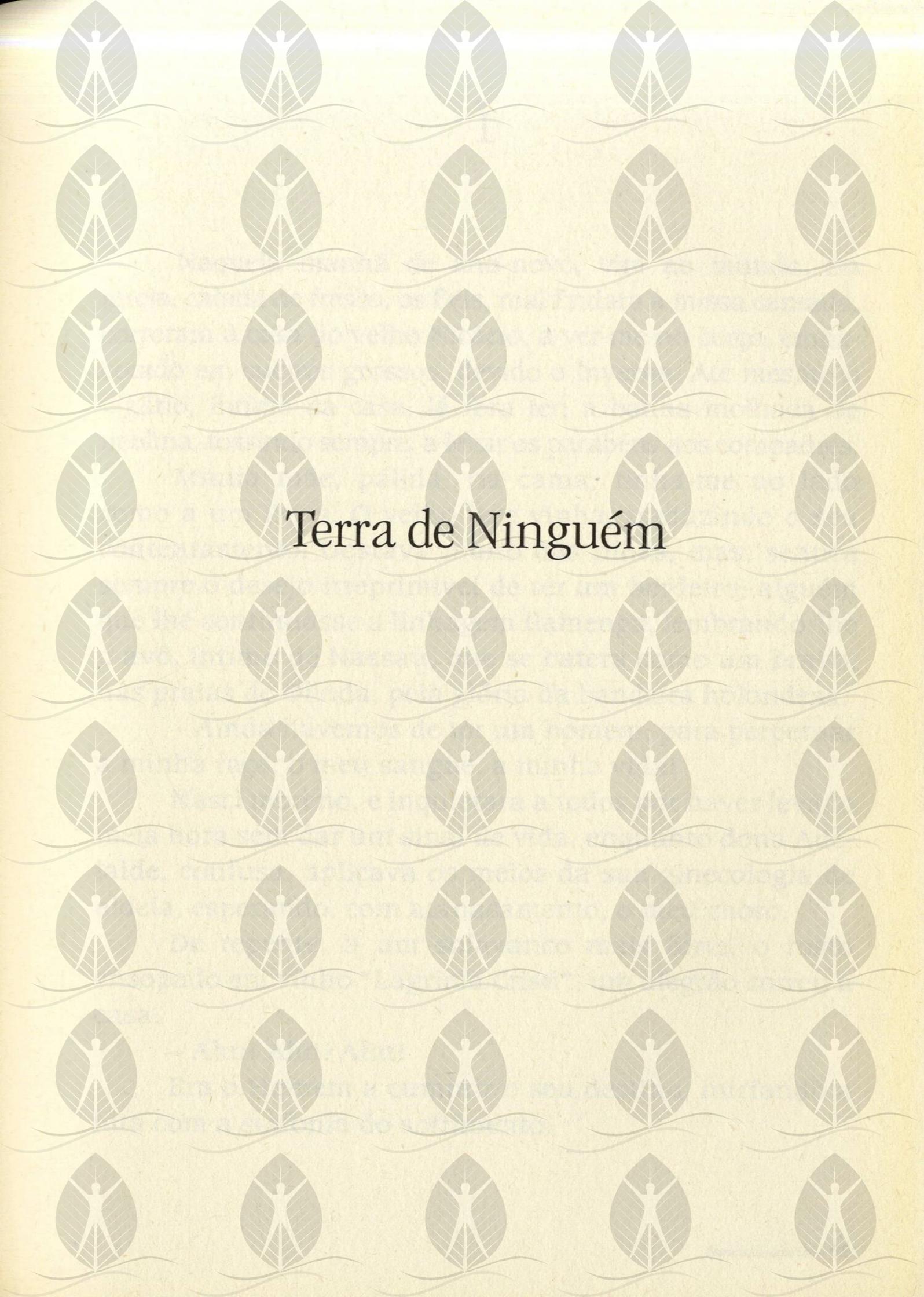
PEREGRINO JÚNIOR. Ciclo Nortista. In: Afrânio Coutinho. *A Literatura no Brasil*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, 1986.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 51.^a ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

ROQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Belém: Amada, 1970, vol. III.

SOUZA, Márcio. *A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neo-colonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

TUFIC, Jorge. *Roteiro da Literatura Amazonense*. Manaus: Casa Editora Madrugada, 1983.



Terra de Ninguém

1

Naquela manhã de ano-novo, vim ao mundo. Da igreja, caiada de fresco, os fiéis, mal findara a missa cantada, correram à casa do velho Nicácio, a ver-me no berço, empacotado em cueiros grossos, devido o inverno. Até mesmo o vigário, íntimo da casa, lá fora ter; a batina molhada de neblina, tossindo sempre, a levar os parabéns aos compadres.

Minha mãe, pálida, na cama, tinha-me ao lado como a um Deus. O velho ia e vinha, traduzindo o seu contentamento. Gostava muito das filhas, mas, sentira sempre o desejo irreprimível de ter um herdeiro; alguém que lhe continuasse a linhagem flamenga, lembrando-lhe o avô, íntimo de Nassau, que se batera como um bravo, nas praias de Olinda, pela glória da bandeira holandesa.

– Ainda havemos de ter um homem, para perpetuar a minha raça, o meu sangue, a minha vida!

Nasci moreno, e inquietara a todos por haver levado meia hora sem dar um sinal de vida, enquanto dona Adelaide, confusa, aplicava os meios da sua ginecologia de aldeia, esperando, com atanasamento, o meu choro.

De repente, a um solavanco mais forte, o rosto ensopado em vinho “Lagrima Cristi”, um alegrão correu a casa.

– Ahn! Ahn! Ahn!

Era o Homem a cumprir o seu destino, iniciando a luta com a sinfonia do sofrimento.

Da latada, florida de avencas e junquinhos, Alfredo,
o moleque, soltou um foguete, anunciando o prazer que
ia no lar do homem mais probo da aldeia banhada pelas
águas do rio Madeira.

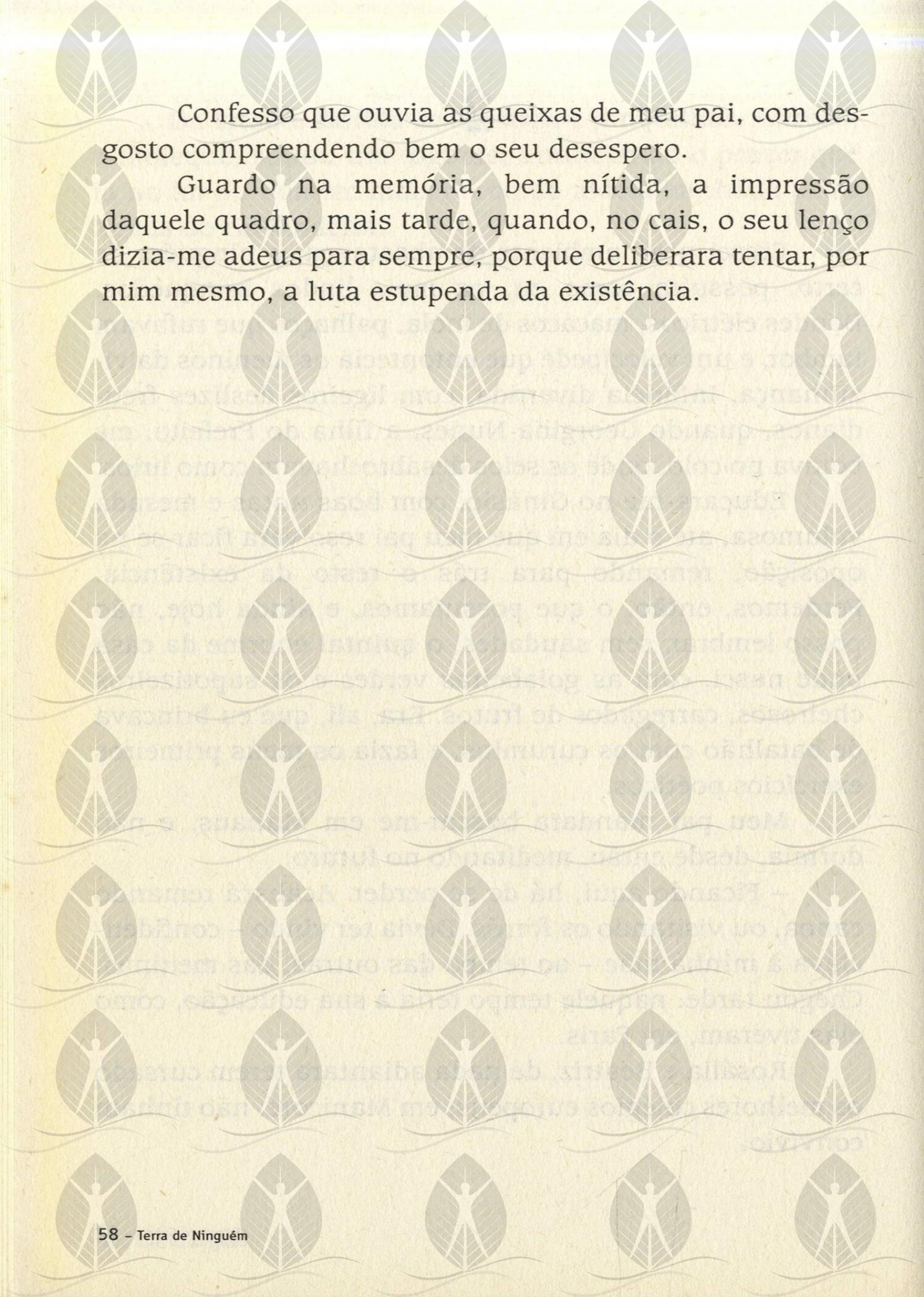
Cresci num ambiente de abundância, e ninguém de certo, possuía como eu, os mais lindos brinquedos. Bondes elétricos, macacos de mola, palhaços que rufavam tambor, e um velocípede que entontecia os meninos da vizinhança. Infância divertida, com ligeiros deslizos freudianos, quando Georgina Nunes, a filha do Prefeito, me botava no colo, onde os seios desabrochavam como lírios.

Educara-me no Ginásio, com boas notas e mesada volumosa, até o dia em que meu pai resolvera ficar-se na oposição, remando para trás o resto da existência. Perdemos, então, o que possuíamos, e ainda hoje, não posso lembrar, sem saudades, o quintal enorme da casa onde nasci, com as goiabeiras verdes e os sapotizeiros cheirosos, carregados de frutos. Era, ali, que eu brincava de batalhão com os curumins, e fazia os meus primeiros exercícios poéticos.

Meu pai mandara buscar-me em Manaus, e não dormia, desde então, meditando no futuro.

– Ficando aqui, há de se perder. Acabará remando canoa, ou visitando os forrós. Devia ter vindo – confiava à minha mãe – ao tempo das outras, das meninas. Chegou tarde: naquele tempo teria a sua educação, como elas tiveram, em Paris.

Rosália e Beatriz, de nada adiantara terem cursado os melhores colégios europeus; em Manicoré, não tinham convívio.



Confesso que ouvia as queixas de meu pai, com desgosto compreendendo bem o seu desespero.

Guardo na memória, bem nítida, a impressão daquele quadro, mais tarde, quando, no cais, o seu lenço dizia-me adeus para sempre, porque deliberara tentar, por mim mesmo, a luta estupenda da existência.

Vinha uma viração suave da baía quando subi as escadas do Hotel Vera-Cruz, na rua dos Remédios, disposto a falar com seu Isidro, o contratador de seringueiros.

Um italiano a pitar fedorento cachimbo, garantira-me que ele, olhando o meu físico, não me levaria.

– *Per la Madona, quilo non serve par niente.*

Atravessei o primeiro andar, onde rameiras baixas cantarolavam. Fúfias sem meias, despenteadas. Aferrolhei os ouvidos a uma mais saliente que se atrevera a dizer-me galanteios canalhas:

– Que óios bonitos tem o safadinho.

Bati o punho na porta do homem sinistro que levaria o pessoal para o rio Machado.

Cuspinhando sempre, Isidro, o brilhante enorme no dedo, recebeu-me com espavento.

– Que é que manda, rapaz?

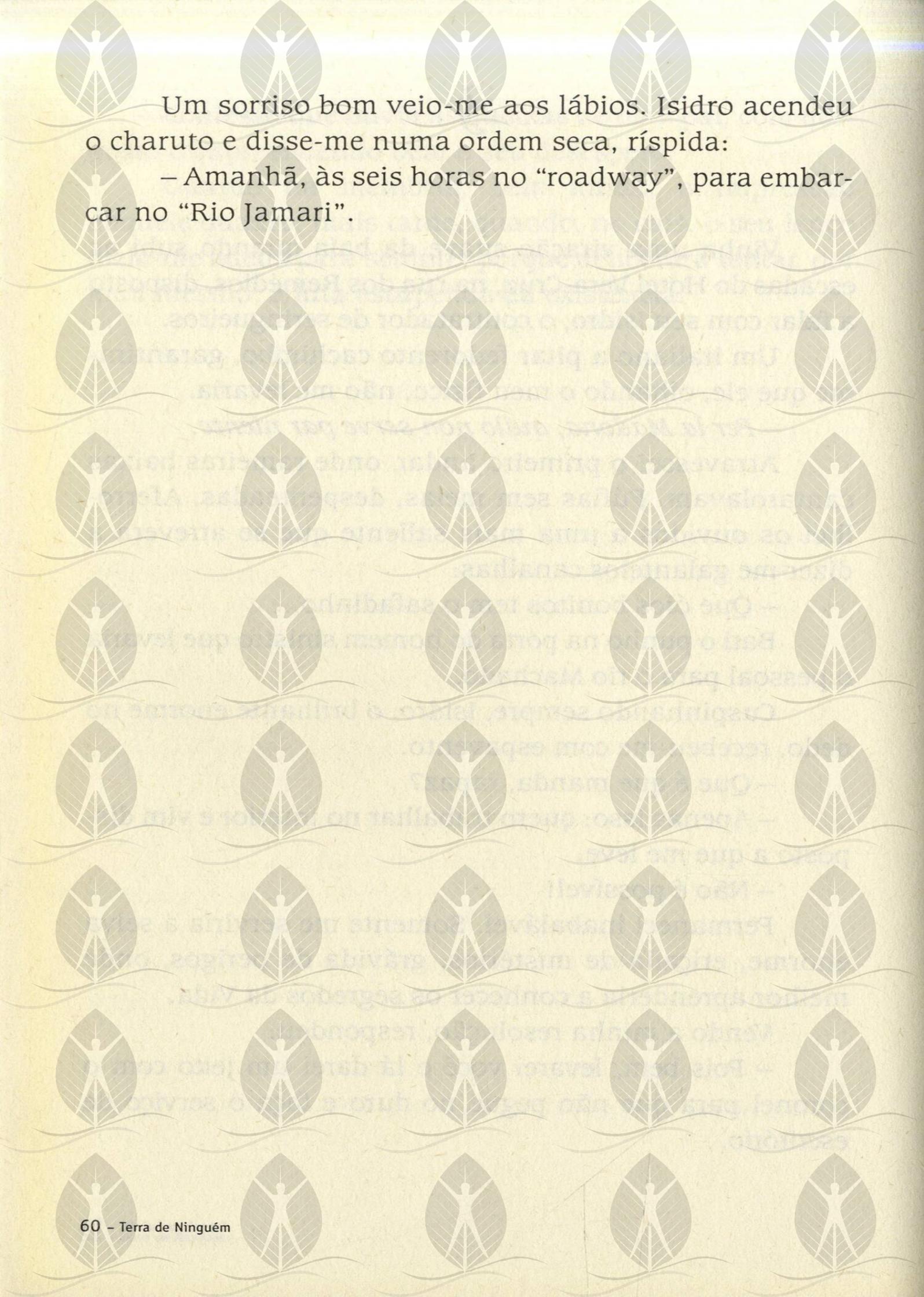
– Apenas isso: quero trabalhar no interior e vim disposto a que me leve.

– Não é possível!

Permaneci inabalável. Somente me serviria a selva enorme, eriçada de mistérios, grávida de perigos, onde melhor aprenderia a conhecer os segredos da Vida.

Vendo a minha resolução, respondeu:

– Pois bem, levarei você e lá darei um jeito com o coronel para que não pegue no duro e faça o serviço de escritório.



Um sorriso bom veio-me aos lábios. Isidro acendeu o charuto e disse-me numa ordem seca, ríspida:

– Amanhã, às seis horas no “roadway”, para embarcar no “Rio Jamari”.

Cheguei em casa sem ânimo. Minha irmã Rosália espantara-se da minha demora. Vendo-me entrar no quarto, casmurro, inquietou-me com perguntas. “Veludo”, o cão, como se empreendesse a minha tragédia íntima, afagou-me com a cauda, lambendo-me as mãos numa volúpia carinhosa. Meditei, então, seriamente no que seria de mim, perdido na floresta, cortando seringa.

Meu pai, se o consultasse, não concordaria. Deveria, contudo, reagir.

O mundo – como ele me dizia – ainda seria meu. Simples questão de tempo. Tinha necessidade daquele exílio; o contato novamente com a natureza, a intimidade de um convívio com os camponeses e os lavradores, gente simples e boa que Deus, bastante atarefado, como que se esquece, abandonando-a nas planícies ensolaradas do Amazonas.

Lembra-me que li o livro de Antônio Nobre, e fixei os olhos num soneto, que trazia um verso assim:

*Toda a dor pode suportar-se, toda!
Mesmo a da noiva morta, em plena boda,
que, por mortalha leva essa que traz.
Mas uma, não!... é a dor do pensamento.*

Esse verso doeu no meu espírito. Quis mudar de idéia. Comecei a lembrar uns carneiros claros que eu tinha no sítio. Depois, a vez em que eu mordi a boca da

prima Elvira, e procurara, no escuro, apalpar-lhe os seios que iam crescendo. E uma gravura de sépia, creio que uma paisagem minhota, onde bois pacientes pastavam ao crepúsculo.

A dor do pensamento era, mesmo, a pior de todas. Recordava às vésperas rumar o desconhecido, minha mãe, tão boa, sempre a rodar as contas negras do rosário. Os bentinhos que me dera com a recomendação de que não os esquecesse na hora da morte de levá-los, pois a senhora do Carmo viria, na primeira quarta-feira, buscar-me no fogo do Purgatório. Que estaria fazendo àquela hora? Certamente rezaria por mim, enquanto meu pai, taciturno, calado, com um cacete na mão discutia sobre os vendavais políticos.

O coração começou a bater célere, ao me lembrar da desolação em que não ficaria Guiomar, aquele amor ainda do tempo do Ginásio, sem malícia.

Resolvi nada dizer-lhe. Voltaria um dia, contente, com um saldo gordo para o casamento.

Ia fechando os olhos nessa contemplação um tanto mística vencido pelo sono, quando um grilo começou a grilar no quarto. Insistente. Perversamente mau. Lá se me foi o sono. Acendi a lâmpada. Procurei o importuno. Calou-se com a luz.

O grilo fez-me pensar na Natureza que se associava a meu desespero, com aquele verde espírito da mata, a atanzar-me os ouvidos.

Como se ele fosse a inúbia do combate que se deveria travar entre o Homem e a Terra. Pequenina voz das folhas da selva escura onde, àquele momento, em que eu

me aconchegava aos lençóis de linho, passeavam as
suçuaranas, desafiando os mundéus armados à beira das
castanheiras altas que feriam o céu.

Espremido como um tipiti, num fato de riscadinho, na confusão da terceira classe, Zé Vicente, contava as suas façanhas no Ceará.

Ninguém, como ele, no frevo, sabia chamar a atenção das morenas tafulas:

– Aquilo é que é terra, negrada. Nossa Senhora, é um despropósito de muié bonita. Quando tem seca, tudo é verde, os mios crescem, apendoam. Fruta que Deus manda, até dizer basta. E, em Guaramiranga, aquele friozinho mataria o diabo destas muriçocas que estão dando cabo da gente.

O paioleiro veio e distribuiu a ração. Como se fôssemos animais, a comida veio em pratos de ágata. Feijão com carne-do-sol. Bolachas grosseiras.

O cearense nem se importava com a bóia, absorvido a recordar a sua terra, com a fartura, a opulência dos dias de inverno, e as mulheres mais lindas deste mundo e do outro.

Homem feliz, aquele. Simples. Acomodatício. Ia para o “Remanso” como se fosse para o céu. Tanto fazia. Abandonara tudo. Só não esquecia a noiva, a do Rosário, que o contratador não deixara casar com ele, porque o regulamento do patrão não consentia mulher no seringal.

Voltaria ele? Voltariam eles? Quem o saberia?

O paludismo, o beribéri, os índios, as feras os esperavam. Talvez acabassem os dias estúpidos, na beira do

barranco, naqueles cemitérios que surgiam junto d'água, cheios de cruzes de madeira.

Cinqüenta homens na proa. Seu Isidro vinha sempre à tardezinha ver como íamos passando. Contava-nos como se fôssemos animais. Quando o navio punha a prancha, enquanto os marinheiros, a faca americana ao lado descarregavam latas de fósforo e barricas de trigo, prevenia o mestre:

– Todo cuidado é pouco para que esta gente não salte.

Eis a que tinha resumido a minha liberdade. Quanto mais o navio se aproximava do barracão, menos ela existia. Ia desaparecendo como por encanto.

O “Rio Jamari” encostara à beira de um barranco para tomar lenha, e Zé Vicente cantarolava ao som da harmônica, perfeitamente indiferente ao que pudesse acontecer.

Era a única nota de alegria entre os homens melancólicos que pensavam no destino, ao se aproximarem das terras férteis de Manuel Lobo.

– Êta, Maiado!
Tró-Tró-Tró-Ró-Ró, Troóo...

Do guincho do navio desciam, na escápula de ferro, os pobres bois, cansados da viagem, remoendo a canarana molhada que os marinheiros cortavam na beira.

O convívio com os animais, na terceira, entre a catinga do estrume, fizera com que olhasse com saudade o lento olhar de tristeza que tinham, enquanto desembarcavam, batendo-se, por vezes, no casco da embarcação.

Conjeturava seriamente no meu destino, olhando balançar no guindaste um touro negro, de malhas brancas. Teria ele talvez o campo para o pasto, poderia sorver livremente a água dos córregos, se fosse escolhido para o transporte de carga.

Ou sofreria a tragédia do matadouro. Engordaria primeiro do esforço da viagem. Dias de bom pasto. Cuidados especiais, até o amanhecer do dia, em que fosse abatido para o sustento dos homens.

Numa volta mais rápida, decorei o nome que ele trazia no lombo:

*A. J. Leite.
Paraíso.*



De vez em quando vinha e voltava no pensamento. Paradas súbitas. Conforme o crepúsculo, mais demoradas. Guiomar com os olhos de jabuticaba, aparecia e desaparecia no meu cérebro. Lembrava-lhe os desejos, as ânsias, as histórias que me contava dos maus-tratos da família. O gosto pelos estudos. Amor de criança. Tão de vontade dos nossos.

Comecei a me arrepender de lhe não ter dito nada sobre a minha resolução. Que poderia pensar agora de mim?

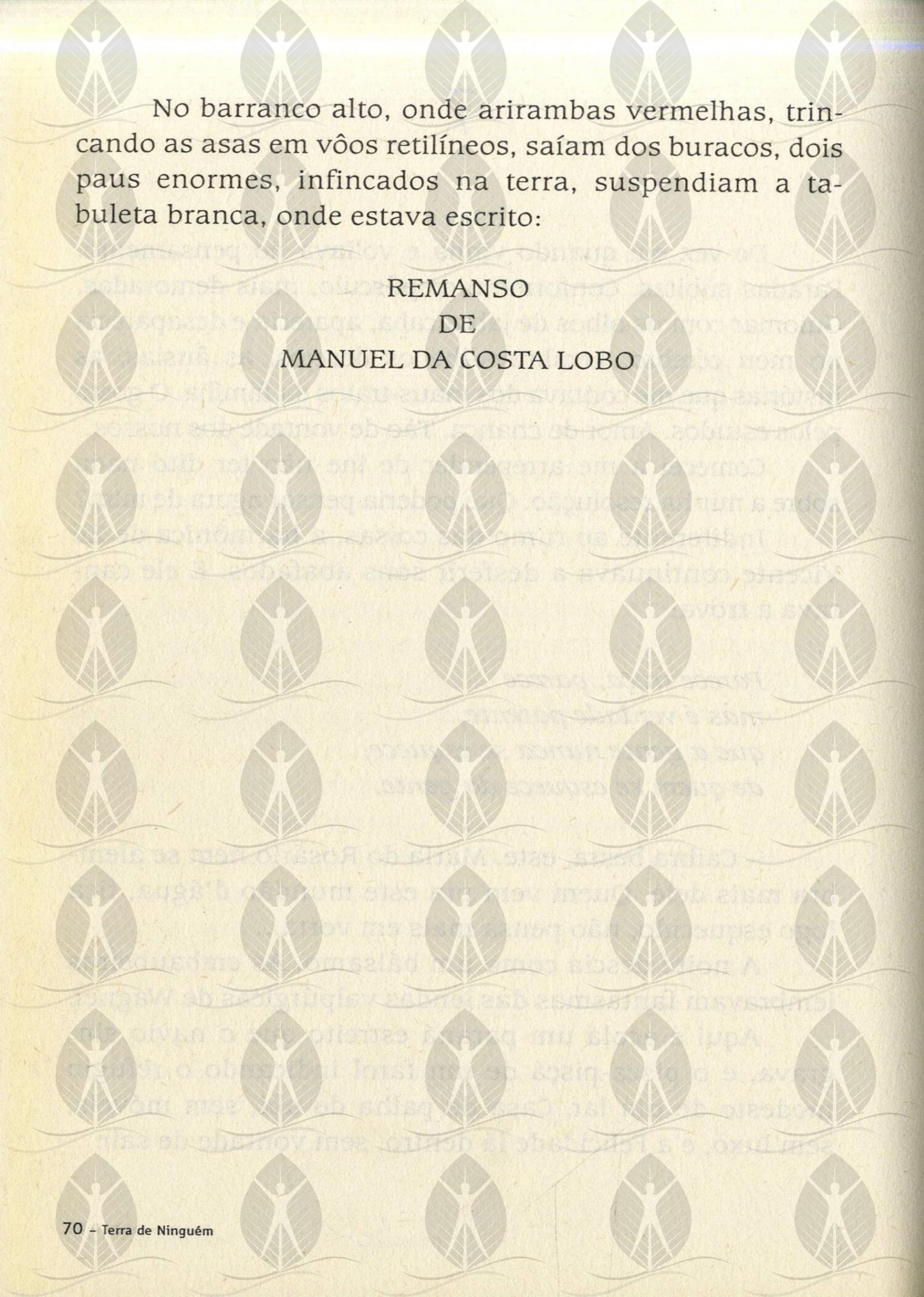
Indiferente ao rumo das coisas, a harmônica de Zé Vicente continuava a desferir sons abafados. E ele cantava a trova:

*Parece troça, parece
mas é verdade patente,
que a gente nunca se esquece,
de quem se esquece da gente.*

– Caibra besta, este. Maria do Rosário nem se lembra mais dele. Quem vem pra este mundão d'água, fica logo esquecido, não pensa mais em vortá...

A noite descia como um bálsamo. As embaubeiras lembravam fantasmas das lendas valpúrgicas de Wagner.

Aqui e acolá um paraná estreito que o navio singrava, e o pisca-pisca de um farol indicando o refúgio modesto de um lar. Casa de palha de ubi, sem móveis, sem luxo, e a Felicidade lá dentro, sem vontade de sair.



No barranco alto, onde arirambas vermelhas, trin-
cando as asas em vôos retilíneos, saíam dos buracos, dois
paus enormes, infincados na terra, suspendiam a ta-
buleta branca, onde estava escrito:

REMANSO
DE
MANUEL DA COSTA LOBO

O “Rio Jamari” cabeceando nas águas cheias do rebojo encostava ronzeiro. Um curumim nu, numa igitité, vinha encontrar o banzeiro do vapor, cá fora.

A canoa descia e subia. Vezes havia que quase se sumia nas ondas, num engano puro, pois adiante surgia, rebentava do abismo causando o espanto no rosto dos brabos, que de malas arrumadas, feita a malalotagem, aguardavam a ordem para se pôr em contato com a terra.

– Menino da peste. A mode que tem sete forgos como gato...

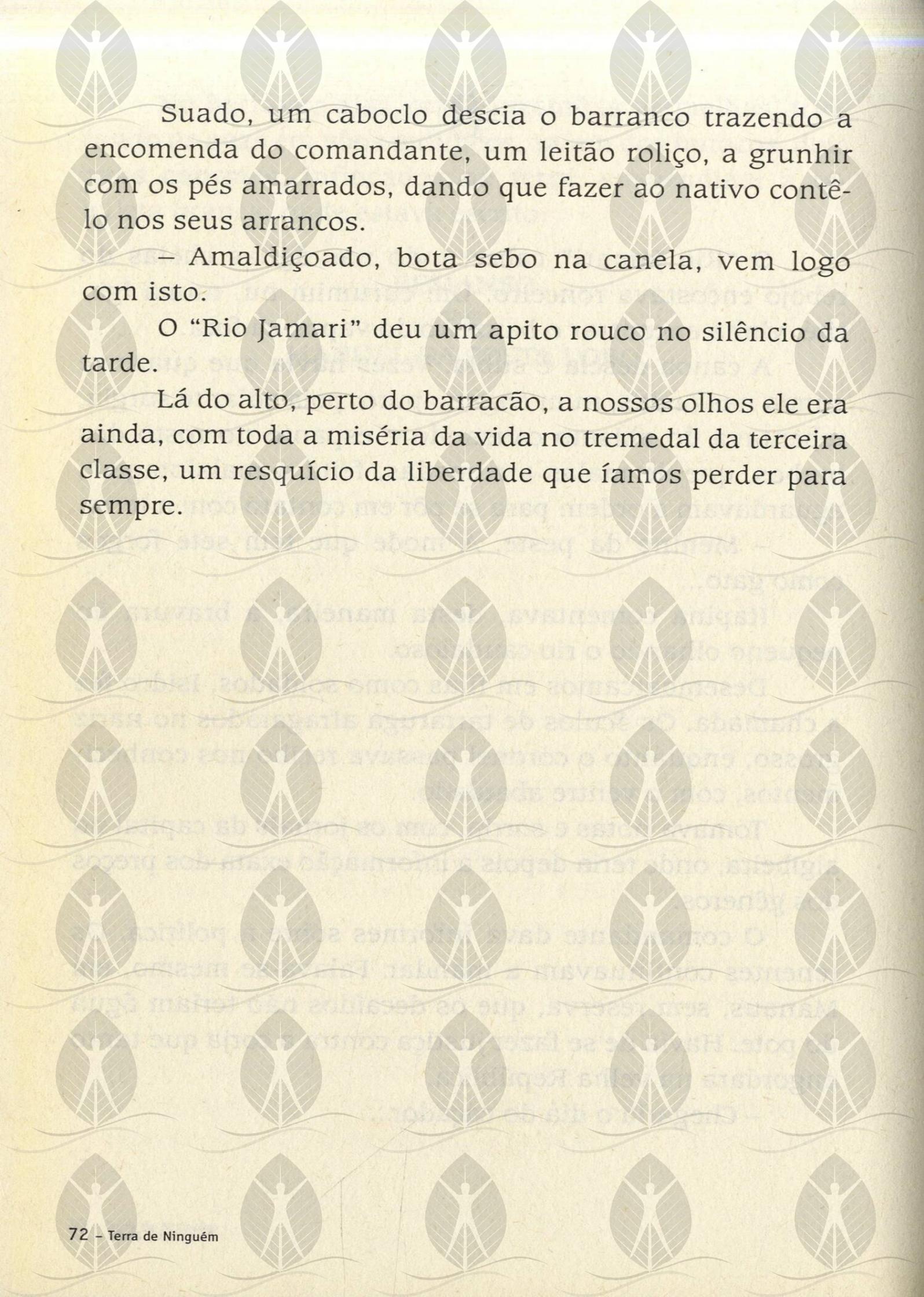
Itapina comentava, desta maneira, a bravura do pequeno olhando o rio caudaloso.

Desembarcamos em filas como soldados. Isidro fez a chamada. Os óculos de tartaruga afragatados no nariz grosso, enquanto o coronel passava recibo nos conhecimentos, com o ventre abaulado.

Tomava notas e sorria, com os jornais da capital na algibeira, onde teria depois a informação exata dos preços dos gêneros.

O comandante dava informes sobre a política. Os tenentes continuavam a mandar. Falava-se mesmo, em Manaus, sem reserva, que os decaídos não teriam água do pote. Havia de se fazer justiça contra a corja que tanto engordara na velha República.

– Chegará o dia do caçador...



Suado, um caboclo descia o barranco trazendo a encomenda do comandante, um leitão roliço, a grunhir com os pés amarrados, dando que fazer ao nativo contê-lo nos seus arrancos.

– Amaldiçoado, bota sebo na canela, vem logo com isto.

O “Rio Jamari” deu um apito rouco no silêncio da tarde.

Lá do alto, perto do barracão, a nossos olhos ele era ainda, com toda a miséria da vida no tremedal da terceira classe, um resquício da liberdade que íamos perder para sempre.

Ambições, preconceitos, tudo aluía com o esmagamento da paisagem luxuriosa e a atitude hostil do senhor feudal das terras em que teríamos de viver.

Antônio, o capataz, ar carrancudo, bexigoso, depois de providenciar sobre o destino das bagagens contra o imprevisto das chuvas durante a noite, disse-nos:

– Vocês vão cortar na estrada do Cacunde.

Falou isso com alguma superioridade. Vendo Engrácia, amamentando o filho com o peito magro, sem despertar mais volúpia, escorregadio, mole como um pano de coar café, resmungou autoritário:

– Quem é o amásio desta sujeita? O coronel não aceita mulher nestas bandas. Bastam as de Humaitá para deixar moléstia nos seringueiros.

Bastião protestou, erguendo a voz sumida dentre os outros com o instinto superior do macho.

– Não se engane, moço. Engrácia é a mãe de meus fios, e casada comigo pela Santa Madre Igreja.

– Como é que o Isidro consentiu que viesse! Aqui não se admite muié: aumenta a conta e não produz lucro.

– Só vinha pra cá com ela.

– Está bem; já que está, fique. Você vai ter cuidado com a concorrência. Os homens aqui andam secos.

Os brabos, amontoados como carga no terreiro, humildes, olhavam com espanto os seringueiros que apareciam, seminus, companheiros da mesma tragédia

humana, e que sorviam tragos no armazém lombando a mercadoria que o navio largara.

– Olhe, moço – disse Antônio – você vai para o São João. O Isidro conversou com o patrão e assim que aparecer vaga no escritório virá pra aqui.

Doía-me a exceção. Com o convívio íntimo na viagem, sentindo as mesmas angústias, irmanara-me aos desbravadores anônimos da selva ambicionando padecer, com eles, as mesmas mágoas.

Seguimos, no outro dia, divididos em lotes. Dirigindo a leva que se destinava ao meu destino, Fulgêncio, o mateiro, começou a falar:

– Isso aqui é degredo. Raro é o que volta. A vida do seringueiro é uma luta permanente com a Natureza. Inimigos por toda a parte.

A floresta recebia-nos, entretanto, com alegria. Os pássaros cantavam. Às vezes uma palmeira balouçava as palmas verdes, penteadas, no alto. Frutos podres no chão, roídos de capivaras, e a mata ciclópica, infinita, desumana, onde, na superstição macia dos caboclos, saltavam matintapereras e apareciam boitatás gemendo nas noites escuras, e as cobras silvavam enrodilhadas nas folhas.

Tudo verde! A ilusão permanente, eterna, do verde! Como se desmentisse a persuasão de que a cor queria dizer esperança, Fulgêncio destruía o pensamento informando sobre o destino inclemente dos que escapavam à fúria dos Parintintins, às insídias dos felinos e aos botes trêfegos dos insetos mortíferos.

Andáramos meia hora quando um pio angustioso fez com que Zé Vicente parasse subitamente.

– Nada não, moço – não é a suçuarana, o que canta é a surulina, anunciando a ausência do companheiro que foi procurar o alimento.

Antes de atravessar uma picada recentemente aberta, demos com uma árvore imensa em cujas raízes elevadas do solo, podiam abrigar-se vinte homens. Era a sapopema.

– Quando se perderem – adiantou o guia –, batam com o terçado nestas raízes. Assim serão logo pressentidos pelos companheiros, que repetirão o aviso, anunciando o rumo.

Pouco mais andamos quando apareceu uma barraca em ruínas, onde crótons vermelhos e palmas-de-santa-rita circundavam um canteiro de coentros, atestando a passagem de gente.

Ali seria o nosso lar. Naquela miséria é que haveríamos de aguardar a visita da Fortuna, quando esta, cansada de atender os desejos dos ricos, se acertasse o caminho, e não temesse a distância, quisesse se perder no labirinto intrincado da selva misteriosa.

Naquelas paragens, preguiçoso, não se lembrara ainda o sol de despertar, quando saímos com o rifle a tiracolo, o terçado 128 na destra. Levávamos à testa a lamparina para iluminar a treva da mata fechada, onde piavam aves agoireiras.

Os pés iam calçados em sapatos de sernambi para evitar os espinhos.

Penetrávamos assim na floresta para o trabalho do corte, despertando os veados espantadiços, os tamanduás-bandeiras e as cutias, lépidas, saltitantes, que fugiam à nossa presença, ariscas e tontas.

Íamos rasgando a roupa grossa de azulão nas tiri-ricas, enquanto os cipós malvados se enlaçavam na gente dando trabalho.

Nos primeiros dias era enorme o pavor das feras e dos índios.

– Um conto e novecentos!...

Os algarismos dançavam, cabriolando na memória do Honorato. Um conto e novecentos! Nunca vira tanto dinheiro junto, meditava, intranquilo, na conta que lhe fora apresentada, das despesas feitas com o embarque, desde a hora que tomara a lancha do “Pé de Brasa”, em Fortaleza, o mar revolto, despejando-se em ondas contra a embarcação que voava para o navio como o destino, meditava profundamente no papel com seis filas, onde os algarismos apareciam arrumadinhos em tinta roxa.

Ainda não se acostumara ao serviço, mal entrara a conhecer os segredos da selva, e já estava a dever uma fortuna ao patrão.

– Quando é que poderei pagar esta conta?

A estrada sombria era um desafio, mostrando-lhe as árvores onde poderia extrair o tesouro, sangrando-a com a machadinha.

Tinha de cortar sessenta árvores. Algumas seringueiras obrigavam-me a trepar numa escada para feri-las, onde não tivesse a marca do corte da véspera. Entalhava as tigelinhas, colhendo-as de regresso, trazendo o galão cheio de “látex” para o defumador, onde coagulava o leite na fumaça feita pelos caroços de urucuri. Tirava este da bacia com uma cuia, derramando-a sobre a pá de remo, posta acima do boião, de onde se espiralavam grossos rolos de fumaça cinzenta. Camadas superpunham-se, umas sobre as outras, até se formar a pele de borracha.

Luta anônima, quotidiana essa, travada com o estômago vazio, porque entrávamos nas estradas sem alimento nenhum além de uma cuia de chibé, feito de farinha-d’água mofada.

Depois de defumado o leite é que nos sentávamos a comer o jabá, com a alegria que proporcionava Zé Vicente com as suas anedotas.

No forno, a farinha fumegava. Índias velhas, gastas pela ação do tempo, retiravam do igarapé o tipiti onde a mandioca amolecia. Perto do tapiri, cunhantãs faziam beijos com as massas de carimã, enquanto os muras tomavam ipadu.

Pertenciam aqueles índios mansos à tribo dos muras, quase extinta.

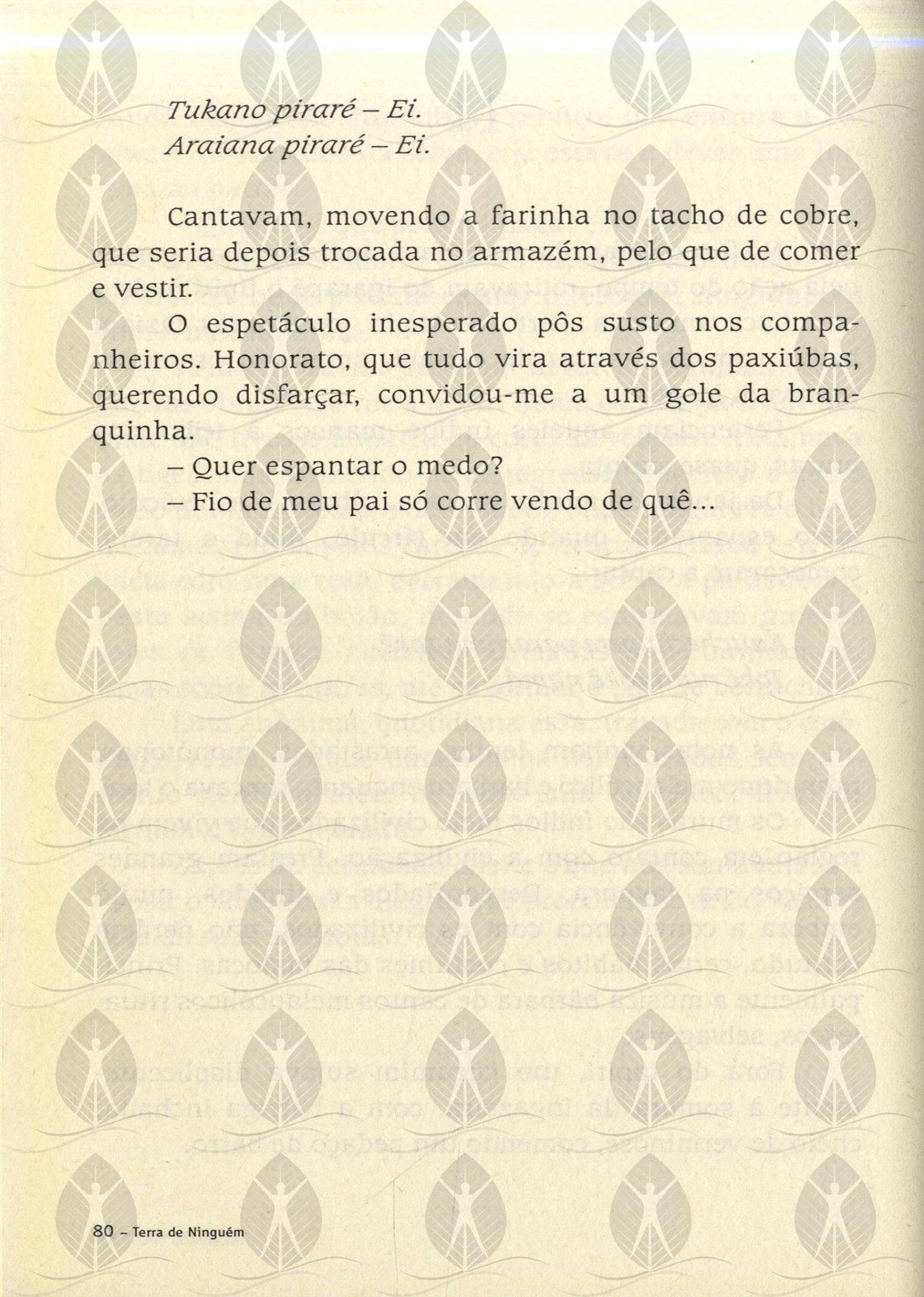
Da janela da minha barraca, olhava o espetáculo, meio espantado, quando em círculo, finda a tarefa, começaram a cantar:

*Kaitchepere paranima tokê
Tokê nura tokê namá.*

As notas vinham lentas, arrastadas, monótonas, num ritmo melancólico e bárbaro enquanto roncava o toré.

Os muras são índios meio civilizados que vivem na região em contato com a civilização. Prestam grandes serviços na lavoura. Desconfiados e tímidos, muito embora a convivência com os civilizados, não perdem contudo, certos hábitos e costumes das malocas. Principalmente a música bárbara de cantos melancólicos ritualescos, selvagens.

Fora do tapiri, um curumim sujava displicentemente à sombra da ingazeira, com a barriga inchada, cheio de verminose, comendo um pedaço de barro.



Tukano piraré – Ei.
Araiana piraré – Ei.

Cantavam, movendo a farinha no tacho de cobre, que seria depois trocada no armazém, pelo que de comer e vestir.

O espetáculo inesperado pôs susto nos companheiros. Honorato, que tudo vira através dos paxiúbas, querendo disfarçar, convidou-me a um gole da branquinha.

– Quer espantar o medo?

– Fio de meu pai só corre vendo de quê...

Primeiramente tomei que fosse buzina. Ouvira o apito rouco na noite. Depois é que vira as luzes n'água, os faroletes de duas cores e o navio arfando que se aproximava. Há para quem se distancia, um minuto doloroso de amargura e recordação, quando se vê um navio abicar na ribanceira, procedendo do mesmo sítio de onde se veio tentar a vida. O "Alegria" amarrara os cabos, entre as moitas de canarana.

Corri ao barracão, sequioso de notícias. Na brenha, onde estava, duas palavras de uma carta, bilhete de um amigo seria consolo. Seu Antônio desemaçou pachorentamente um embrulho com jornais e desiludiu-me.

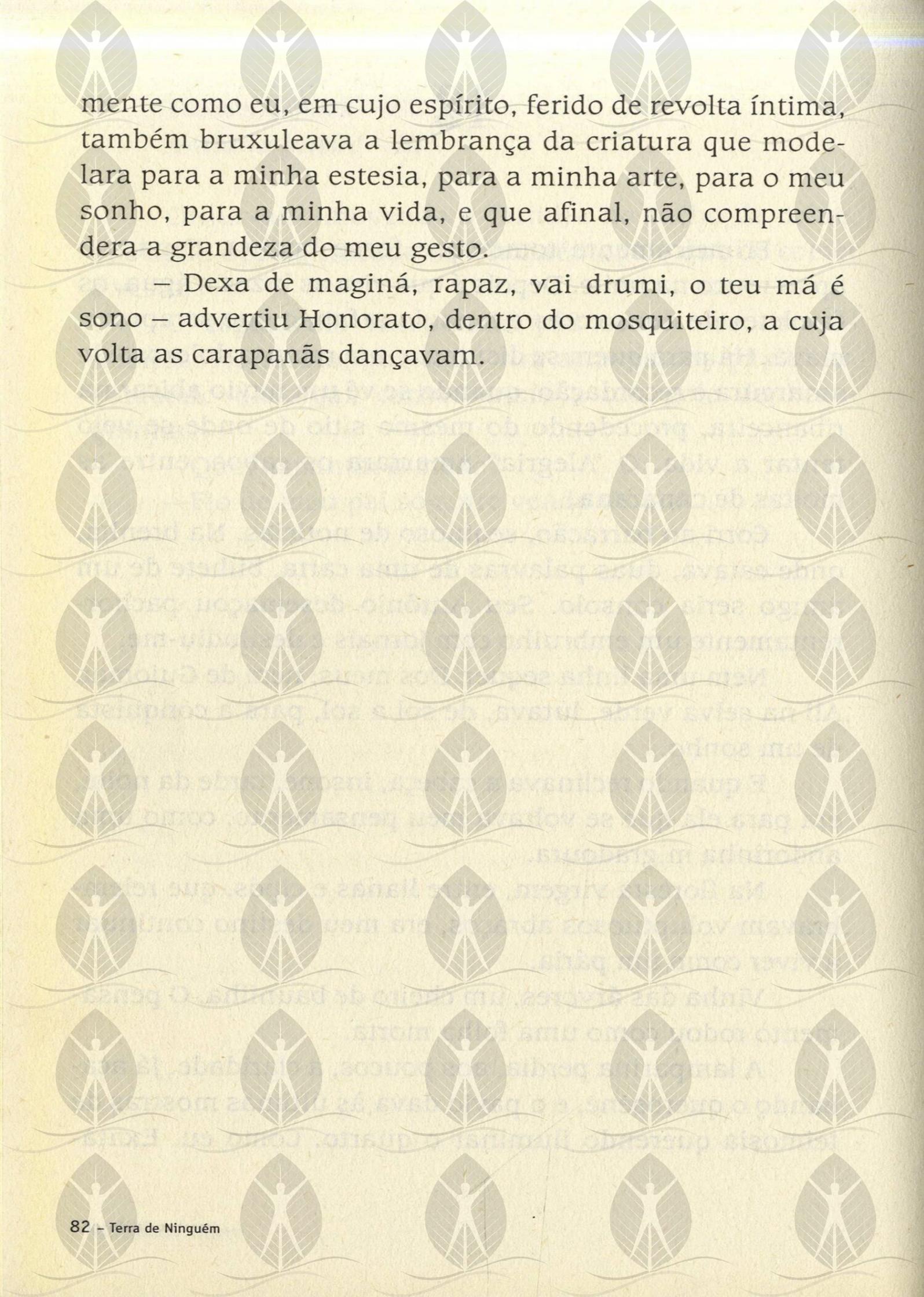
Nem uma linha sequer. Dos meus; nem de Guiomar. Ali na selva verde, lutava, de sol a sol, para a conquista de um sonho.

E quando reclinava a cabeça, insone, tarde da noite, era para ela que se voltava meu pensamento, como uma andorinha migradoura.

Na floresta virgem, entre lianas e cipós, que lembravam voluptuosos abraços, era meu destino continuar a viver como um pária.

Vinha das árvores, um cheiro de baunilha. O pensamento rodou como uma folha morta.

A lamparina perdia, aos poucos, a claridade. Já acabando o querosene, e o pavio dava às últimas mostras de teimosia querendo iluminar o quarto. Como eu. Exata-



mente como eu, em cujo espírito, ferido de revolta íntima, também bruxuleava a lembrança da criatura que modelara para a minha estesia, para a minha arte, para o meu sonho, para a minha vida, e que afinal, não compreendera a grandeza do meu gesto.

– Dixa de maginá, rapaz, vai drumi, o teu má é sono – advertiu Honorato, dentro do mosquiteiro, a cuja volta as carapanãs dançavam.

Era de aspecto rude o Manuel Lobo. Cearense. Desconfiado e tímido, como ninguém. Com as manobras políticas em Humaitá desalojara aos poucos os caboclos das suas terras, demarcando-as em seu nome. De uma feita mandara atear fogo às barracas dos seringueiros porque, teimosos, recalcitraram em desobedecê-lo quando o teodolito do engenheiro passou a medir as áreas cultivadas.

Homem de poucas palavras, sibilino. Profundamente tacanho e mau, somente disfarçava a fisionomia moral e se avistava com algum lêmure político da cidade.

Então, nem parecia aquele sujeito perverso, caprichoso, de vinganças requintadas, que sorria dos reclamos dos escravos, dos que lhe davam o ouro através das peles de borracha e das amêndoas de castanha que atestavam o paiol e o armazém, se tinha próximo o chefe político, ou qualquer membro de sua digna família.

Escorregadio, untuoso, cheio de salamaleques, o coronel tornara-se num boneco sem vontade, sem ânimo, acionado pelos desejos mais absurdos dos Monteiro, que dominavam a política.

Quando havia eleição, mandava os seringueiros descarregarem na chapa do governo. Gastava dinheiro a rodo preparando o pessoal, nesse dia, embarcando-os na “Jarina”, para o pleito.

Certa vez Rosendo Dantas, ao passar no edifício da Prefeitura para cumprir o dever cívico de votar com os

Monteiro, desviou os votos sem querer, por malandrice política do farmacêutico, emprenhando ingenuamente a chapa. Tanto bastou para que não mais trabalhasse, sendo posto de bubuia numa canoa, alta noite, sem remos.

– Deus tá lá em riba e não dróme – murmurou Epifânio, o cabinda, na sua meia língua, a assistir a malvadez.

Era, assim, o homem. Se desconfiava de um seringueiro, começava a estudar o meio mais fácil de pegá-lo em falta. Aí o castigo era terrível. Desumano, bárbaro. De uma vez, porque reclamasse um homem a qualidade do sabão que recebera na loja, Manuel Lobo mandou prendê-lo ao tronco, durante o dia, antegozando o martírio, e à noite Severino teve de dormir amarrado ao instrumento de suplício, em cima da última cova do cemitério.

– Pancada!...

Ele respondia raivoso:

– Pancada é tua mãe, sem-vergonha.

Ensandeceu com o castigo e agora, apenas, conduzia o aturá de ouriços de castanha, do depósito para bordo, resmominhando palavrões.

A carta na mão, Zé Vicente, antes risonho e alegre, tinha os olhos machucados. Passara a noite em claro. O pensamento muito longe, revendo a noiva. Maria do Rosário era, para ele, tudo. Fora de certo para abreviar o casamento que viera ao “Remanso”, cego pelas vantagens de Isidro, contadas, com derrames de gestos, na feira de Icó.

Seria dolorosa a seca. Ao abrir a porta, manhã cedo, viu as pedras de sal, adormecidas ao relento, como as deixara. Era o sinal fatídico.

Ainda teve um laivo de esperança.

Talvez fosse falso o prognóstico e a véspera da primavera lhe trouxesse as primeiras chuvas. Esperou. Os céus, teimosamente claros; o sol, canicular, torrando tudo, desatendia as ladainhas, às procissões com as cruces alçadas e os tambores do Divino rufando.

Sucumbiam os animais, à procura d’água e pasto.

A mãe, cega, tateando sempre, compreendeu a tragédia.

– Ah, meu fio! Deus não tem pena de nós. Tanta reza, tanta “Magnificat”, mas tudo, tudo em vão, à toa. A seca vem aí.

Já passavam os primeiros retirantes.

Numa leva, deu com a vista em Manuel Piranha, que nunca emigrara. Vinha melancólico, a cabeça baixa, o animal cozido aos ossos, sem forças mais para conduzi-lo.

– Aonde vai, Piranha?

– Não güento mais, compade. Desta vez vou memo. Lá o Amazonas me espera. Vou enterrá a carcaça pro lá. Não arresisto mais a seca que tá braba. Perdi o que tinha. “Bela Vista” é um çumuntério: morreu tudo.

O convite amável de Isidro começou a perturbá-lo. E se também fosse tentar a sorte como os outros? Talvez realizasse assim o maior sonho de sua vida simples, que era casar com a Do Rosário.

Vestiu o gibão de couro, calçou as perneiras, montando o “Ventania” em direção à casa da noiva.

No outro dia, tomou o vapor em Camocim. O mar deu-lhe uma impressão de distância, de infinito, de grandeza, embora enjoasse muito até Fortaleza, onde se juntou ao bando de retirantes.

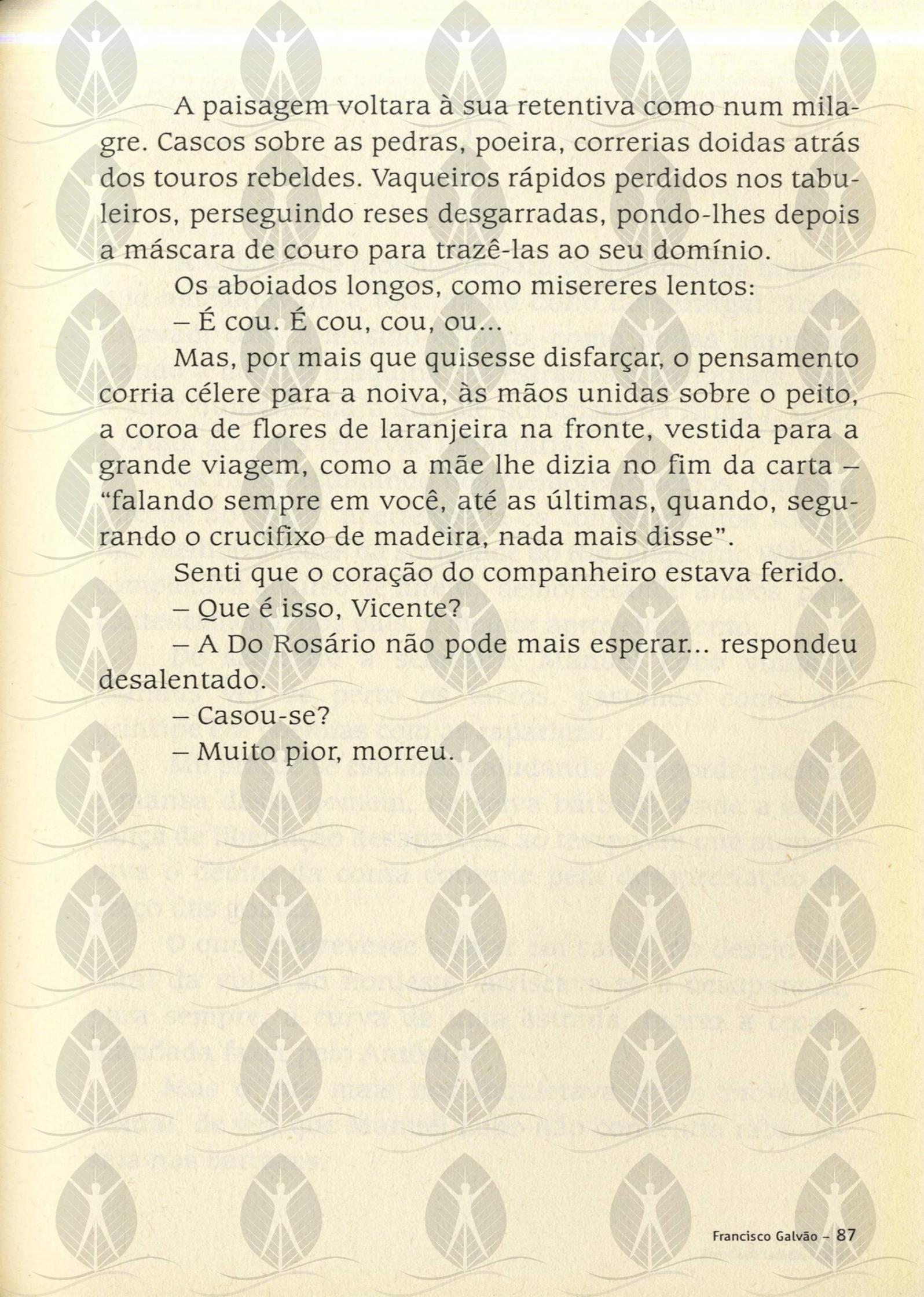
E viera.

Agora estava a recordar, em êxtase, o último baião em que estivera com a Do Rosário, onde dois cantadores de fama se pegaram. Serenara na dança, olhando muito a fundo os olhos da noivo. E enquanto ralhavam as violas, no alpendre, à luz doirada da lua, depois de comovê-la com palavras bonitas, roubou-lhe furtivamente um beijo.

Ruborizada, Do Rosário protestou. Não fizesse mais assim. Faltava tão pouco para o casamento.

Morena, desse moreno cálido do sertão, os seios bulindo no crivo de renda da camisa, Maria do Rosário era mesmo bonita. Nos olhos, o céu lavado e puro das manhãs sertanejas, onde cantavam os pássaros.

Depois, começou a recordar a derradeira vaquejada, onde fora, de certo, o rodador mais galhardo.



A paisagem voltara à sua retentiva como num milagre. Cascos sobre as pedras, poeira, correrias doidas atrás dos touros rebeldes. Vaqueiros rápidos perdidos nos tabuleiros, perseguindo reses desgarradas, pondo-lhes depois a máscara de couro para trazê-las ao seu domínio.

Os aboiados longos, como misereres lentos:

– É cou. É cou, cou, ou...

Mas, por mais que quisesse disfarçar, o pensamento corria célere para a noiva, às mãos unidas sobre o peito, a coroa de flores de laranjeira na fronte, vestida para a grande viagem, como a mãe lhe dizia no fim da carta – “falando sempre em você, até as últimas, quando, segurando o crucifixo de madeira, nada mais disse”.

Senti que o coração do companheiro estava ferido.

– Que é isso, Vicente?

– A Do Rosário não pode mais esperar... respondeu desalentado.

– Casou-se?

– Muito pior, morreu.

A vida corria monótona para os quinhentos homens que amealhavam a fortuna do dono do seringal. Todos lutavam com o mesmo esforço, como polias impulsio- nando a mesma máquina. As estradas contribuía- m, com o suor humano, para que ele possuísse na firma J. G. de Araújo, grandes reservas monetárias.

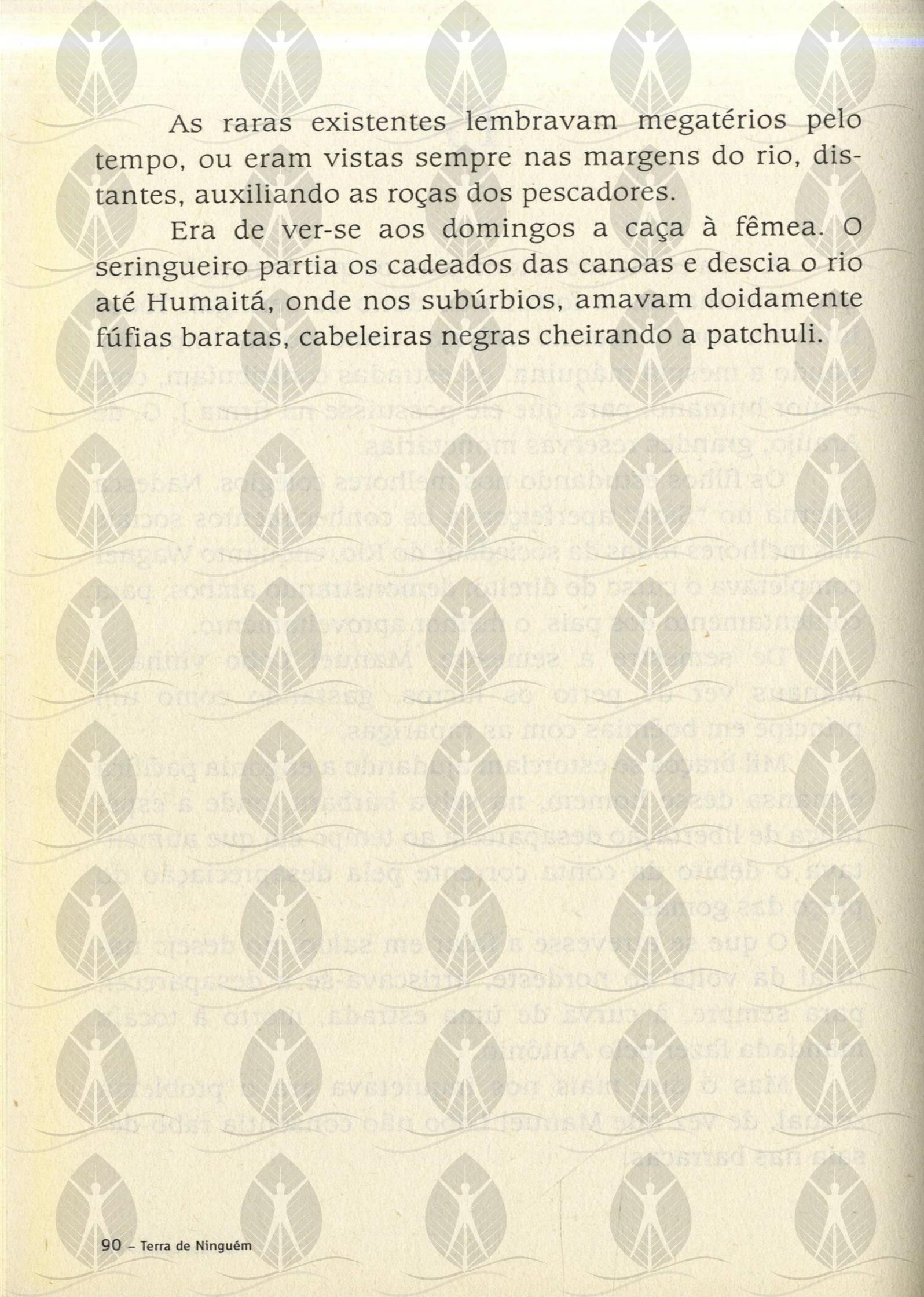
Os filhos estudando nos melhores colégios. Nadesca interna no “Sion” aperfeiçoava os conhecimentos sociais nas melhores rodas da sociedade do Rio, enquanto Wagner completava o curso de direito, demonstrando ambos, para contentamento dos pais, o melhor aproveitamento.

De semestre a semestre, Manuel Lobo vinha a Manaus ver de perto os lucros, gastando como um príncipe em boêmias com as raparigas.

Mil braços se estorciam ajudando a engorda pacífica e mansa desse homem, na selva bárbara, onde a espe- rança de libertação desaparecia ao tempo em que aumen- tava o débito da conta corrente pela desapreciação do preço das gomas.

O que se atrevesse a falar em saldo, no desejo na- tural da volta ao nordeste, arriscava-se a desaparecer, para sempre, à curva de uma estrada, morto à tocaia mandada fazer pelo Antônio.

Mas o que mais nos inquietava era o problema sexual, de vez que Manuel Lobo não consentia rabo-de- saia nas barracas.



As raras existentes lembravam megatérios pelo tempo, ou eram vistas sempre nas margens do rio, distantes, auxiliando as roças dos pescadores.

Era de ver-se aos domingos a caça à fêmea. O seringueiro partia os cadeados das canoas e descia o rio até Humaitá, onde nos subúrbios, amavam doidamente fúfias baratas, cabeleiras negras cheirando a patchuli.

Naquele domingo, conversávamos todos sob a mangueira, à beira do barranco, quando o coronel veio ter aonde estávamos. Um receio súbito varou os presentes.

– De onde é você, peste?

– De Baturité, inhô sim.

– E você? perguntou-me, um sorriso nos lábios, adivinhando naturalmente pelo meu jeito.

– Do Amazonas mesmo.

– É verdade, você é recomendado do Isidro. Foi bom lhe ver, senão com o tempo esquecia. Onde é que está cortando?

– No “São João”.

– Diga uma coisa: de quantas entradas toma conta?

– Duas.

Pois bem, assim que houver uma brecha no escritório, lhe mandarei chamar. Que lhe deu na cabeça de abandonar os estudos e vir para este meio, que a gente está vendo que não é o seu?

Aquela nota humana do patrão, tido e havido como um bruto, me encheu de conforto. Epifânio migava o tabaco, depois de o cortar na máquina, quando recebeu a pergunta incisiva:

– E você, ainda faz feitiço contra mim, negro da peste?

– Nunca fiz, meu branco... Língua grande a desse povo; vivo é no meu trabalho sem pensar como vévem os outros.

Loquaz, Manuel Lobo deixara os companheiros espantados.

Boaventura, Honorato, Felisberto, comentaram comigo, assim que ele saiu, a mudança próxima. Deixaria em breve aquele infame inferno verde, onde a morte espreita em cada clareira. Começava a nascer, em mim, um sentimento novo e bonito: o da solidariedade pelos entes infelizes que curtiam a mesma infâmia de vida.

– Deus queira, Anatólio, você bem merece...

– Se isso se der, serei um defensor constante de todos que passam comigo o suplício da escravidão.

Epifânio resmungava palavras inteligíveis, os olhos enormes levantados para o alto.

– Vancês hão de vê, Deus tá lá em riba e num dróme. Ogum há de me ajudar. Semanjá nos haverá de protegê. Xangô é bom pai.

E numa língua estranha, como se fizesse encontros, acrescentou tirando uma fumaça:

– “Eurê ti mobassá hoke”.

Velho escravo, vindo deportado da Bahia, o negro tinha sido babalaus de Ifá!

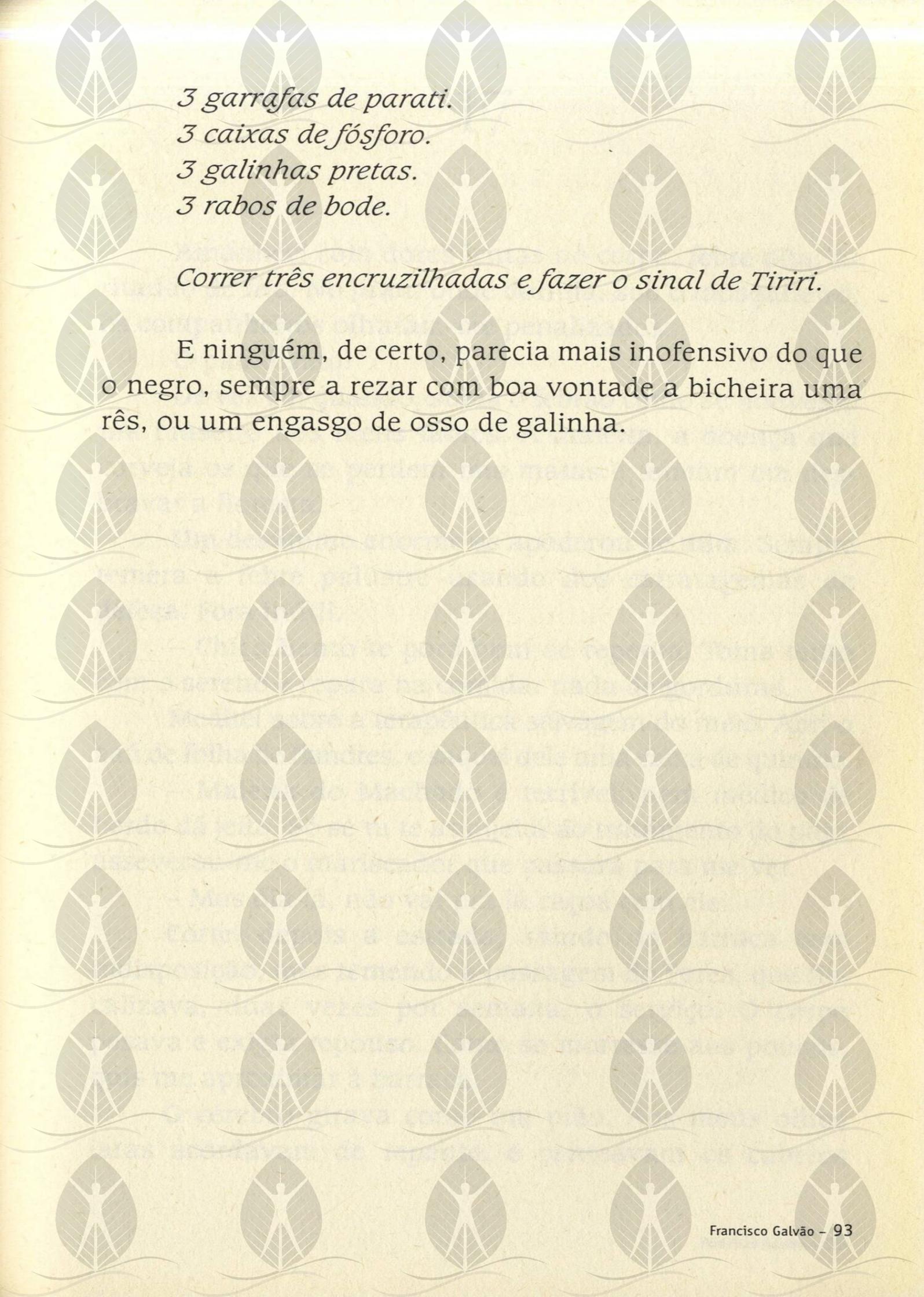
Sacerdote dos ritos estranhos do deus maligno, sabia dirigir como poucos o cerimonial da magia negra, muito embora afirmasse trabalhar na linha branca de Umbanda.

No outro dia, encontraram esta receita enrolando um despacho na porta do barracão:

EXU-TIRIRI:

3 velas.

3 charutos.



3 garrafas de parati.

3 caixas de fósforo.

3 galinhas pretas.

3 rabos de bode.

Correr três encruzilhadas e fazer o sinal de Tiriri.

E ninguém, de certo, parecia mais inofensivo do que o negro, sempre a rezar com boa vontade a bicheira uma rês, ou um engasgo de osso de galinha.

Amanheci com dores lentas no corpo, febre alta, tiritando de frio. No jirau, onde dormia, sob o mosquiteiro, os companheiros olharam-me penalizados.

O paludismo!

De vez em quando, subia o febrão como se houvesse um braseiro nos meus lábios. A maleita, a doença que corveja os que se perdem nas matas e teimam em desbravar a floresta.

Um desânimo enorme se apoderou de mim. Sempre temera a febre palustre usando dos estratagemas da defesa. Fora inútil.

– Chico Bento te porá bom de repente. Toma tento com o sereno e repara na comida: nada de gorduras.

Meditei sobre a terapêutica selvagem do meio. Abri o baú de folha de flandres, e saquei dele uma caixa de quinino.

– Maleita do Machado é terrível, nem médico de bordo dá jeito. Só se tu te assujeitá ao tratamento do pajé, asseverou-me o mariscador que passara para me ver.

– Mas óia lá, não vai pra lá caçoá com ele.

Cortei depois a estrada, saindo da barraca com indisposição, mas temendo a passagem do Peres, que fiscalizava, duas vezes por semana, o serviço. O corpo pesava e exigia repouso. Como se morresse aos poucos, quis me aproximar à barraca.

O cérebro girava como um pião. Aos meus olhos iaras acordavam de repente, e penteavam os cabelos

loiros com pentes de prata. Os cariúnas me apavoravam. Receiava, supersticioso que era, o curupira, que eu via pulando na estrada ínvia e deserta.

E saltavam os mapinguaris fantásticos, metendo pavor aos meus olhos.

– Virgem Santa Maria!

A boiúna, senhora das águas e dos furos; a cobra-grande, aparecia com duas tochas nos olhos. Atracara-se o ofídio no tronco duma ingazeira e fazia esforços sobre-humanos para me pegar com a cauda.

E vinha vindo, vinha vindo, apavorante:

– Zé Vicente... cente... ent... ente!...

Despertei muito depois em casa, o buião derramado na estrada, o serviço perdido.

Não pude resistir, receando a moléstia, e no outro dia, fui novamente à casa do curandeiro.

– Medo de morrê traz munta força: não é meu fio?

– Vim buscar a bênção do bicho-do-fundo...

Sentei-me. O maracá começou a derramar sons. Defumava-me com folhas de tabaco de tauari.

– Trá-Trá-trá, rá-rá-á...

Ao som do maracá, Chico Bento começou a receber o espírito.

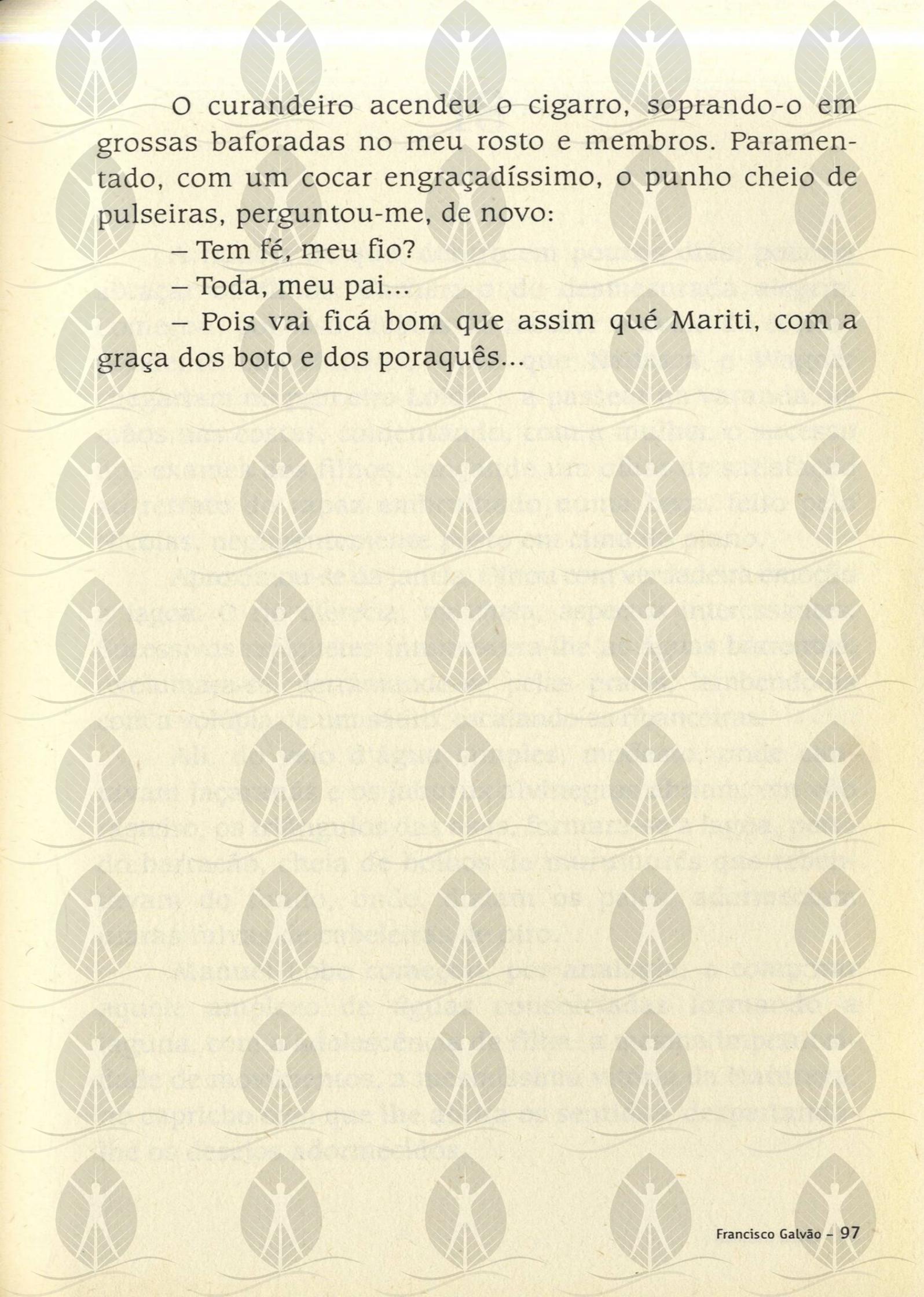
– Como está frio? Que frio. Recebi teu aviso, meu fio. O que há? Sou o filho do rei Irandi, e trabáio com os elemento do igarapé Pixuma.

– Tenho sezão, meu pai, e quero me curar.

– Tem fé, meu fio?

– Tenho.

– Pois Mariti, mãe das lagoas, fará que tu sare.



O curandeiro acendeu o cigarro, soprando-o em grossas baforadas no meu rosto e membros. Paramentado, com um cocar engraçadíssimo, o punho cheio de pulseiras, perguntou-me, de novo:

– Tem fé, meu fio?

– Toda, meu pai...

– Pois vai ficá bom que assim qué Mariti, com a graça dos boto e dos poraquês...

A notícia de que, dentro em poucos dias, poderia abraçar os filhos, enchera-o de desmesurada alegria. Começou, por isso, depois de receber o aviso do correspondente em Manaus, – de que Nadesca e Wagner chegariam no primeiro Lóide, – a passear na varanda, as mãos nas costas, comentando, com a mulher, o sucesso dos exames dos filhos, lançando um olhar de satisfação ao retrato do rapaz embrulhado numa beca, feito pelo Nicolas, negligentemente posto em cima do piano.

Aproximou-se da janela. Olhou com verdadeira emoção a lagoa. O rio oferecia, na cheia, aspectos interessantes. Sucessivos repiquetes intumescera-lhe as águas barrentas. Avolumara-se, derramando-se pelas praias, lambendo-as com a volúpia de um sátiro, escalando as ribanceiras.

Ali, do veio d'água simples, modesto, onde cantavam jaçaranãs e os jaburus alvinegros abriam, em vôo rasteiro, os triângulos das asas, formara-se a lagoa, perto do barracão, cheia de bolbos de murumurés que reben-tavam do fundo, onde, diziam os pajés, adormeciam uiaras fulvas de cabeleiras de oiro.

Manuel Lobo começou, por analogia, a comparar aquele amplexo de águas consorciadas formando a laguna, com a adolescência da filha: a mesma impetuosidade de movimentos, a mesmíssima vitória da Natureza, no capricho com que lhe abriam os sentidos, despertando-lhe os desejos adormecidos.

– Como estaria Nadesca?

A memória começou a trabalhar. Há nove anos abandonara o “Remanso” para os estudos no Rio. Os cabelos em cachos, compridos, davam-lhe uma certa aparência de boneca vinda de Paris. Chorara a bordo, com saudades antecipadas de um jabuti que era o seu companheiro de brincadeiras. Minervina, a ama, ficara com os olhos inchados de tanto chorar pela sua partida. Dias tristes aqueles da primeira separação. A mulher sofrera muito. Era preciso, porém, o sacrifício, em nome da educação da pequena.

Anunciava-se, para breve, o regresso, a volta a essa terra que ela dizia nas suas cartas, “poder ver, nos seus mistérios, uma gente esmagada pela luxúria da paisagem, sem leis, nem garantias, escravizada ainda aos potentados”.

Matutava Manuel Lobo nas festas que seriam feitas, calculando os gostos, precisando, mentalmente, os convites, sem esquecer na cidade, os Monteiro.

Ia uma azáfama enorme no barracão. O aluá há dias dormia de infusão. Faziam-se bolos no forno. O galinheiro devastado. Dona Rosa, com o orgulho maternal, providenciava, dando os últimos retoques, depois de ler o telegrama:

*Chegaremos amanhã, muitas saudades –
Nadesca e Wagner.*

Assava o peito de tartaruga numa trempe, ao terreiro, cobrindo a gordura amarela, cheirosa, com a farinha-d'água. Desejava assim, saber se a filha esquecera aquele prato que era, noutros tempos, de seu maior agrado.

Gostaria ainda, mesmo, da tartaruga, ou as referências, nas cartas, seriam apenas, para avivar as lembranças da terra? Fosse o que fosse, estaria o quelônio à mesa a hora do almoço.

– Minervina, arranca uns crótons e umas palmas-de-santa-luzia e procura no jardim algumas rosas.

A ama, que não cabia de contente em rever os próximos hóspedes, que tanto trabalho lhe dera em pajeá-los, foi cumprir as ordens.

O navio apontou na curva do paraná. De onde aparecera, daí a um quarto de hora estaria atracado.

Na amurada, Nadesca, alva, o corpo de galgo russo, num costume verde que mais avivava a beleza

do rosto, o braço ao ombro do irmão, fazia adeus, agitando o lenço.

O rapaz, de óculos, tinha uma aparência simpática. Dentro de poucos minutos, abraçada à filha, dona Rosa exclamava:

– Meus filhos! E as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

– Nada de choro nesta casa, mulher, onde deve haver de agora em diante, a maior alegria.

– Eu sei, seu Neco, mas não me contenho. Tanto tempo sem ver os meus filhos, faz com que as lágrimas venham, – respondeu, anafada, com um *matinée* de musselina róseo, crivado de rendas do Ceará.

Alisava o rosto de Nadesca, como a querer descobrir-lhe as feições que se foram.

Há muito tempo: nove anos dormia embalada pela Minervina, que lhe contava as mais lindas histórias.

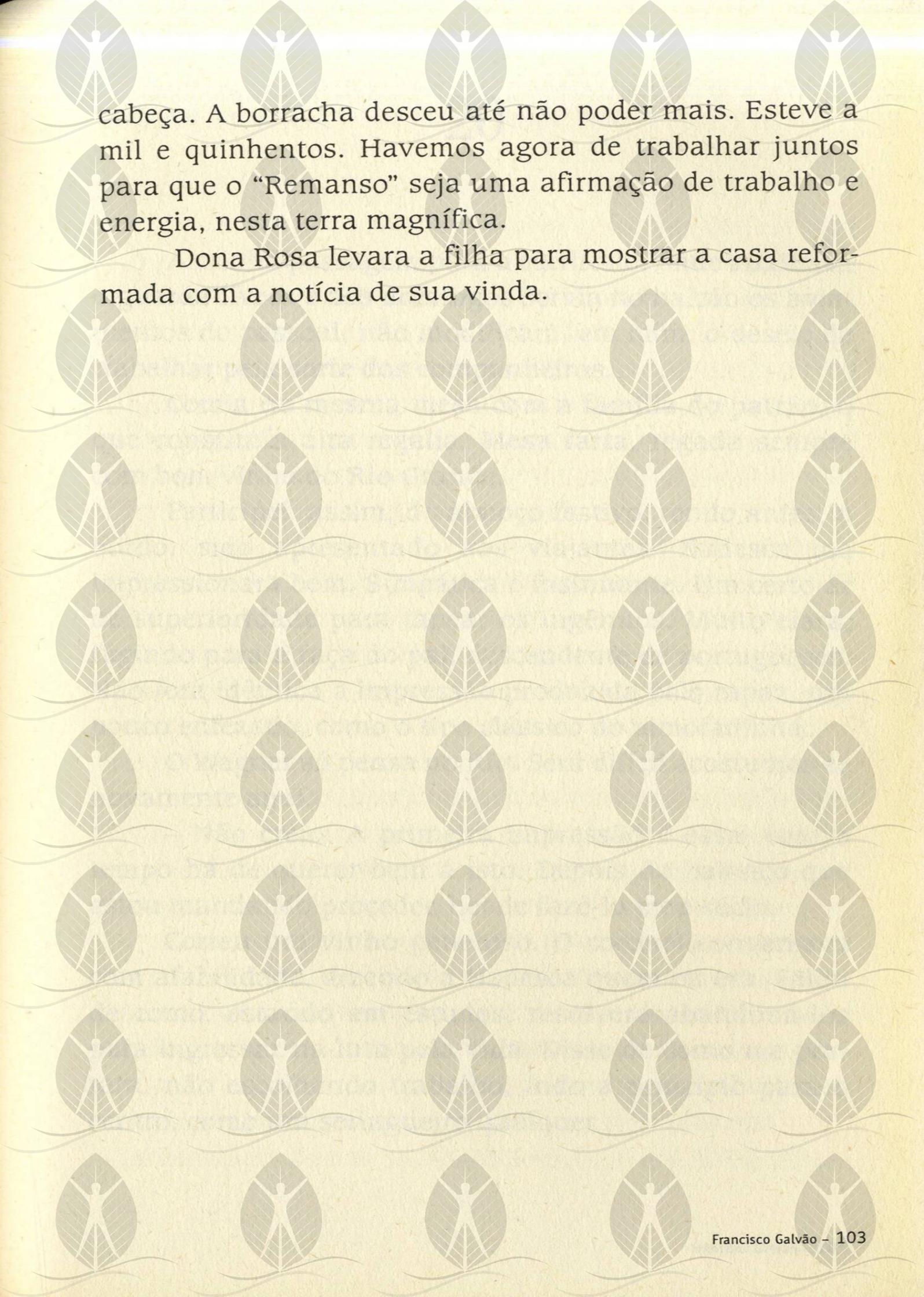
– E a Minervina? Quero beijá-la muito e muito – disse Nadesca. Como a Vida é diferente das suas histórias! Trouxe um corte de seda para ela, e eu mesmo quero fazer o vestido, bem moderno – terminou num riso claro, argentino.

A preta gozou a pergunta e a notícia do presente. Os braços da moça enlaçaram-na.

– Então, como era mesmo aquela história do príncipe que se transformou em mendigo para casar com a pastora?

A mucama abriu os dentes alvos com um sorriso de amor. Nadesca voltara como fora, não esquecera nada do passado.

– A safra deste ano, boa, meu filho, porém os preços, bem ruins. O ano passado pensei em perder a



cabeça. A borracha desceu até não poder mais. Esteve a mil e quinhentos. Havemos agora de trabalhar juntos para que o “Remanso” seja uma afirmação de trabalho e energia, nesta terra magnífica.

Dona Rosa levará a filha para mostrar a casa reformada com a notícia de sua vinda.

A minha passagem para o escritório, onde auxiliava o guarda-livros e aos domingos servia no balcão os avia-mentos do pessoal, não modificara, em mim, o desejo de trabalhar pela sorte dos companheiros.

Comia na mesma mesa com a família do patrão, o que constituía alta regalia. Mesa farta, regada sempre com bom vinho do Rio Grande.

Participei, assim, do almoço festivo, tendo antes, a bordo, sido apresentado aos viajantes. Nadesca me impressionara bem. Simpática e insinuante. Um certo ar de superioridade para tapear os ingênuos. Muito clara, fugindo para a raça do pai, descendente de portugueses. Não fora idêntica a impressão produzida pelo rapaz, um pouco enfezado, como o tipo clássico do almofadinha.

O Wagner só pensa no Rio. Será difícil acostumar-se novamente aqui.

– Não creio. A primeira impressão é essa; com o tempo há de querer bem a isto. Depois do balanço que estou mandando proceder, hei de fazê-lo meu sócio.

Correu um vinho generoso. O coronel conversava com afabilidade, dizendo a Nadesca quem eu era. Falou de como, estando em estudos, resolvera abandoná-los para ingressar na luta pela vida. Disse de como me portara, não escolhendo trabalho, indo a princípio para o centro, como um seringueiro qualquer.

Resolvera, por isso, conhecendo a minha origem, chamar-me para o escritório.

– Fez bem, meu pai. Aproveitou, desta maneira, uma energia que se poderia desviar.

A conversa desceu para os costumes do Rio. Copacabana cheia de encantos, de belezas, de fascínios. Wagner contava as suas conquistas na Faculdade, os desportos, a sua inclinação pelos clubes náuticos. Nadesca não quis falar no mundanismo carioca, mostrando-se sóbria e aprovando, de vez em quando, o que o irmão dizia.

– O senhor gosta de ler?

– Quando me cai às mãos algum romance. Leitura simples da roça.

– Eu também aprecio muito a leitura. Amo os livros modernos sobre as novas doutrinas sociais da Rússia. Constroe-se ali uma pátria sadia e forte. Não há o preconceito egoísta de classes.

– País perdido, o nosso...

– Não diga assim, Wagner. Você precisa de ser otimista. Eu creio na renovação do Brasil. A Revolução vem aplainando o terreno. Já existem leis sociais interessantes providenciando sobre garantia dos operários. É verdade que o capitalismo fez as suas manobras asfixiando em algumas conquistas como a lei de férias e das oito horas.

– O teu socialismo é uma blague.

– Muito ao contrário de que você pensa, meu irmão, cada vez mais me persuado de que ele será a salvação política do regime.

Manuel Lobo, que não gostara da conversa, ordenou-me terminasse a correspondência para o navio da linha.

O nome eslavo lhe adviera de um romance de Andrieff, caído, por acaso, às mãos cansadas de dona Rosa, ao tempo em que lia nos serões, para matar o tempo.

– Nadesca!

E como lhe ficará a justo esse nome, com aquelas idéias elevadas, pensando na agonia anônima dos que sofrem! Porejando mocidade, vendendo saúde, os seus olhos assustados, buliçosos, perdiam-se na contemplação do paisagem humana, no rebanho melancólico onde certas ovelhas tresmalhavam, tontas, perseguidas pelo destino, de certo um pastor mal-humorado. Nadesca vivia desse seu culto permanente, contínuo, preciso. Vexava-se pelo sofrimento alheio, como se sentisse também a mesma mágoa. Repartia-se com os outros, vivendo os seus momentos de inquietação e de miséria.

Por isso conseguia o halo de admiração dos rudes desbravadores. Correria, entre eles, a notícia de sua bondade.

Preveni aos companheiros da ternura especial da filha de Manuel Lobo pelos que padeciam maus-tratos.

Naquele domingo convidara-me a visitar a casa do João Calafate. Acedi ao chamado. De azul, os cabelos soltos à Jean Crawford, um decote moderno, aberto sobre os seios pontiagudos. Levava biscoitos para os curumins, e latas de sardinha para suprir a dispensa do caboclo.

– Como a senhora é generosa!

– Não vejo nunca, nesse meu gesto, manifestação de generosidade, Anatólio.

– Revolta-me profundamente a humanidade dividir os homens em classes.

– Há de ver você como não deviam estar ao desamparo estas crianças. Verificará como a miséria ronda esse lar pobre, onde existem ainda a moralidade e a nobreza das atitudes.

O governo não ajuda a esse pai de família obscuro na educação da prole, nem no seu sustento. Nem sabe mesmo, se existe por aí João Calafate, a não ser nas eleições quando, ele, ingênuo, vota com a chapa que lhe entregam. Não se lembra que estas crianças serão os homens de amanhã. Como estamos atrasados! A Rússia mantém várias creches abrigando seis milhões de crianças. Há uma destas instalada no antigo palácio de Moscou, onde reinava antigamente a nobreza russa, em que as crianças saltam, brincam, passeiam e estudam por conta do Estado.

Uma andorinha girando no ar descreveu uma parábola. Caíra uma neblina forte acionando o cheiro virgem da terra.

A barraca era perto do rio, onde o mariscador morava, construindo, nas horas vagas, as ubás que serviam de montaria fluvial. Com elas os caboclos festejavam o Divino, iam à missa, conduziam os noivos para o casamento, ou levavam os companheiros para a cidade dos pés juntos.

De longe o cachorro começou a latir. Feio, rabugento, comido de pira. Das palhas da choça vinha uma

fumaça azulada. Um magote de curumins sambudinhos apareceu.

– Seu Anatólio, com a filha do patrão...

As meninas, mais crescidas, correram para o jirau. Não podiam aparecer, seminuas como andavam.

– Nosso Sinhó Jésu Cristo seja convosco – arriscou Calafate.

Tardo em movimento, os olhos asiáticos, chupados, ele era um tipo diferente em fisionomia dos cearenses.

Mongo-malaio tinha de ser forçosamente desconfiado e tímido. A blusa de riscado mostrava o peito, e as calças zambras deixaram entrever as pernas impiedosamente feridas de piuns.

Distribuiu os embrulhos, enquanto serviu-se o café saboroso temperado com rapadura.

As crianças me abraçaram. Dentro às tábuas de paxiúba, desconfiadas, as mocinhas espiavam receosas, examinando, de longe, o vestido da moça.

Na volta, a conversa veio parar no assunto de sempre. Nadesca reparara como a visita me fizera bem. Falou no meu carinho feito aos pequenos, e comentou, agitando as mãos, nas moitas de capim-santo, que rondavam a casa, servindo de remédio nas cólicas e dores mais violentas daquela gente.

– Noto que também gosta dos humildes.

– Com eles a gente vive mais à vontade, sem preconceitos, sem a insinceridade dos burgueses.

Nadesca, maliciosa, observou.

– Combinamos neste, e noutros pontos.

– Olho com ternura esses homens rudes estrangulados pelas mãos de ferro da Vida. Criaturas crucificadas pelo Destino; curvas como canivetes. Caboclos fortes, desamparados que se perderam na ignorância, e que o Homem civilizado não consentiu que se educasse, de vez que era preciso os explorar na sua ignorância absoluta, envenenando-os, lentamente com o álcool.

– Não calcula, Anatólio, como me impressiona esta perspectiva sombria do Amazonas. Os seringais sem escolas, sem farmácias, sem o menor conforto. A massa anônima de escravos perdida nas selvas. E ainda se fantasia nos relatórios, ainda se mente afirmando-se falsamente que existem leis sociais.

– O que existe é a miséria...

– A vergonha, a indiferença, o marasmo. Você não viu como as crianças estavam despidas?

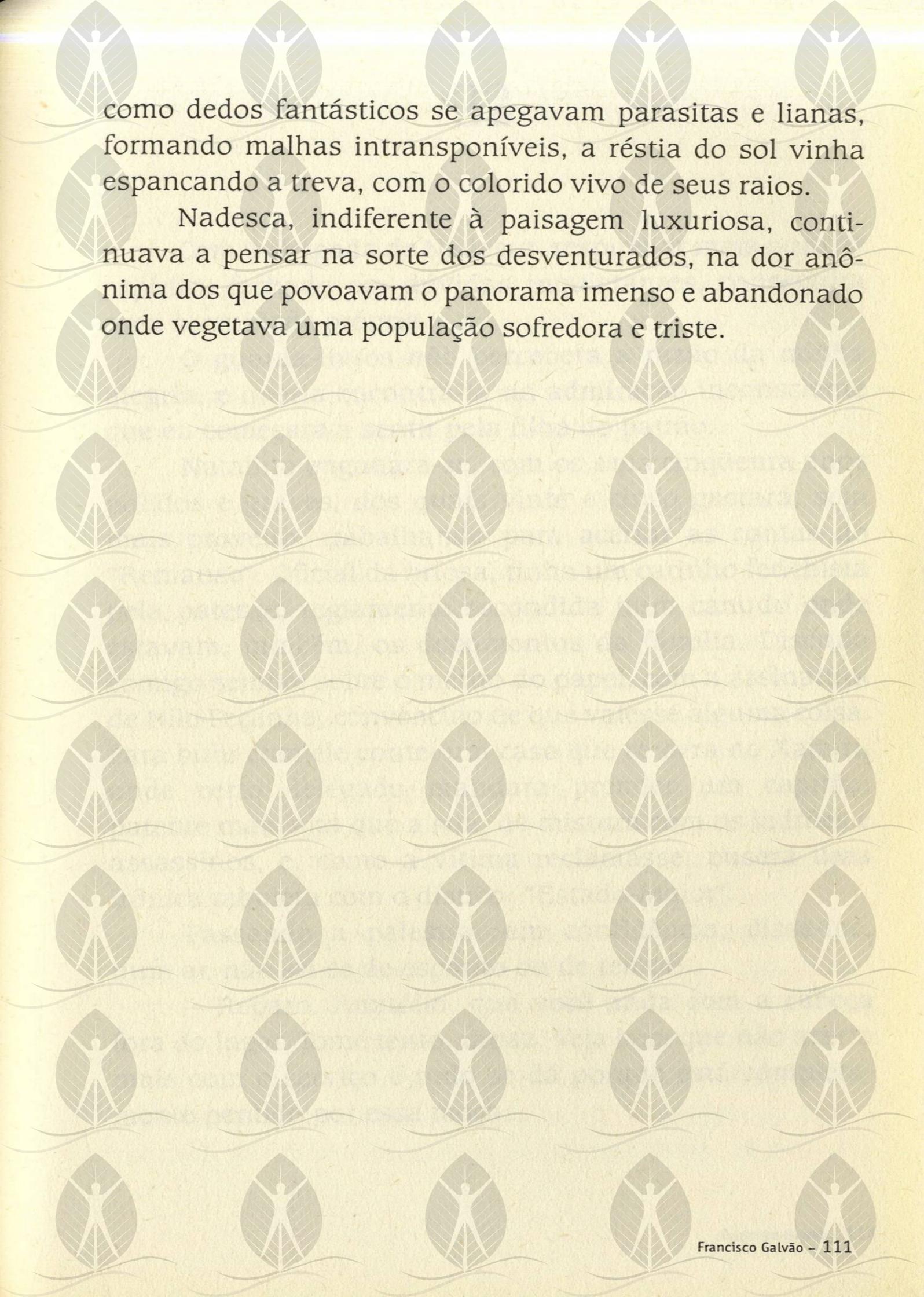
– Compreendo a fundo a tragédia oculta dos sangradores da árvore. Convivi com eles, na mesma luta, de sol a sol.

O caminho abria agora numa clareira onde o sol se escoava. Era de ver-se o efeito maravilhoso do sol através das folhas verdes.

Dança de cipós e de sombras. Pássaros cantavam no cimo das árvores. O calor do verão agitava os seres e as coisas numa exaltação de vida.

A palavra de Nadesca vestia-se do tropicalismo da terra. Inflamava. Era toda uma revolta permanente contra o atraso social do Brasil.

A Natureza bárbara, como que se alegrava com a sua presença. Do aglomerado de hastes e troncos, por onde



como dedos fantásticos se apegavam parasitas e lianas, formando malhas intransponíveis, a réstia do sol vinha espancando a treva, com o colorido vivo de seus raios.

Nadesca, indiferente à paisagem luxuriosa, continuava a pensar na sorte dos desventurados, na dor anônima dos que povoavam o panorama imenso e abandonado onde vegetava uma população sofredora e triste.

Com a chegada de Nadesca, respirei ar mais puro. O espírito, fechado em dúvidas inquietantes, conseguira uma serenidade própria.

O guarda-livros não percebera a razão da minha alegria, e queria encontrá-la na admiração inconsciente que eu começara a sentir pela filha do patrão.

Natalino enganara-se, com os seus cinquenta anos polidos e graves, dos quais vinte e cinco gastara, sem mais proveito, trabalhando para acertar as contas do “Remanso”. Oficial da briosa, tinha um carinho fetichista pela patente, regiamente escondida num canudo onde estavam, também, os documentos da família. Discutia comigo sempre sobre o mérito do papel, com a assinatura de Nilo Peçanha, convencido de que valesse alguma coisa. Para bulir com ele contei um caso que se dera no Xapuri, onde certo delegado mandara prender um capitão, patente mais alta que a sua, de mistura com os ladrões e assassinos, e, como a vítima reclamasse, pusera uma irônica tabuleta com o dístico: “Estado-Maior”.

Passando a palestrar em confidência, disse-me, num ar, não sei se de espanto ou de temor:

– Reparo, Anatólio, que você anda com a cabeça fora do lugar. Tome tento, rapaz. Veja bem que não acerta mais com o serviço e tudo se dá porque está completamente perdido por essa moça...

Somente eu não reparara no feitiço. Pouco a pouco, sentia uma estima especial por Nadesca, pelos seus modos, a sua conversa, o seu idealismo.

Tudo o que ela dizia tinha, para mim, um encanto novo.

Se o serviço não me dava tempo a acompanhá-la nos seus passeios, vencia-o num aborrecimento amargo, numa raiva incontida, vociferando intimamente contra tudo e contra todos. O retrato de Guiomar, antes coberto de flores, adormecia agora, entre teias de aranha, desde que as suas notícias começaram a faltar.

Eu mesmo não poderia explicar o motivo desse esquecimento. Ela fora o maior sonho da juventude desde os dias de meninice. Ali ficara a um canto da sala, com o uniforme da Escola Normal, e a praia, sem ondas, de seu sorriso. Sorriso que dizia tudo; falava; interrogava; parecia, até mesmo – bem o sentia – recriminar a minha atitude.

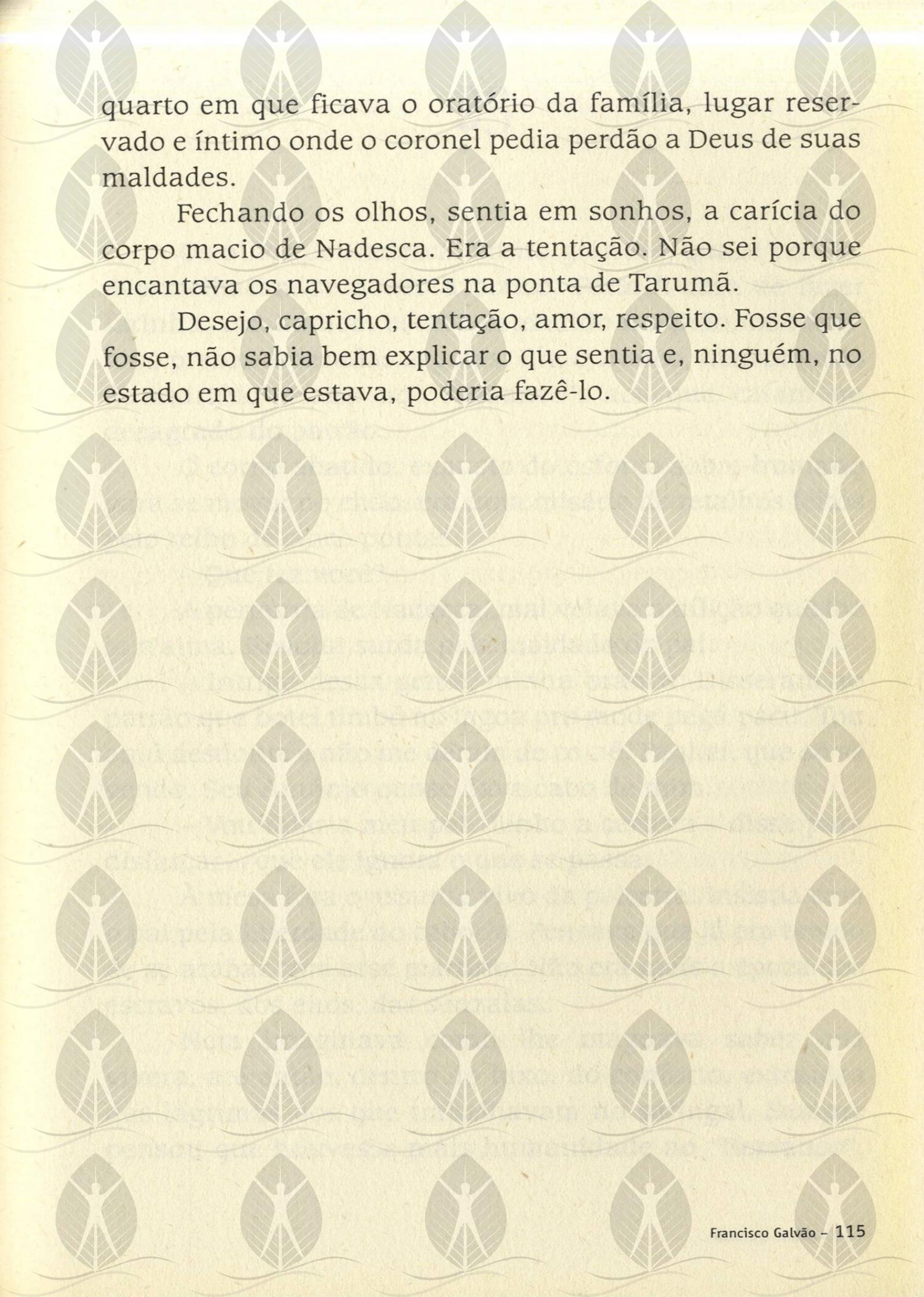
Girava o cérebro e, dentro dele, como um selo raro para o desejo de um filatelista, a imagem de Nadesca, os olhos de Nadesca, o corpo de Nadesca.

O raciocínio descobrira antes o fanatismo, a obsessão, mas o coração não sabe pensar.

Agia por si.

Algumas vezes tentei afastar esse enternecimento, recalçado, – sabe Deus como – se ela estava presente. Era grande e pesado o esforço.

Temia o coronel, e, mais ainda, a sua terrível vinda. Talvez a afastasse para sempre de mim. Longas e tristes passaram a ser as minhas noites. O pensamento vagabundo, errando sempre pelo quarto onde ela dormia,



quarto em que ficava o oratório da família, lugar reservado e íntimo onde o coronel pedia perdão a Deus de suas maldades.

Fechando os olhos, sentia em sonhos, a carícia do corpo macio de Nadesca. Era a tentação. Não sei porque encantava os navegadores na ponta de Tarumã.

Desejo, capricho, tentação, amor, respeito. Fosse que fosse, não sabia bem explicar o que sentia e, ninguém, no estado em que estava, poderia fazê-lo.

Os olhos de Nadesca, muito grandes, quase verdes, avermelharam-se pouco a pouco. Perto à casa de fazer farinha, um homem estava estendido no chão, os membros presos a pesadas argolas. Era o tronco, instrumento de martírio usado no “Remanso”, aos que caíam no desagrado do patrão.

O corpo abatido, exausto do esforço sobre-humano para se mover no chão, era uma miséria de retalhos feitos pelo relho de cinco pontas.

– Que fez você?

A pergunta de Nadesca, mal velava a aflição que lhe ia n’alma. Revolta surda pela maldade do pai.

– Intriga dessa gente, minha branca. Disseram ao patrão que botei timbó na lagoa pra mode pegá pacu. Tou aqui desdonte e não me deram de comê. Panhei, que só se vendo. Seu Antônio quase dava cabo de mim.

– Vou falar a meu pai. Tenho a certeza – disse para disfarçar – que ele ignora o que se passa.

À mesa fora o assunto vivo da palestra. Insistia com o pai pela liberdade do caboclo. Pensava que já era tempo de se acabar com esse martírio. Não era mais a época dos escravos, dos eitos, das senzalas.

Nem imaginava como lhe magoava saber que vivera, até então, dentro do luxo, do conforto, extraídos das lágrimas dos que trabalhavam no seringal. Sempre pensou que houvesse mais humanidade no “Remanso”.

No Rio, ninguém poderia fazer a menor idéia do que fosse aquela tragédia ciclópica onde as criaturas, oprimidas pelo patrão, nem um direito possuíam. Era tempo de se dar paradeiro àquela miséria.

Manuel Lobo, pensativo, querendo esconder o aborrecimento que lhe causavam as palavras da filha – deu ordens severas para que livrassem o homem; não sem dizer à Nadesca, como se a censurasse pela advertência:

– Não se meta mais com a vida do seringal. Isso compete a mim e ao Wagner, que somos homens.

A notícia calou fundo no ânimo dos seringueiros. Todos falavam no seu bom coração, na sua piedade pelos humildes.

– Nem parece fia desse animá, desse marvado que engorda à custa do nosso sangue, – observou Desidério – cuspinhando para o ar, balouçando-se na rede.

– Não tem que vê uma Santa: só fala em dividir com a gente as terra do pai.

Os seringueiros comentavam a influência de Nadesca no ânimo do pai. Desde que desembarcara, era fácil de se observar como sabia agir pelos operários, a quem visitava, nas barracas, levando o conforto de sua palavra.

– Quem havêra de dizê: uma fia dessa peste, querendo bem à gente, sentindo os nossos desgostos!...

O rio começa a engrossar. Desciam grandes toros de cedro emaranhados em folhas de murumurés e touças de canaranas, onde pulavam jaçanãs matreiras.

A cheia talava tudo, escondendo as praias, desvirginando terras, engolindo, tragando raízes. A água dominava a paisagem. Entrava pelos varadouros, desventrava os igarapés, invadindo as restingas. As águas paradas dos igapós recebiam a seiva da Vida com a visita inoportuna do rio. Cipós e lianas apareciam e desapareciam.

Era uma ressurreição verde na paisagem.

Traíras luzidias, jatuaranas espertas abandonavam o remanso do lago, aos saltos, engravidando os cardumes que o Madeira arrastara para o mar.

Constituíram-se marombas às margens do rio, onde os caboclos prevenidos, escondiam os animais.

Cachorros, galinhas, porcos, patos, de mistura, olhavam, dos varais, o espetáculo melancólico.

A enchente lambia a terra como um fauno, violentando-a. Nas restingas, veados ligeiros, cutias de olhos de lince, capivaras loiras, comiam os frutos, despedindo-se do recolhimento amável, onde encontraram a fatura.

— Que força impetuosa, a do rio! Nada o impele no seu furor, na sua volúpia; tudo se esbarronda à sua passagem. Carrega ilhas, troncos de árvores na sua faina destruidora. Tinha razão Euclides ao asseverar ser esta

a página, inacabada, do “Gênesis”. Tudo aqui é adventício, instável.

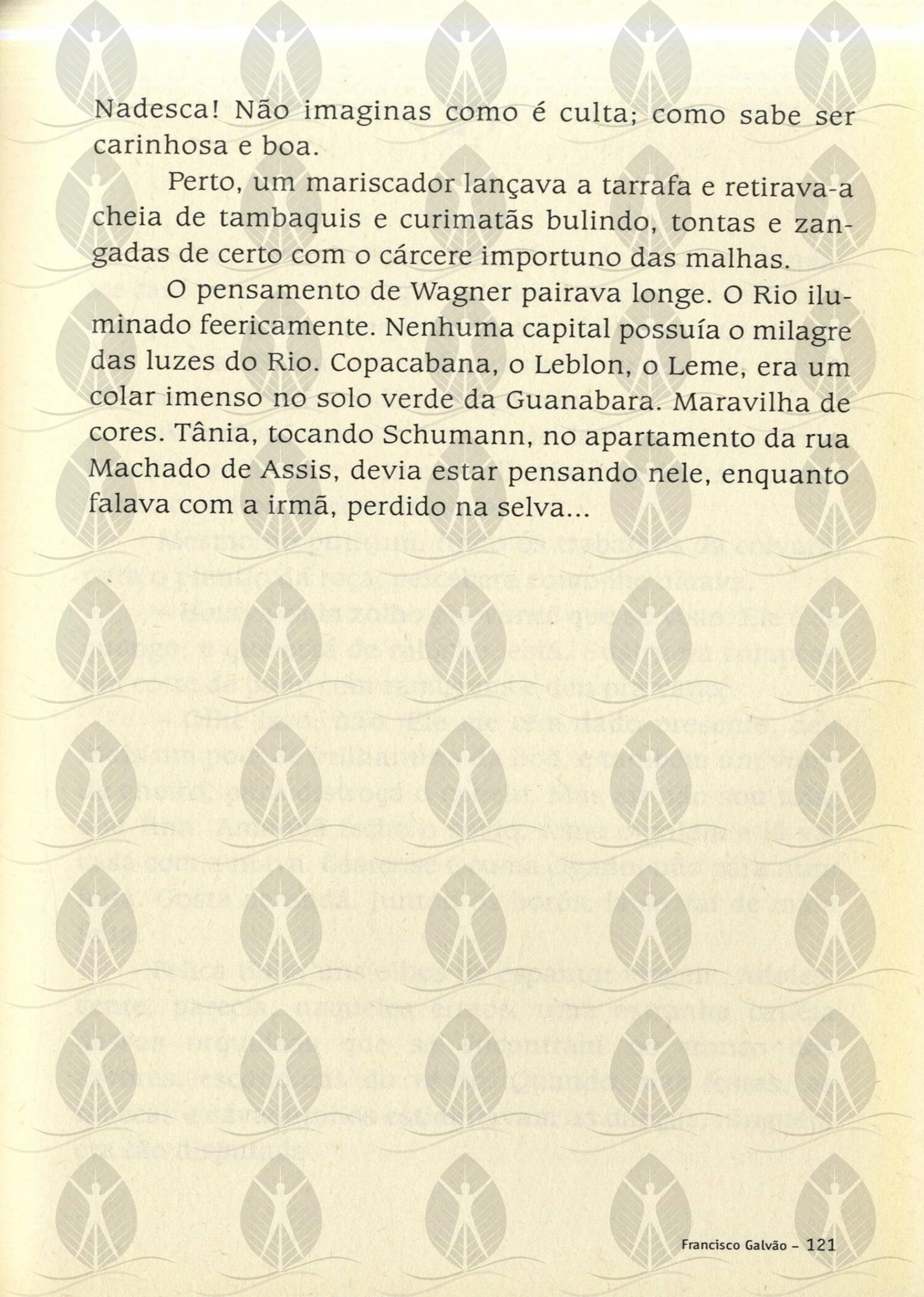
Nadesca dizia isto ao irmão, assistindo à fúria da avalanche a crescer sempre cada vez mais.

Wagner olhava indiferente. Nada o interessava ali. Vivia com o espírito longe, bem distante. O Casino do Copacabana com as suas luzes misteriosamente verdes. Um pouco de Monte-Carlo, no Rio; a civilização estendendo as asas no centro do turismo que se formava. Mulheres elegantes, vestidas segundo as ordens de Patou e Florian, exibindo, pavoneando elegância. Ele, de “smoking” ao lado de Tânia Fedorova, a bailarina famosa, de olhos cor de absinto. Lembrava a última noite em que ceiaram juntos no “Grill-Room”, à luz discreta de uma quebra-luz moderno. Tânia fora feliz no jogo. Ganhara para o champanhe, e beberam pela vitória da sua arte estranha, esquisita. O seu rosto lembrava a cabeça em madeira do Cristo, de um escultor moscovita cujo nome andava em voga. Aquela mulher, que uma lenda escondera dos homens com a alusão de que era tribade, dera-lhe o esgotamento dos instintos. De um loiro esterlino, dominava o ambiente, pela estranheza do seu perfil de pássaro cansado.

– Não me interessa, em absoluto, a paisagem...

– Sempre esta bailarina a te preocupar; sempre. Não vives mais para as emoções; nem mesmo a terra maravilhosa que é nossa, te seduz. Podes te considerar um vencido.

– Tânia Federova tomou conta de mim para sempre. Acabrunha-me este exílio, onde demoram tanto as suas notícias. É porque não a conheces direito,



Nadesca! Não imaginas como é culta; como sabe ser carinhosa e boa.

Perto, um mariscador lançava a tarrafa e retirava-a cheia de tabaquis e curimatãs bulindo, tontas e zangadas de certo com o cárcere importuno das malhas.

O pensamento de Wagner pairava longe. O Rio iluminado feericamente. Nenhuma capital possuía o milagre das luzes do Rio. Copacabana, o Leblon, o Leme, era um colar imenso no solo verde da Guanabara. Maravilha de cores. Tânia, tocando Schumann, no apartamento da rua Machado de Assis, devia estar pensando nele, enquanto falava com a irmã, perdido na selva...

– Axi, porcaria! Vancê num tá vendo logo, Reimunda! Me casá com aquele porqueira! Meu coração não tem bate-cum pru ninguém. Disque Zé Vicente é noivo no Ceará.

– Mas Felica, ele está arrastando a asa pra vuncê, não viu bem no forró do seu Aparício.

A cunhatã notara, é certo, os derrickos do cearense. Na véspera à noite estivera a lhe fazer galanteios, cantando desafios ao som da viola.

Mesmo no putirum, findo os trabalhos da coivara, para o plantio da roça, percebera como lhe olhava.

– Botava cada zolho pra vancê que só visto. Ele é de quengo; e que está de rabicho, está. Sustrudia comprou um corte de pano com ramagens e deu pra vancê.

– Olhe isso; não. Ele me tem dado presente, deu mais um pote de brilhantina da boa, e também um vidro de cheiro, para distroçá o cabelo. Mas eu não sou tola, sou fina. Amanhã fecha o saldo, toma o gaiola e lá vai casá com a noiva. Cearense é cuma cigano: não pára num lugá. Gosta de andá. Juntou os borós, lá se vai de mala feita.

Felica tinha uns olhos de espantar viagem. Adolescente, parecia, naqueles ermos, uma estranha catléia dessas orquídeas que se encontram no tronco das árvores, escondidas do vento. Quando, nas festas, as rabecas e cavaquinhos estimulavam as danças, ninguém era tão disputada.

Dezesseis anos. Carnes enxutas, mal desabrochadas para o instinto. O corpo era esguio como o de uma palmeira.

Zé Vicente andava, por isso, de amores pela cunhatã, depois da morte da Do Rosário.

Sangrando as seringueiras, nas estradas, mal despertava o dia, ou ao adormecer, Felica lhe aparecia como uma sombra. Os seus sonhos eram esquisitos, como se a possuísse nos braços, árdegos de volúpia, tonta de luxúria, as carnes trêmulas. Tinha o coração ralado de angústias, se notava, com azedume, que ela não o queria, porque andava de olho para o filho do patrão, que nem ao menos sabia da sua existência.

Certa vez no forró, dançando com ela uma polka, juntou mais um pouco o corpo ao seu, e a resposta não se fez tardar:

– Seu Zé Vicente, não vê logo?!

Pegou da harmônica e cantou a trova:

*Os teus óios, minha nega,
prendem mais que uma prisão;
trazem veneno, querida,
dão cabo do coração.*

A quadra agradou, e a turma riu, adivinhando o drama íntimo, e Felica ficou com a cara amarrada, com o desabafo do matuto.

Naquele dia estava apanhando ouriços de castanha perto à barraca coberta de folhas de dubi, quando, pondo os olhos lá em baixo do igarapé, quase perdia os sentidos.

O alumbramento! Nua, nuinha, Felica se banhava. mostrando a pureza de linhas do corpo maravilhoso: dois seios com os bicos pontiagudos; a beleza das suas formas dentro d'água, nadando despreocupadamente sem nem ao menos pressentir o que se passava.

Ficou extasiado olhando o quadro, e um pensamento mau o assaltou. E se na volta a abraçasse à força e lhe desse beijos violentos, passando as mãos rudes, de veias intumescidas e grossas no vale dos seios? Era bem possível que ela deixasse de bondades. Talvez despertasse nela o que tanto desejava, o seu grande amor.

Foi como uma nuvem pesada e ligeira.

Minutos depois, não pensava o mesmo. Condenara o seu desejo, mau absurdo, venenoso. Felica teria de ser sua, mas de outra maneira, unida pelos sacramentos da Igreja, e pela lei dos homens.

Instantes depois ela passava. Viu-a na curva do caminho, os cabelos molhados, debaixo de uma toalha grosseira. Uma cuia na mão onde trazia a tora de sabão. E não resistiu à tentação.

De um salto, como um felino, subjugou-lhe os movimentos. A libido explodira e dominara o seu recato. Felica gritava, forte, mas ninguém ouvia pela distância. Adormecida, deixou-se ficar nos braços de Zé Vicente, que a beijava com volúpia, os olhos cor de sangue. Primeiramente foi com jeito vendo se a possuía sem relutância. Depois, não se conteve e ali mesmo no intrincado da floresta, demonstrou a sua superioridade sexual, violando-a sem mais preocupações, como um fauno.

A pesca era o desporto preferido de Nadesca. Tomamos uma canoa, ao entardecer, acabado o meu trabalho e fomos ver o igapó. Metia-se pelas ramarias, afastando troncos, eliminando a rede suspensa dos cipós, a embarcação movida pelo remo do tapuio.

As águas presas do verão sentiam um desejo oculto de vida, no recesso da sombra, onde estávamos, longe dos olhares do mundo. Parasitas roxas como sobrepelizes enfeitavam os galhos velhos, enquanto pássaros cruzavam baixo o espaço.

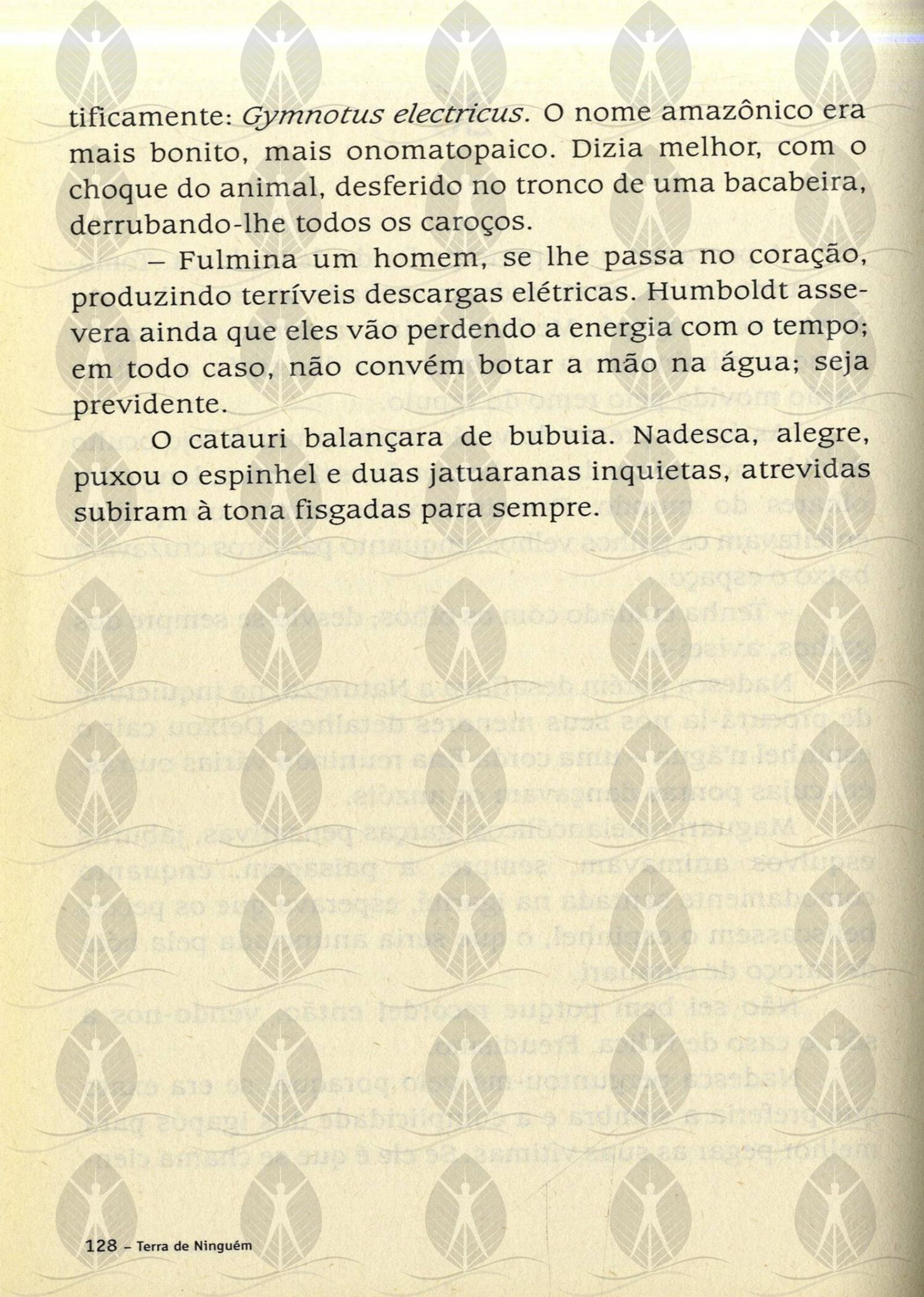
– Tenha cuidado com os olhos; desvie-se sempre dos galhos, avisei-a.

Nadesca porém desafiava a Natureza, na inquietude de procurá-la nos seus menores detalhes. Deixou cair o espinhel n'água – uma corda fina reunindo várias outras, em cujas pontas dançavam os anzóis.

Maguaris melancólicos, garças pensativas, jaburus esquivos animavam, sempre, a paisagem, enquanto comodamente sentada na igarité, esperava que os peixes beliscassem o espinhel, o que seria anunciada pela bóia de caroço de catauari.

Não sei bem porque recordei então, vendo-nos a sós, o caso de Felica. Freudismo.

Nadesca perguntou-me pelo poraquê; se era exato que preferia a sombra e a cumplicidade dos igapós para melhor pegar as suas vítimas. Se ele é que se chama cien-



tificamente: *Gymnotus electricus*. O nome amazônico era mais bonito, mais onomatopaico. Dizia melhor, com o choque do animal, desferido no tronco de uma bacabeira, derrubando-lhe todos os caroços.

– Fulmina um homem, se lhe passa no coração, produzindo terríveis descargas elétricas. Humboldt assevera ainda que eles vão perdendo a energia com o tempo; em todo caso, não convém botar a mão na água; seja previdente.

O catauri balançara de bubaia. Nadesca, alegre, puxou o espinhel e duas jatuaranas inquietas, atrevidas subiram à tona fisgadas para sempre.

A lei do centro punia com severidade os que avançassem no lar alheio. Era o tabu. Aqueles homens condenados ao suplício tantálico da castidade, viviam como animais, soltos, despeiados.

– Seu Lobo, só faz enriquecê...

– Com o nosso trabáio. Nós é que não tem dereito a nada; poucas vez nós pode melhorá os mantimento. Cego de ambição, pra não aumentá a conta, não que a gente tenha muié.

– Mas isso há de ter um fim.

Capistrano, chegado há pouco do Rio, disse isso com o olhar em brasa. Por dentro, remoía-o um ódio surdo à prosperidade do patrão, feita com aquela exploração terrível. Os homens maltrapilhos, sujos, sem mesmo poderem ter o direito à vida como os demais.

Fazia-lhe raiva aquele poderio sobre os companheiros, aquele desrespeito à lei, com o único fito de amealhar fortuna. Vindo de outro meio, o trabalhador censurava o que via; os processos ainda eram os mesmos da escravidão.

– Anatólio prometeu olhar pela gente, e o que faz: anda agora embeijado pela fia do patrão.

– Não diga isso, Januário, eu sei que anda ele fazendo. Ele é dos nossos, ela também. Não repara como agem por nós. Evita os golpes do patife, as suas atrocidades. Pelo menos é um anteparo. Com Anatólio é que se

conseguiu melhorar um pouco mais os fornecimentos; a ordem era mandar tudo bichado; mas ele, com jeito, conseguiu o que desejávamos.

Capitulino, avisou:

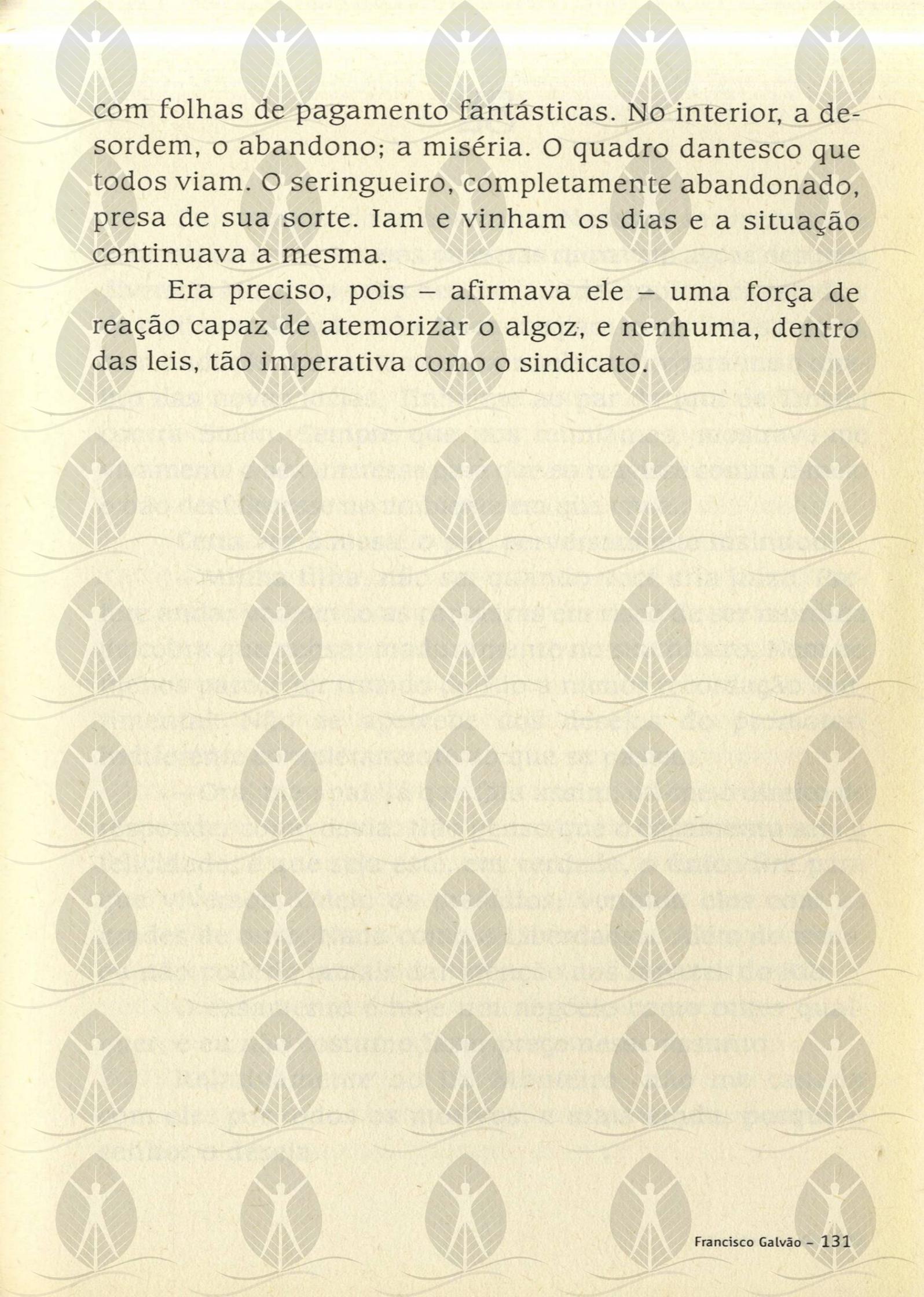
– Sabe, negrada? Recebi cartas do Rio. A coisa vai mesmo. O movimento social toma corpo. O meu sindicato manda-me alertar. O brado de milhões de bocas famintas, o gesto de milhões de braços erguidos tem encontrado apoio do governo.

Pedem-me que volte. Não imaginam o sorvedouro que é o “Remanso”, com as suas ventosas, os seus tentáculos. Eu só queria ver os que falam em progresso social no Brasil, contemplando este inferno!

O sorriso de pessimismo quando defrontasse o coronel Lobo, com os seus apaniguados, mandando surrar a gente, abusando do tronco.

Aproveitava o operário, o momento, para propagar as suas idéias, reunindo as energias adormentadas dos companheiros para esse gesto de revolta e coesão. Desde que desembarcou, o pensamento não parou de trabalhar com a mesma finalidade. O sindicato seria o único meio de reação. Com ele organizado, naturalmente o carrasco mudaria de rumo. Se abusava, é que não encontrara ainda a menor revanche. Analisara a psicologia do homem e estava certo de que venceriam se organizados. Dispersos é que nada poderiam fazer.

O que o Amazonas possuía como aparelhamento de defesa social não passava de uma repartição bem instalada em Manaus, onde burocratas macios rebolavam os quadris, juntando fortunas orçamentárias



com folhas de pagamento fantásticas. No interior, a desordem, o abandono; a miséria. O quadro dantesco que todos viam. O seringueiro, completamente abandonado, presa de sua sorte. Iam e vinham os dias e a situação continuava a mesma.

Era preciso, pois – afirmava ele – uma força de reação capaz de atemorizar o algoz, e nenhuma, dentro das leis, tão imperativa como o sindicato.

Fui começando a notar que Nadesca se interessava pela minha sorte. As suas palestras rumavam agora destinos diversos. Mostrava-me a necessidade de terminar os estudos, de melhorar de ordenado. Dava-me para ler os livros russos, com traduções berrantemente vermelhas. Povoara-me o cérebro das novas idéias. Tinha-me ao par da luta de Trotski contra Stalin. Sempre que nos reuníamos, mostrava-me vivamente o seu interesse para que eu reagisse contra o meio e não desfalecesse no ambiente em que vivia.

Certa vez à mesa, o pai, perversamente insinuou:

– Minha filha, não sei quando você cria juízo. Prefere andar vadeando as capoeiras em risco de ser mordida de cobra que pensar maduramente no seu futuro. Nem ao menos parece ter trazido do Rio a menor recordação sentimental. Não se apercebe dos desejos do promotor; indiferente completamente ao que se passa...

– Ora, meu pai. Já que fala assim, dá-me o direito de responder como devia. Não penso que o casamento seja a felicidade, e que seja este, em verdade, o único fim para que vivemos. Odeio os presídios; venham eles com as grades de ouro. Nada como a Liberdade... Além do mais, eu não poderia jamais dar atenção aos rapazes do Rio.

O casamento é hoje um negócio como outro qualquer; e eu não costumo fazer preço nesse assunto.

Relativamente ao Dr. Monteiro, não me casaria com ele, por todos os motivos, e mais ainda, porque o senhor o deseja.

O patrão quase se engasgava com a espinha da traíra, e pôde apenas dizer:

– Nadesca!

– Sim, se pensasse em casamento ninguém influiria na minha escolha. Sou bem ativa nesse ponto... Mas não desejo me casar. Nada que me escravize eternamente; nada que me tolha a liberdade. Suportar um homem toda a existência é o que não faço.

Nesse ponto, aliás, anda bem atrasado o Brasil. O feminismo avança, é certo, mas nas posições, na caça aos empregos. Os assuntos sociais como o divórcio e outros não são discutidos porque assim o quer a religião. As reivindicações mínimas da mulher brasileira não cogitam desse problema, inquietante, que está a afligir os lares. Homens e mulheres infelizes, que não se compreenderam e que se enganam mutuamente, com receio da sorte dos filhos, vendo que estão ligados àquele martírio para toda a vida.

– O senhor não se engane. Assim como escraviza eternamente estes trabalhadores, a Igreja domina as consciências. O confessionário presta os mesmos serviços que a inquisição. Não; eu não me casarei. Se gostar de um homem, me entregarei a ele por amor, com todos os meus carinhos, sem os liames sociais de um contrato. Não sou mercadoria para exigir preço, nem o amor é um negócio.

– Que é isso, minha filha? Observou dona Rosa, enquanto o coronel engrolava algumas palavras:

– Está em que dá a gente mandar educar os filhos. Voltam de lá perdidos...

O negro não descansava de fazer esconjuros. Tinha uma raiva oculta do coronel. Não compreendia como ele continuava a perseguir os seringueiros, atando-os ao tronco, surrando-os impiedosamente por qualquer pretexto.

Recordava o passado, o tempo em que fora escravo, o cachimbo fumegando, olhando o rio lá embaixo em rebojo.

– Bom tempo o que trabaei com o majó Clarindo!

Rememorava o dia em que fora vendido. Os pais choravam, vendo a separação para sempre. Fora escalado, nas horas de folga, para brincar com os meninos da fazenda. De dia passava no engenho, perto das almanjarras, apanhando os bagaços, cantando sempre, ingênuo e descuidado.

A garapa doce descia da moenda de ferro. Toda a escravatura cantava, o tangedor, o bagaceiro, o fornalheiro, o batedor, porque assim o feitor via melhor se estavam alertas. O canto era, também, o disfarce da nostalgia africana, onde palmeiras bíblicas abriam os braços lânguidos para os céus dos Oásis.

Havia – é verdade – o tronco, o relho cru, – mas, favorecido pelo filho do senhor do engenho, – poucas vezes era castigado.

Lembrava, com verdadeiro enternecimento, as festas do Acuripe, quando veio a notícia da abolição. Patrocínio flamejante, como um jaguar, conseguira na Corte demolir o cativo, a mancha, a vergonha do povo.

Tudo tão longe!

Velho, agora, comido pelos anos, vivia a trabalhar, quase sem forças, sendo assim mesmo, tido como inútil pelo patrão.

– Este animal só faz comer. Não dá mais nada. Antes tivesse morrido na apanha do engenho. Cadê que a sezão quer dar fim dele?

Só apanha os que podem trabalhar.

Triste fim, a sua vida!

A mulher que o amamentara, a sua pobre Chica fora enterrada como um cão no cemitério de Pacoval.

Depois que ela morrera começaram a crescer as perseguições. Ele bem sabia que era tido ali como um bagaço que sai da engenhoca e não pode mais dar caldo.

– Deus tá lá em riba. Deus tá lá em riba...

– Maginando, preto velho?

– Tou, sinhazinha, maginando neste resto podre de vida. Negro véio não vale mais nada. Tá aí, tá morto, ainda dando trabáio pra se enterrá.

Era Felica.

Depois do crime do cantador, resolvera viver com ele. Os seios, maiores, mexiam sob o vestido de chita, sem mais pano.

Ninguém quis ver se a justiça puniria o assalto à sua honra. Era pobre e, contra os que nada possuem, a lei não se interessa. Honra de pobre não vale nada.

– Pra quê se gastar justiça com essa gente? É o que dizem nas varas quando a mãe de um operário vai procurar vingar a luxúria do rapaz que lhe desvirgina a filha.

A notícia chegara com espanto no barracão. Os índios, na véspera, atacaram, no centro, o “Purupuru”, matando três pessoas, e carregando com elas um indiozinho que a mulher de Januário Moura criava com os maiores cuidados, como se fora filho.

Eram assim os Parintinins, vingativos e maus. Falava-se em domesticá-los. Era um engodo a mais, feito ao governo. A repartição central, inócua, enviava relatórios onde se via como eles amansavam as tribos Jumas, Jamaris e Maicis. Pura tapeação, pois a tribo continuava indomável, constituindo o pavor dos que moravam nos centros.

De vez em quando, quando menos se esperava, uma incursão contra os desbravadores, com grandes morticínios.

– A coisa foi assim (A mulher do Anésimo contava com fidelidade o quadro bárbaro). Eu sempre avisei a nhá Dica que não pagava a pena criar índio. Lá um dia, vem a saudade, a tribo manda buscar o que foi roubado. Foi uma luta tremenda. Flechas cruzavam o ar. Dica ia pegando o pequeno que estava brincando no quintal quando foi assassinada; como que ainda vejo o sangue a escorrer-lhe. Os seringueiros vieram em socorro, mas foram mortos.

Dona Rosa comentava o fato, tecendo impropérios aos índios. Malvados e desumanos, àquelas horas estariam certamente fazendo festas, em honra das cabeças levadas como troféus.

– Raça maldita...

– Não diga isso, minha mãe. Eles sabem o que fazem. A senhora queria que lhe roubassem os filhos? Da mesma forma, eles.

São da mesma maneira que nós. Tudo lhes tiram. Primeiro, a terra, de que se apossaram os civilizados. Não contentes ainda, se encontram, matam-nos como animais. E não querem reação. E não admitem que eles se defendam!

A noite vinha chegando carregada dos cheiros silvestres. Nadesca, como não houvesse voltado da minha viagem ao Humaitá, recostada ao tronco de uma ingazeira, vendo o perfil da lua, em minguante, surgindo entre as primeiras estrelas, recitava baixinho estes versos de uma índia:

Rudá, ó Rudá

*Vós que estais no céu
e que amais as chuvas,
vós que estais no céu,
fazei com que ele ache feias
todas as mulheres que ele encontre,
e que ele se lembre de mim,
quando o sol se deitar.*

A vida no “Remanso” na mesma monotonia. Profunda inquietação nas massas pelo preço de hévea, cotada na capital a mil e trezentos. Baixa súbita. De repente, a ladroagem dos corretores e da casa aviadora, nos lançamentos. O coronel conversara com o Natalino sobre a ameaça da crise.

Com a borracha desse jeito era impossível consentir na saída dos seringueiros que tivessem saldo. Eles que dobrassem o serviço a ver se tiravam a forra dos preços.

– Que se agüentem, Natalino. Não lhes posso pagar o saldo. Eu sei que era bonito aproveitarem agora o Ceará, onde começa a chover. Mas o que é que vou fazer? O J. G. não pagaria os saques se os mandasse. Trate de aumentar-lhes o preço dos gêneros; não é possível preços antigos, pois o próximo aviamento há de ser bem salgado.

A vida dos pobres! Aqueles homens que foram trazidos para o exílio com a esperança de regressar, viviam ali como feras, continuando a escravatura branca. Inutilmente pensavam na alegria das contas acabadas; teriam de começar nova safra, vida nova.

O sertão começa a sorrir na alegria do verde. Matutas contentes com o regresso. Sanfonas melancólicas esmagando as saudades. A Natureza enfeitada de flores como uma noiva que se fosse casar. Os tabuleiros apendados de frutos novamente.

A distribuição de presentes aos amigos. Cuias de Santarém e garrafas de cheiro, envelopes de patchuli e favas de baunilha, tudo isso que agrada os que estão longe e desejam ter notícia da terra distante, onde se vinha buscar a ilusão, o fascínio, e, quase sempre, a morte.

Não; não poderiam regressar. Teriam de suportar de novo as dívidas no Borrador, para que o “Remanso” pudesse resistir o embate da crise, com a queda violenta dos produtos.

Outra vez o contato com a terra, a floresta intrinca, cheia de sustos e pesadelos, onde estão a samameira, o cedro, o castanheiro, com as umbelas enormes, altas, e adormecem e sonham as parasitas abrigadas da violência dos temporais.

A luta de novo com a onça bravia, a fulva, manchada de listas negras, na mata quando engasga por desgraça a arma, e o seringueiro é obrigado, para salvar-se, a jogar com a vida, desembainhando o terçado da cintura e atracando-se epicamente, corpo a corpo, defendendo-se, com audácia e coragem inauditas, verdadeiramente indescritíveis.

A tragédia do corte da árvore dadivosa, os receios dos índios, os ataques insidiosos do impaludismo; adiada a esperança da fuga, do êxodo indefinidamente.

– Somos apenas uns escravos: arriscou Virgolino; escravos e nada mais.

Via do balcão o desengano, o desespero dos brabos, ao conhecer a resolução desalmada do coronel.

Formaram-se rodas lá fora. Agora Capitulino discutia o caso, rodeado de ouvintes.

– Precisamos reagir. Em toda parte o operário é uma potência, uma força organizada. As massas dominam. Somente aqui é que vemos isso: nem parece que a Princesa Isabel libertou uma raça. No Amazonas, vivemos como naquele tempo, acorrentados ao patrão malvado, que, como sanguessuga, rouba-nos o sangue.

Desde que chegara, Capitulino não desanimara na campanha. Agia com precipitação, com alvoroço, com desassombro. Para ele – a salvação seria a arregimentação das forças organizadas.

No dia em que os seringueiros unidos, conscientes, pudessem tomar a tremenda desforra; quando sentissem que o patrão não tinha o direito de os acorrentar eternamente ao trabalho; aí então é que o Amazonas progrediria.

Até lá, essa tragédia anônima, esse batalhar improfícuo contra a correnteza, contra os rebojos, contra a corredeira das perseguições e das misérias, presos como todos, viviam, aos desejos, e acenos do patrão.

Somente agora começara ver a diferença entre mim e Nadesca. Ela burguesa, embora com pendores socialistas, bem avançados e eu de outra classe. Vinham-me ligeiras recordações da infância. Meu pai, outrora opulento senhor de terras e haveres, em decadência, pouco depois na miséria. O abandono, exílio da sociedade falsa em que fora criado.

Procurara a floresta como derivativo. Buscara-o por prazer, certo de que o contato da Natureza dar-me-ia forças precisas para a luta.

Porque de certo o que era eu, afinal, que um mísero sangrador de árvores, sorteado, dentre a leva, para trabalhar no escritório. O guarda-livros tinha razão ao me abrir os olhos. Tinha de afastar a paisagem íntima que construía para galanteio do espírito.

Nadesca era a miragem, o sonho, a mentira. Precisar-se-ia de esforços sobre-humanos para esquecê-la de uma vez para sempre.

A graça de seus movimentos de onda; os seios esguios baloiçando sempre como sapotas maduras. Vezes havia em que contemplando a passagem de um cardume, vendo os mandis e as sardinhas aos pulos no rio, a sua imagem me aparecia com o seu sentimento de liberdade.

A voz forte, sonora, como cristais que se partissem, agravava ainda mais a volúpia mansa, se a ouvia recriminando o pai pelas suas atitudes perversas.

Estava certamente preso àquela criatura. Escravizado. Panema. Se descia para o banho, temia pelo descuido que pudesse ter, pelo seu desaparecimento pelo buraco do banheiro, enquanto os botos rondavam do lado de fora, dando rabanadas.

Nadesca tinha de ser afastada de minha imaginação.

– Sabe que vai haver um forró, na casa do Agapito? Tinha tanta vontade de conhecer isso. Você era capaz de me levar até lá? Eu peço a meu pai, e indo com você, tenho a certeza de que ele não negará.

– Não repara no que poderiam dizer. A filha do patrão numa festa de operários? O caso havia de ser muito comentado.

– Ora, Anatólio, eu queria somente que você me compreendesse. Isso aqui abafa como um deserto. Felizmente você é como um oásis florido. Distrai-me um pouco mais a vida estúpida que levo.

– Bondade...

– Não; falo sério. Creia que se não tivesse um ideal tão sério como o que alimento, de há muito teria voltado para a cidade. Penso que talvez me sentisse a gosto numa dança do povo, vendo como é que ele se diverte.

Custei muito a dissuadi-la. Nadesca era rebelde. Voluntariosa. Quando queria uma coisa havia de tê-la de qualquer maneira. Contudo concordou que eu tinha razão.

Terra inclemente essa, amaldiçoada, onde, nem ao menos o solo é fixo. Terra que à própria Natureza destrói, numa intermitência vandálica, – exclamava Capitulino, rememorando o que acontecera a Viriato Oiticica, modesto trabalhador nordestino que amanhecera com a casa, o terreno, a criação, de bubuia, levados pelo rio, aos embolésus da correnteza, devido à terra caída.

Roceiro humilde, enquanto os demais extraíam o “látex”, se deixara ficar na várzea, criando xerimbabos, cultivando mandioca no terreno fértil, regado pelas cheias que passavam.

Fornecia, por isso, farinha ao barracão, sendo estimado de todos pelos gestos lhanos, corteses, oriundos daquela sua expansividade de filho das terras cálidas do nordeste.

Vivia ali em “Jerusalém”, na calma bíblica que o nome lhe emprestava, querido dos trabalhadores e do próprio Manuel Lobo.

Na casa coberta de palhas de ubi, era onde anualmente festejava, com alaridos, a passagem de Santo Antônio, em louvor do nome da mulher.

Mas a terra caída levava-a, deixando-o na miséria, inesperadamente. Um estrondo como o da pororoca, e, de repente, tudo a ruir e descer o rio, esse engenheiro eterno que leva a mudar os rumos quando lhe apraz.

Terra de ninguém, onde todos mandam, onde todos exploram e são explorados e a lei é o bacamarte, o rifle quarenta e quatro, infalível e certo. Nem ao menos é fixa! Foge, escorrega, e lá se vai um dia, como se fora o sítio do Viriato, descendo para o mar.

O rio não respeitava nem o esforço do sertanejo, quase louco com o que acontecera.

Capitulino mostrava aos companheiros como, além de Manuel Lobo, os elementos se associavam ali contra os homens. A Natureza desafiava-os para a luta desigual, onde ela possui todas as armas, todos os floretes, todos os venenos, esmagando-os com toda a sua força.

As enchentes carregavam tudo. Quando vinha o repiquete, as águas intumesciam, a enxurrada começava a lambar a planície, levando plantações, casas, animais. Caíam as ribanceiras, os barrancos, enquanto os lagos alargavam as águas, devolvendo o rio os jacarés lustrosos, as sucurijus e matamatás. Trovões. Relâmpagos. Estampidos. As margens se estorcem, estalam as embaubeiras que se partem.

Depois a febre com os seus miasmas mortíferos, transmitidos pelos anofelíneos. Vem um dia em que o seringueiro, suando em bicas, ao pregar a tigelinha na árvore, sente as pernas bambas, frouxas, como se não fossem suas. Um frio cortante com tremer de queixos, e o gosto súbito de fel à boca.

Chás de cascas de embaubeira para descer a febre. Toda à farmacopéia do seringal vem abaixo.

Precisamente à mesma hora, noutra dia do último acesso, ei-la de volta. Indomável. Perversa. O seringueiro, a

cabeça povoada de lendas, assusta-se, então, com o estado mais forte de um galho, temendo seja a onça astuta, ou o parintintim bravio, sempre escondido nas moitas, disposto a enviar a flecha envenenada do curare mortífero.

O rio escondendo sutilmente os maiores perigos. Olha-se o paraná onde, dia e noite, passam como coroas mortuárias, as balsas do murumurés, e tem-se a idéia de que seja um regato apenas. Mas o perau está ali. É um sumidouro de mais de sessenta braças de profundidade, onde poraqus espreitam as vítimas e as cobras aguardam o imprudente que venha ver o fundo do abismo negro.

– Sempre o perigo. O homem chega, atraído pela lenda do “El Dourado”, e depois de trabalhar anos a fio, vê-se pior que veio, na miséria e sem saúde.

– Terra de ninguém! Paragem maldita onde não se encontra um refúgio, um descanso. Tudo é falso e mente a nossos olhos.

E muito pior que a terra –, o Homem.

– Manuel Lobo – dizia Capitulino –  o inimigo invencível, com as forças que nós mesmos lhes damos, o nosso suor, que faz a sua fortuna e o seu prestígio. Não há quem lhe escape os botes traiçoeiros. Precisamos reagir. Opor diques extraordinários aos seus atos, aos seus dogmas. Sem essa resistência não poderemos viver – seremos fatalmente absorvidos pela Natureza, ou aniquilados pelo Homem.

Acocorados os seringueiros, ouviam-no com o desejo oculto de reagir pela fundação do sindicato. Este seria a funda de David contra o Golias que parecia invencível.

Na sala secreta, o Conselho de Jurados respondeu unanimemente os quesitos de homicídio pela afirmativa, condenando Zé Vicente ao grau máximo da pena. Trinta anos de prisão pelo fato de haver assassinado o filho de Manuel Lobo. O juiz anunciara gravemente o resultado do julgamento, embrulhado numa toga onde os arminhos gastos voavam, quando ele, para afugentar o calor tropical, agitava as talas de um leque.

O cabelo anelado caindo nos olhos, o réu esperava o *vereditum*, certo de que seria aquele que ouvira ler. Para isso, o pai da vítima possuía fortuna.

O promotor estava radiante com o serviço prestado do dono do “Remanso”. Gastara o seu latinzinho, e citara uma porção de nomes e frases em francês, desconhecidos dos jurados mas que, sem dúvida alguma – pensava ele, –, teriam a sua influência indireta.

O acontecimento talvez servisse para prender o coração esquivo da filha de Manuel Lobo, de quem se apaixonara, mal a conhecera.

Inevitável, o que se dera. Wagner, desesperançado de voltar ao Rio, para os braços de Tânia, resolvera se jogar aos amores de Felica, mais próximo, e sem dúvida, mais fácil. Dera em visitar freqüentemente a cabocla, o que vinha sendo pressentido pelo amásio, disposto a tomar uma vingança.

Certa tarde, disfarçando sair para recolher o gado, deixou-se ficar escondido numa árvore. Quando o rapaz entrou na barraca, empurrou o japá que lhe servia de porta, e surpreendeu-os no pecado.

Imediatamente uma idéia sinistra lhe passou no cérebro. Vingarse-ia a seu modo.

– Até isso vocês usurpam, a felicidade da gente com a fãmia! Nem mesmo o amor se pode ter nesta desgraça! Felica, que eu preparei para sê minha companheira, fazia mal aos óios de vocês.

Amarrou Wagner, que com o pavor embranquecera, ao oitão da casa, e chamou a mulher, apavorada, como se nada acontecesse:

– Vai amolar esta faca na pedra.

Obedeceu, os olhos vermelhos, ignorando o destino de ambos.

– Pronto, Felica; pega agora um pouco de cinza da trempe e traz aqui.

A mulher obedeceu.

– Agora tu mesma, capa o safado. Depois eu sangro. Somente assim; nunca mais há de brincar com um nordestino.

Ficará ensinado, de uma vez para sempre.

Feito isso, tomou calmamente a canoa e se entregou à Justiça.

O resultado do julgamento calou fundo no seringal. Manuel Lobo estava radiante.

O rosto de Nadesca que o luto tornara mais lindo, era de uma tristeza infinita.

Foi ela quem leu o bilhete:

Dona Rosa:

Fiz o que pude para punir esse bandido que ceifou uma vida tão útil à Pátria, à família, à Sociedade e particularmente ao Direito. Felizmente vi os meus esforços coroados de êxito. Está, o miserável, com a pena máxima.

Está satisfeita? Por esses dias irei até aí consolar o seu coração de mãe idolatrada e apresentar, reverentemente, os meus respeitos à dona Nadesca. Crº. Obrº. e admirador, Frederico.

O aborrecimento dessa visita, anunciada com cretinice de sempre, preocupava Nadesca.

O promotor, cheio de frases medidas, decoradas, explorava a simpatia do pai.

– Sou assim mesma, Anatólio. É-me indiferente esse doutor Frederico. Creio que o casamento seja uma condenação maior do que a que arranjou o meu pai para o assassino de meu irmão.

Sob a copa da castanheira, estendida na relva, Nadesca deixava entrever a curva ondulante dos seios. As fitas que agüentavam “o soutien”, descidas, preguiçosas, desafiavam os meus olhares indiscretos.

– Entregar-me-ei ao homem que admire. A mulher tem de cumprir o seu destino. Nascemos para o amor. E eu penso que devemos procurá-lo sem ser por intermédio do casamento. O casamento é a prisão, o cárcere. Conheço um sem-número de vítimas. Começa porque, depois de certo tempo, passa a ser o amor um costume, um hábito. A sinceridade é forçada, não existe mais o desejo.

Os cabelos soltos, desatados, confundiam-se com as folhas. Zumbiam abelhas inquietas, e no alto cantavam passarinhos numa sinfonia maravilhosa, onde havia todos os acordes.

Notara a vontade de Nadesca de falar sobre o problema inquietante do amor. Como se quisesse extravasar os seus sentimentos, os seus anseios naquela hora, sob o tropicalismo da floresta. Falou-me ainda do desejo que alimentava de viver livre, como as águas, barulhentas da corredeira; como os pássaros alígeros que voavam lá em cima; como as corças selvagens que não encontravam limites nem perspectivas marcadas.

– Ser livre como a torrente impetuosa que afunda canoas e desgoverna o rumo dos navios...

Caminhamos um pouco mais. Presa aos galhos de uma embuirana uma catléia vermelha, com as pétalas curvas, chamou-me a atenção. Seria uma dádiva curiosa para Nadesca. Como um símio, escalei a árvore, sem ver que estava podre. Quando ia apanhar a flor, vim ao chão, de uma altura enorme.

Ela correu a ver se me ferira, encostando o calor do seu corpo que retinha todas as volúpias adormecidas, no meu.

Num impulso mais forte, que até hoje não sei explicar se era amor, se teria sido apenas instinto, abracei-a, esmagando-lhe a boca, depois que a vi tremer nos meus braços, com um beijo violento. A parasita rolou das mãos, que tateavam agora o corpo de Nadesca, com volúpia e carinho.

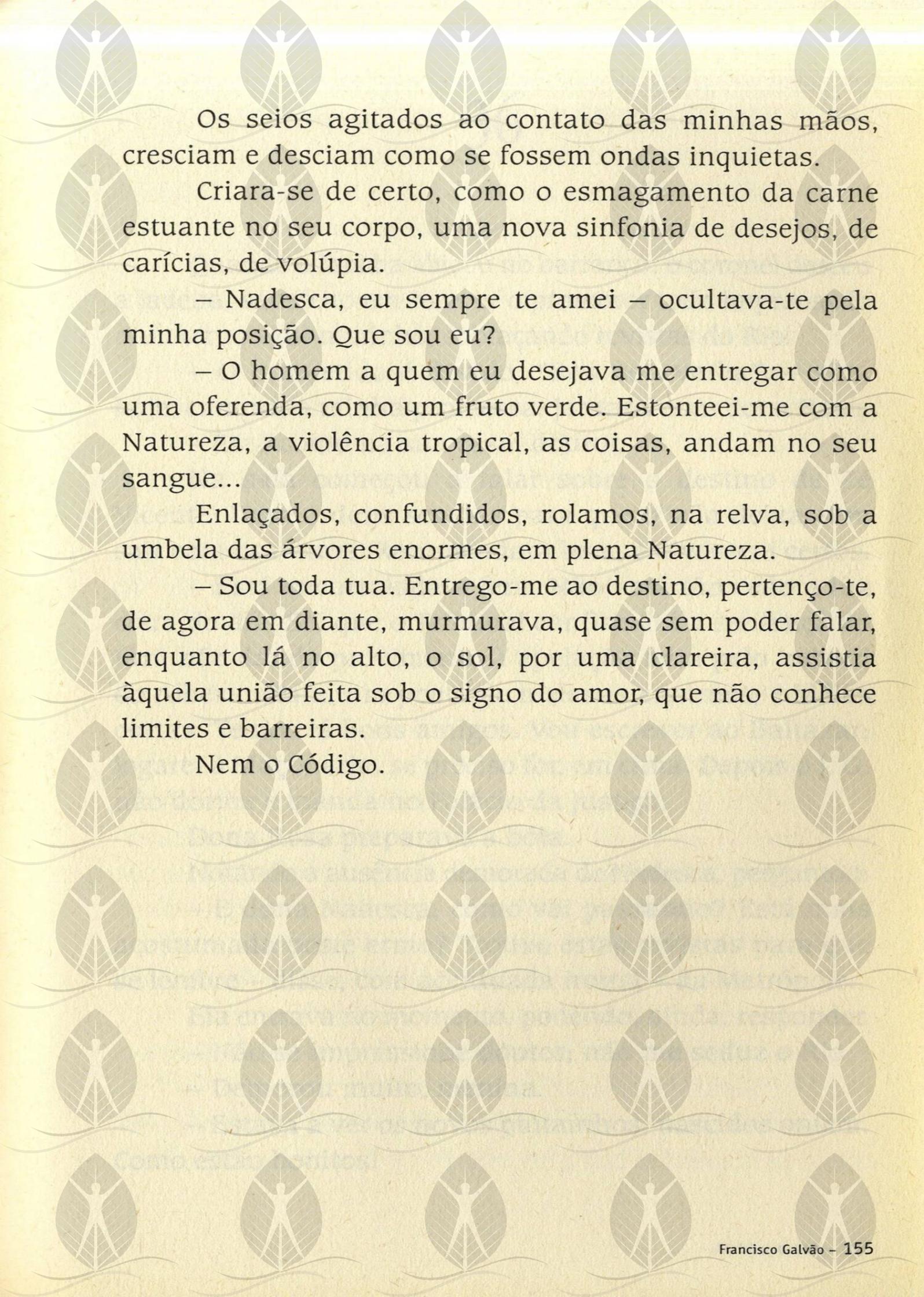
Ela como que desfalecera, suspensa de meus braços, os olhos inquietos, intranquillos.

– Vai me perdoar. Mas foi sem querer. Não resisti: o contato, o carinho com que me amparou...

Sorria enlevada por lhe haver feito ver a primeira página de um romance teimosamente oculto, que abrira a folha com o temporal da volúpia.

Beijei-a com fúria, com entusiasmo, com a força atlântica nos músculos. Como se entrasse nos meus sentidos, elásticos, acordado, distensos, toda a seiva das árvores.

Éramos os dois como um só corpo. Nadesca unira-se com volúpia, com todos os nervos estuantes, os cabelos desnastrados, revoltos.



Os seios agitados ao contato das minhas mãos, cresciam e desciam como se fossem ondas inquietas.

Criara-se de certo, como o esmagamento da carne estuante no seu corpo, uma nova sinfonia de desejos, de carícias, de volúpia.

– Nadesca, eu sempre te amei – ocultava-te pela minha posição. Que sou eu?

– O homem a quem eu desejava me entregar como uma oferenda, como um fruto verde. Estonteei-me com a Natureza, a violência tropical, as coisas, andam no seu sangue...

Enlaçados, confundidos, rolamos, na relva, sob a umbela das árvores enormes, em plena Natureza.

– Sou toda tua. Entrego-me ao destino, pertencço-te, de agora em diante, murmurava, quase sem poder falar, enquanto lá no alto, o sol, por uma clareira, assistia àquela união feita sob o signo do amor, que não conhece limites e barreiras.

Nem o Código.

Quando a lancha abicou no barranco, o coronel desceu a ladeira, satisfeito em receber o promotor todo imprensado num terno azul-marinho, sobraçando revistas do Rio.

– O prometido é devido. “Res non verba”, – vim, hoje, cumprir a minha promessa: jantarei com dona Rosa.

– Está como na sua casa, doutor.

Na sala começou a falar sobre o destino de Zé Vicente. Dera ordens severas para que o não deixassem sair com os outros. Recomendara bem, estivessem certos.

– Está encurralada a fera. Não verá tão cedo a luz clara do dia. Sei que o Tribunal confirmará a sentença do Júri, não dando provimento à apelação feita pelo imbecil do Alberto Maia, um poeta de melenas enormes, e idéias curtas. Temos lá bons amigos. Vou escrever ao Baltazar; jogarei à Maçonaria, se preciso for, em cima. Depois o J. G. não dorme e manda no Palácio da Justiça.

Dona Rosa preparava a bóia.

Notando a ausência demorada de Nadesca, perguntou:

– E dona Nadesca, como vai passando? Está mais acostumada neste ermo? Trouxe estas revistas para que se lembre – disse, com acentuada ironia – da Metrópole.

Ela entrava no momento, podendo, ainda, responder.

– Não se impressione doutor; não me seduz o Rio.

– Demorou muito, menina.

– Estava a ver os novos pintainhos, nascidos ontem.

Como estão bonitos!

- Será possível que não tenha saudades da cidade?
- Não doutor. Prefiro muito mais a vida simples aqui.
- Já sabe da festa em Humaitá, do coronel Lindoso?
- Sei, mas não irei. Detesto esta sociedade mexeriqueira e vazia, sempre a se preocupar com o que fazemos.

O promotor via que perdia terreno. Ela replicara com violência às suas perguntas.

Depois do jantar saímos os três. O Dr. estava intrigado comigo, percebendo os olhares de Nadesca. Enquanto a Lua prateava a água polida do rio, perguntou-me:

- Então, é certo que abandonou os estudos? Por que os não reinicia?

Apenas porque detesto os títulos de qualquer natureza.

Um homem formado está para sempre preso ao anel. Não pode mais fazer nada.

- Penso como ele, disse ela: o homem que se forma é um cidadão que se entrega ao parasitismo. Compra cargos pelo título, onde os exerce mal, sem a devida competência, as mais das vezes.

– Tem sido, aliás, um mal no Brasil esta educação falsa, os homens e as mulheres correm às Universidades, e esquecem as escolas técnicas. O que se vê depois, com mágoa, são bacharéis de rubis e brilhantes no indicador empurrando malas-postais, à noite nos correios e médicos amáveis, servindo de inspetores agrícolas. As mulheres formam-se em medicina, e casam-se sem saber fazer um café.

- O Brasil errado, Brasil perdido, Brasil sem conserto...
- O senhor é comunista?
- Por pesquisar a verdade sobre os problemas sociais, será preciso ser comunista?

Continuei a me encontrar com Nadesca. Amor sem complicações, sem limites, imenso e imutável. Manifestava-se ela cada vez mais mulher, sentindo melhor, com o tempo, a volúpia amorosa, distendidos como saveiros ao vento, jangadas tontas no mar alto, os sentidos.

– Nem imagina como conto as horas, os minutos que faltam para o nosso encontro...

– Nadesca...

– Creio firmemente em ti; não temo mais, por isso, o mundo, a Vida. Nasci para amar livremente. Neta de selvagem, tinha de ter, por força, o instinto dos horizontes sem dimensões, o desejo de liberdade sem freios.

Eram momentos indescritíveis os que passávamos na matas, ou nos igarapés, unidos ao mesmo sonho, como duas criaturas para quem a sociedade, o preconceito fossem indiferentes.

– E se tivesse um filho?

Os olhos encheram-se de uma luz mais viva, ao dizer estas palavras, enquanto um receio surdo se apoderou de mim. Não pensava, ainda, nas conseqüências, embriagado como estava com a delícia daquele amor seu.

– Não te agrada a hipótese; entristeceste?

– Não; comecei a pensar no futuro. Somente agora compreendo o que possa acontecer, com a revolta justa de teu pai. Por mim, não, mas por ti, Nadesca. O que ele não te irá fazer, com o seu instinto da perversidade?

Medi a extensão dos fatos. De relance, pensei na reprovação. Vi Manuel Lobo nervoso, agitando as mãos, desarvorado. O que sucederia a Nadesca?

Enlaçou-se sorrindo e disse, unindo os lábios aos meus:

– Terei a coragem de afrontar o ódio, a cólera dos meus, pelo nosso amor, por amor de ti, e daquele que já vive dentro de mim...

– Que dizes?...

– É verdade, Anatólio. Como me vejo feliz sentindo que existe alguém, em meu íntimo, fruto do meu desejo, a se alimentar do meu sangue. Mostrou-me os seios túrgicos.

Perto, no atalho do caminho, passavam os seringueiros. Ouvia-se bem a conversa:

– Qual nada, o coronel não vai consentir no sindicato...

– Mode que? talvez premita...

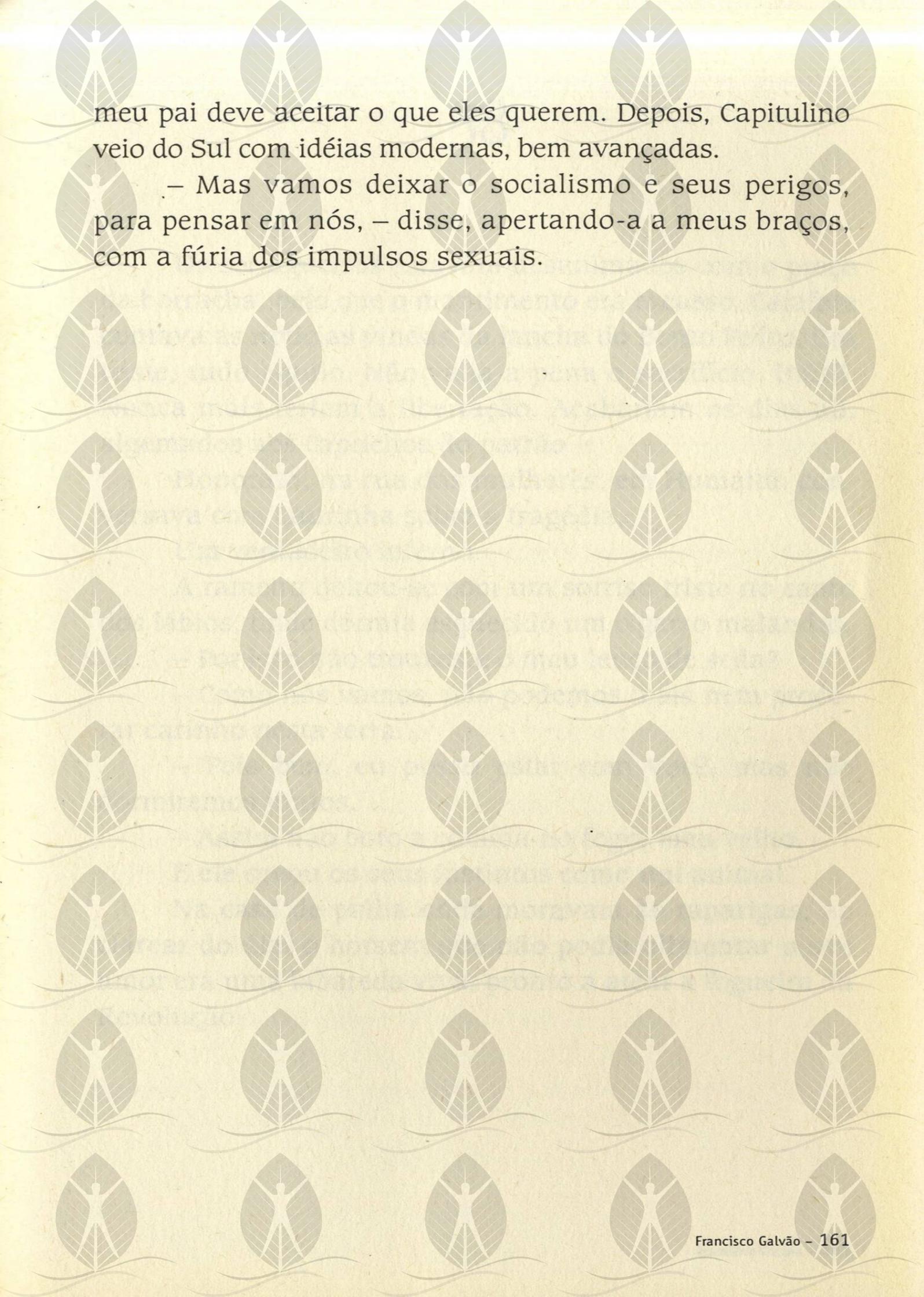
Tudo que é para nosso bem, não vai com ele: atrapáia logo com desculpas. Ruim que só cascavé!

As vozes iam morrendo na distância. O sol descia cálido. Tudo convidava ao repouso.

– Você vê o que se prepara? Meu pai não se apercebe de que as massas estão compreendendo o seu destino. Egoísta, possui, como latifundiário, em terras, uma área maior que a Suíça. Não a cultiva como era preciso e nem quer distribuí-la com os que o ajudam, com essa pobre gente que ele martiriza.

– Há de mudar de pensamento.

– Hei de ver aí a vitória desta gente que sofre esmagada pelo trabalho. Há de vir o dia da libertação. Tudo me diz que



meu pai deve aceitar o que eles querem. Depois, Capitulino veio do Sul com idéias modernas, bem avançadas.

– Mas vamos deixar o socialismo e seus perigos, para pensar em nós, – disse, apertando-a a meus braços, com a fúria dos impulsos sexuais.

Os seringueiros estavam desanimados com o preço da borracha, pelo que o mantimento era escasso. Calafate contava as notícias vindas da lancha do Bento Pedro. Era triste, tudo aquilo. Não valia a pena o sacrifício. Inútil. Nunca mais teriam a libertação. Acabariam os dias ali, algemados aos caprichos do patrão.

Honorato, na rua das mulheres, em Humaitá, conversava com Laurinha sobre a tragédia.

Um verdadeiro inferno.

A rameira deitou-se com um sorriso triste no canto dos lábios, onde dormia esquecido um cigarro malandro.

– Por isso não trouxeste o meu lenço de seda?

– Como nós vamos, não podemos mais nem procurar carinho nesta terra...

– Pois bem, eu posso estar com você, mas não dormiremos juntos.

– Assim não boto a comida no fogo, meu velho.

E ele cevou os seus instintos como um animal.

Na casa de palha onde moravam as raparigas, ao clarear do dia, o homem que não podia alimentar o seu amor era uma labareda viva, pronto a atear a fogueira da Revolução.

A princípio dona Rosa andou a se impressionar com os vômitos da filha, o quebranto em que se ficava horas inteiras. Remédios de Humaitá não davam jeito. Telegrafou pedindo recursos médicos urgentes.

Nadesca reagia. Era um esforço enorme esconder aos seus, o que sentia. Desenvolvia-se o ventre. Chorava por qualquer coisa; algumas vezes, sem motivo. Tomou-se de aborrecimento indisfarçável pelo pai.

– Se não melhorar, o “Andirá” vem de cima e você descerá nele. Talvez na capital os médicos possam dar jeito.

Minervina veio esclarecer tudo. Subiu as escadas do porto, de volta do banheiro, onde lavava roupa, e contou, com espanto à dona Rosa, o que vira:

– Não tenha mais dúvidas; o que ela tem é gravidez...

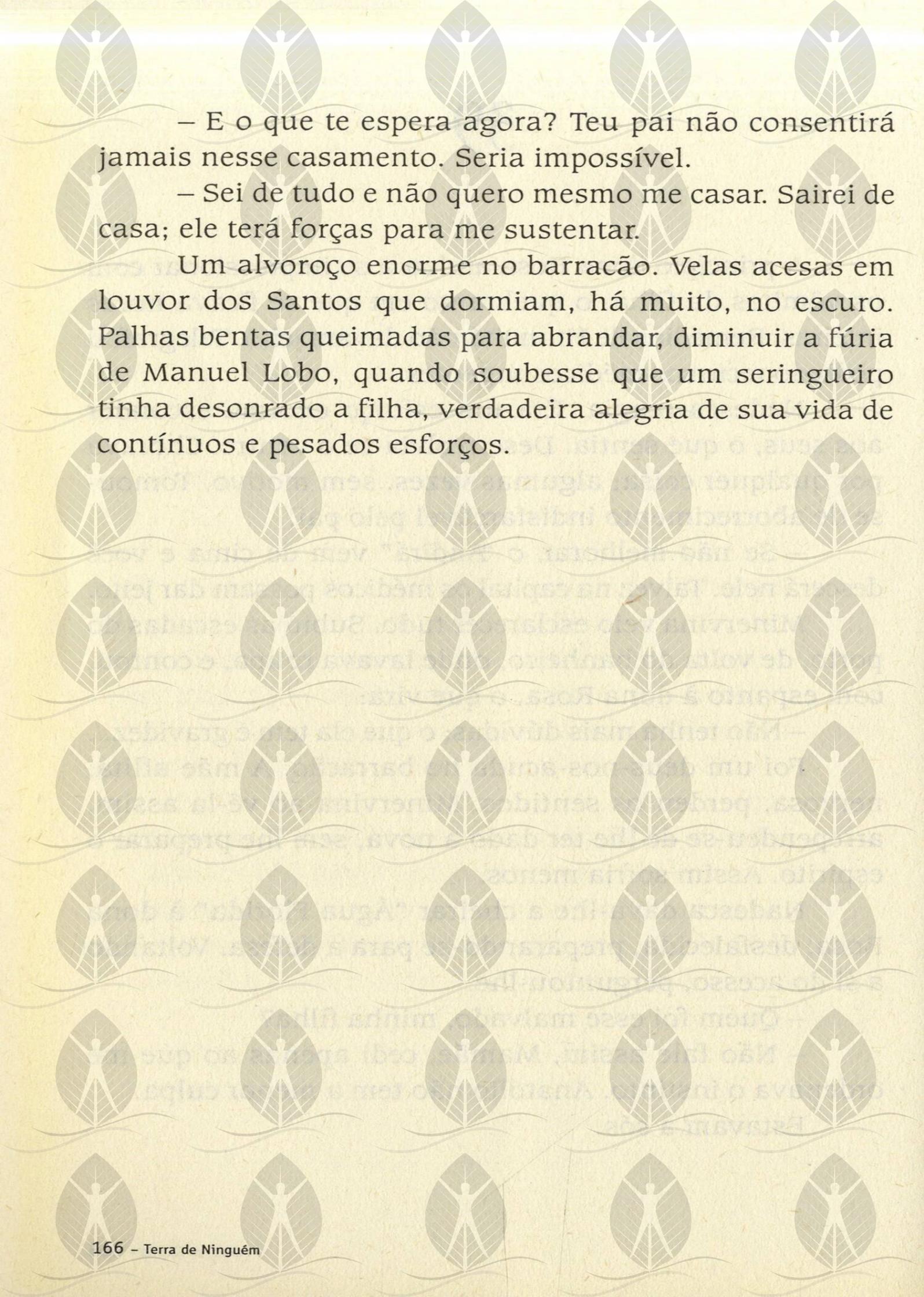
Foi um deus-nos-acuda no barracão. A mãe aflita, nervosa, perdeu os sentidos. Minervina ao vê-la assim, arrependeu-se de lhe ter dado a nova, sem lhe preparar o espírito. Assim sofria menos.

Nadesca dava-lhe a cheirar “Água Florida” à dona Rosa, desfalecida, preparando-se para a defesa. Voltando a si do acesso, perguntou-lhe.

– Quem foi esse malvado, minha filha?

– Não fale assim, Mamãe, cedi apenas ao que me ordenava o instinto. Anatólio não tem a menor culpa.

Estavam a sós.



– E o que te espera agora? Teu pai não consentirá jamais nesse casamento. Seria impossível.

– Sei de tudo e não quero mesmo me casar. Sairei de casa; ele terá forças para me sustentar.

Um alvoroço enorme no barracão. Velas acesas em louvor dos Santos que dormiam, há muito, no escuro. Palhas bentas queimadas para abrandar, diminuir a fúria de Manuel Lobo, quando soubesse que um seringueiro tinha desonrado a filha, verdadeira alegria de sua vida de contínuos e pesados esforços.

Jungido ao tronco, ignorando o destino certo, os meus pés sangravam. O corpo moído do umbigo do boi trazia estampadas, equimoses roxas.

O coronel, como um tigre, urrava no barracão conjecturando a maneira de supliciar-me ao amanhecer do dia, que já se desenhava ao longe.

Não ficaria impune o malvado que lhe roubara o melhor tesouro. Desvelara-se pela educação de Nadesca. Que de sacrifícios não fizera para mantê-la noutra ambiente onde aprendesse alguma coisa!

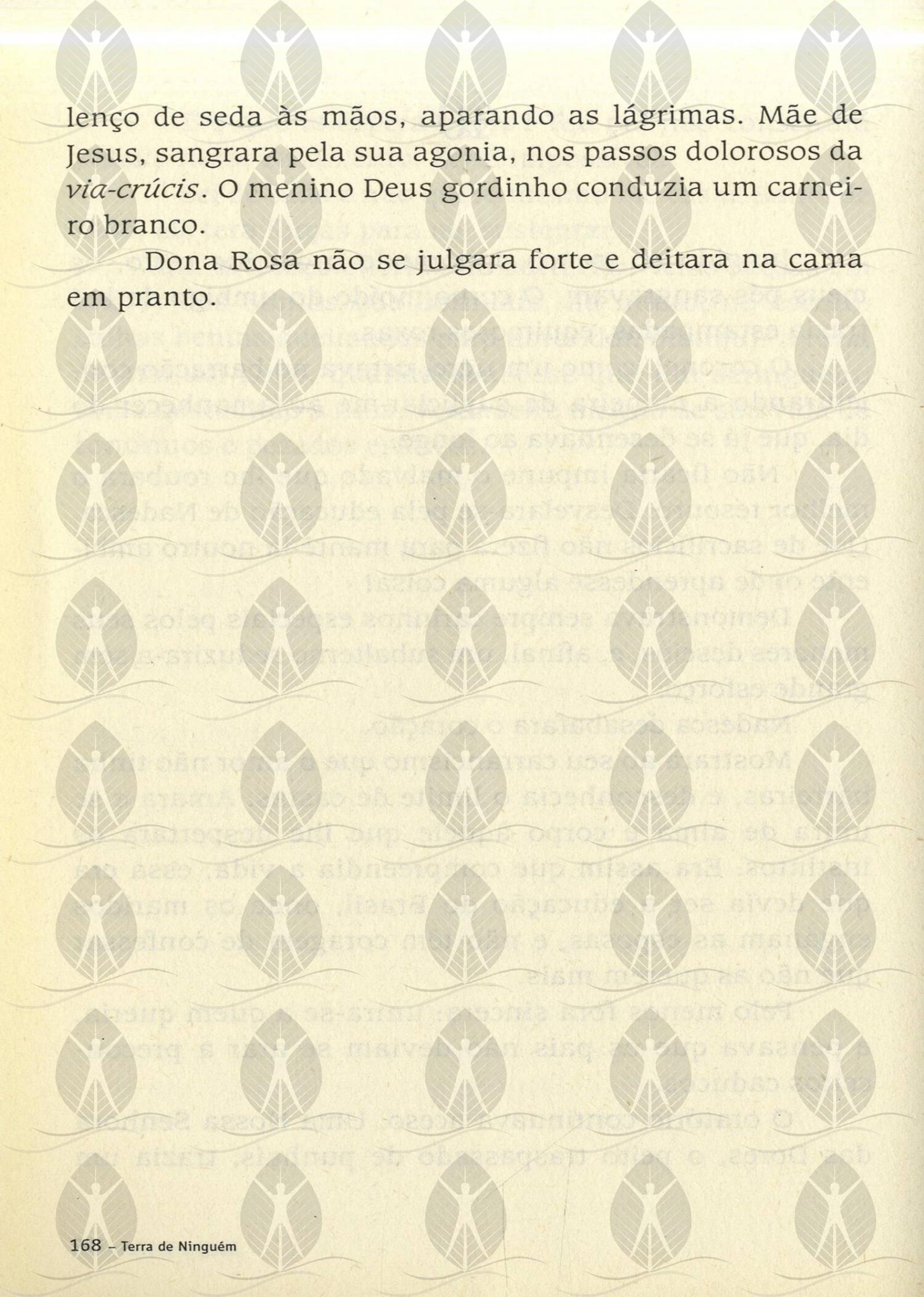
Demonstrava sempre carinhos especiais pelos seus menores desejos, e, afinal, um subalterno seduzira-a sem grande esforço.

Nadesca desabafara o coração.

Mostrara ao seu carrancismo que o amor não tinha barreiras, e desconhecia o limite de castas. Amara e se unira de alma e corpo àquele que lhe despertara os instintos. Era assim que compreendia a vida, essa era que devia ser a educação do Brasil, onde os maridos enganam as esposas, e não têm coragem de confessar que não as querem mais.

Pelo menos fora sincera: unira-se a quem queria, e pensava que os pais não deviam se atar a preconceitos caducos.

O oratório continuava aceso. Uma Nossa Senhora das Dores, o peito traspassado de punhais, trazia um



lenço de seda às mãos, aparando as lágrimas. Mãe de Jesus, sangrara pela sua agonia, nos passos dolorosos da *via-crúcis*. O menino Deus gordinho conduzia um carneiro branco.

Dona Rosa não se julgara forte e deitara na cama em pranto.

– Ele há de se arrepender da hora em que nasceu. Miserável! Capitulino falava com os olhos em cólera.

– Teve medo.

– Não foi receio, não; foi maldade, que mal lhe faria o sindicato?

Não seria apenas uma força organizada dentro da ordem?

O coronel disse que não queria comunistas aqui dentro.

Todos sabiam como ele atendia os operários. O que não podia era consentir em que os trabalhadores se armassem contra ele...

– Ele vai ver que operário não é mais o escravo que ele está acostumado a dominar.

Capitulino, desesperado, aconselhava a violência:

– Esgotamos, meus amigos, os meios suasórios. Vamos agir agora com a força. Onde não vencem os meios pacíficos, deve-se empregar a violência. Rousseau escreveu o seu livro para a onda avassaladora que destruiu a Bastilha. O Brasil tinha o exemplo da Revolução. Foram preciosos os sacrifícios dos dezoito do Forte de Copacabana; as masmorras fétidas do marechal Fontoura; a miséria de Clevelândia, para que vencesse a idéia revolucionária.

Todos estavam de acordo. Era a primeira vez que a massa oprimida se rebelava. Como o Madeira, manso, a levar na correnteza húmus para o oceano, que às vezes se

encrespava, estrondando na fúria das pororocas, os homens também copiavam os seus destinos.

– Abaixo a opressão!

O gesto de Manuel Lobo indignara a todos.

– Contra a opressão, pela violência.

Seminus, na noite negra, metiam medo. Como os bárbaros antigos, mais corajosos ainda talvez, munidos apenas da couraça do ódio e do arnês de revanche, avançavam, para a vingança desejada. Como lobos famintos à procura de alimentos, cegos de ódio, alucinados pelas perfídias do algoz, marchavam para a luta, como semideuses.

Na posição em que me deixaram, atormentado pela sede, o cérebro rodando vertiginosamente em mil pensamentos, comecei a lembrar a criatura amada. O que teria acontecido a Nadesca? E o rebento que estava para nascer? Quem sabe lá se se não realizaria o sonho de meu pai que a morte levara para sempre, com um garoto loiro que lembrasse o “panache” do bisavô holandês, crivado de balas nas ruas de Olinda?

Tinha a certeza de que as minhas horas estavam contadas. Não escaparia à sanha do bárbaro. Mas o destino de Nadesca, que eu ignorava, até então, me sobressaltava. Acauãs sombrios, rasga-mortalhas agourentos, passavam na madrugada, irritando os nervos, como gonzos de portas que ragessem.

Um eco longínquo vinha da floresta. Archotes fantásticos entre as clareiras iluminavam rostos desfigurados destilando ódio. Era a avalanche, a enxurrada humana.

Capitulino à frente dava ordens.

– Contra os opressores, – pelos que sofrem.
– Encurralemos a fera! partiam gritos da massa anônima.

Nadesca confundida com a multidão, comungando de seus ideais, marchava com a avalanche. Percebendo o que conjeturara o pai a meu respeito, tomara aquela atitude suprema.

– Abaixo a tirania! Abaixo a perversidade! Pelos fracos e oprimidos. Avante!

Não podia compreender o que assistia. Aquela mulher extraordinária sacrificara-se pelo meu amor e pelo meu ideal. Avançava disposta a destruir a sua propriedade, voltada contra os seus, para que se cumprisse o sonho dourado da sua juventude e da sua inteligência: a igualdade entre os homens.

Tiros do barracão eram respondidos pela massa desenfreada.

A resistência, porém foi pequena. Manuel Lobo abriu a janela da varanda e deparando com a filha entre os seringueiros, exclamou sem se poder dominar:

– Cadela, por causa desse cachorro, tem coragem de se armar contra os pais!

Correu para a cozinha e ia deitar querosene na casa, para que a sua propriedade não fosse parar nas mãos dos trabalhadores, quando uma bala certa prostrou-o por terra.

Dona Rosa jazia estendida numa poça de sangue, perto do oratório, onde as velas iam se apagando.

O “Remanso” está entregue aos poderes discricionários da multidão. Barris de cachaça foram empilhados no terreno, caixas de conservas, mantas de pirarucu e paneiros de farinha. Era a desforra dos humildes contra o patrão sanguinário e despótico.

Epifânio, ajoelhado à soleira da porta, comentava olhando para o alto:

– Custou mais veio. Deus não deixava de vi castigá este misarave...

Entre as moitas, na manhã que vinha rompendo, enquanto se fazia o saque no barracão, Nadesca, depois de dores cruciantes, abortara, em consequência das energias despendidas.

– A Natureza que nos uniu é o mesmo palco nesta hora em que o nosso filho desaparece.

– Mais uma vida que se consome, vítima do preconceito social do Brasil, perdida na selva numa demonstração positiva da falsa educação e do atraso do meio em que vivemos!

Os quatipurus anunciavam com os gemidos roucos o dia que iluminava a paisagem.

Lá em baixo, o rio continuava a drenar para o oceano, com a enchente, as balsas de murumurés que lembravam mortuárias coroas votivas enquanto os seringueiros, soltos, senhores da sua vontade, despóticos e sombrios, começaram a sentir a volúpia do mando e do domínio nas selvas, onde a Natureza possuía os impulsos da libertação e da posse.



colecção
Resgate

Pássaro de Cinza

Farias de Carvalho

Trilha D'água

Alcides Werk

No Circo sem Teto da Amazônia

Ramayana de Chevalier

Inferno Verde

Alberto Rangel

Coronel de Barranco

Cláudio de Araújo Lima

Terra de Ninguém

Francisco Galvão

As Horas Lentas

Raimundo Monteiro

Nuvens Medrosas

Torquato Tapajós

Ânsias

Elias Gavinho

Frutos Selvagens

Xavier de Carvalho

Os Selvagens

Francisco Gomes de Amorim

Simá

Lourenço da Silva Araújo Amazonas



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS,
em outubro de 2001, pela Gráfica Edelbra. A
família tipográfica utilizada na composição do
texto foi Caxton Lt BT no corpo 12/16. O projeto
gráfico - miolo (editoração/fotolitos) e capa -
foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa
foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.





final da narrativa, sente-se outra pessoa. Já o personagem Anatólio procura, propositadamente, o caminho do seringal, conforme narra: "Somente me serviria a selva enorme, eriçada de mistérios, grávida de perigos, onde melhor aprenderia a conhecer os segredos da vida".

Ao longo de 42 capítulos, temos um pouco da vivência de Anatólio, da labuta de vários seringueiros, do serviço do pessoal do barracão e do dia-a-dia da família de Manuel Lobo, proprietário do seringal "Remanso". O seringueiro nordestino, em especial o cearense, predomina no romance e, ao lado destes companheiros, Anatólio penetra na vida do seringal como brabo. Segundo depoimento recolhido, por Samuel Benchimol, em *Romanceiro da Batalha da Borracha*: "No primeiro ano a gente é brabo, no segundo é barrigudo, no terceiro é que chamam de manso".

O jovem vindo de Manaus, mesmo sendo recomendado por Isidro, o contratador, vai, primeiramente, para a estrada São João, com promessa de vir para o escritório do armazém quando necessário. Anatólio, ao deparar-se com "uma barraca em ruínas", reflete, ironicamente, sobre as diferenças sociais: "Ali seria o nosso lar. Naquela miséria é que haveríamos de aguardar a visita da Fortuna, quando esta, cansada de atender os desejos dos ricos, se acertasse o caminho, e não temesse a distância, quisesse se perder no labirinto intrincado da selva misteriosa".



*E*m *Terra de Ninguém*, um escritor novo, de viva e atilada inteligência, o sr. Francisco Galvão, tenta, com relativo êxito, a experiência do romance social do Amazonas, defendendo uma tese audaciosa, em que a vida na selva assume aspectos insólitos e irreverentes. Livro impregnado de idéias subversivas, de vez em quando, no seu entrecho, de envolta com a descrição das perfídias da natureza, que desbarata o seringueiro incauto, vítima da fúria destruidora da terra e das águas, que tudo destroem nas grandes "cheias", e vítima de seringalista, que lhe absorve as energias morais e físicas, se vislumbram os pendores comunistas do escritor...

Péricles Moraes





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA